

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: PUBLICIDADE E
PROPAGANDA**

**NAS REDES E NAS RUAS:
VIDA COLETIVA, O FORA DO EIXO E A MÍDIA NINJA**

MONOGRAFIA

Nathália Schneider

Santa Maria, RS, Brasil

2015

**NAS REDES E NAS RUAS:
VIDA COLETIVA, O FORA DO EIXO E A MÍDIA NINJA**

Nathália Schneider

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Habilitação
Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Publicidade e Propaganda

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Rúbia da Silva
Coorientadora: Profa. Drnda. Jonária França da Silva

Santa Maria, RS, Brasil

2015

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia

**NAS REDES E NAS RUAS:
VIDA COLETIVA, O FORA DO EIXO E A MÍDIA NINJA**

elaborada por
Nathália Schneider

como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Publicidade e Propaganda

COMISSÃO EXAMINADORA:

Sandra Rubia da Silva, Dra.
(Presidente/Orientadora)

Jurema Gorski Brites, Dra. (UFSM)

Liliane Dutra Brignol, Dra. (UFSM)

Santa Maria, 17 de dezembro de 2015.

Dedico este trabalho aos ninjas e a todos
que constroem um novo mundo possível.

AGRADECIMENTOS

Começo a escrever os agradecimentos com a certeza de que neste espaço formal não cabe o quanto realmente estou grata pelo apoio e carinho que tanto recebi. O que eu quero mesmo é abraçar cada ser vivo que passou pelo meu caminho deixando boas lembranças e sábias provocações. E ao que tudo indica, finalmente vou me formar!

Mas antes, preciso agradecer a minha mãe, Genair, e ao meu irmão, Guilherme, por aguentarem a minha loucura diária. Sem o incentivo e o amor de vocês, este trabalho não teria sido possível. Na verdade, sem vocês viver não seria possível. Até poderia ser, mas seria uma enorme chatice. Agradeço também ao meu pai, Flavio, o professor que ainda tanto me inspira pela paixão com a qual exercia sua função. Pai, tu não ficou sabendo, mas esse trabalho é sobre um novo mundo possível. Acho que você ia adorar! Renata, eu fui o combo que veio junto com o meu irmão, obrigada por tudo, mas principalmente pela sensatez que é um tanto rara para mim. Para toda minha família: querida vó Agatha, Rodrigo, Sandra, Clarice, Marina, Fabrício... todos primos e primas, tios e tias: muito obrigada.

Agradeço a minha orientadora, pois sem ela esta monografia não teria uma linha ao menos. Sandra, obrigada por acreditar e confiar em mim. Você foi essencial na minha trajetória. Jonária, minha coorientadora, não sei como você não enlouqueceu comigo. Obrigada por se juntar nesse projeto com tanto carinho e sobretudo, obrigada pelas cobranças necessárias. Jurema, obrigada pela amizade e por me mostrar o quão apaixonante a antropologia pode ser.

Gil, Francieli e Leandro, se eu fosse começar a listar tudo o que eu quero agradecer a vocês, esta seção resultaria em uma outra monografia. Muito obrigada pelo amor, risadas, companheirismo e principalmente, por compreenderem a minha ausência nos últimos meses. Rômulo, o que teria sido do minha pesquisa sem as dúvidas, sensações e sentimentos compartilhados contigo? Foram tantos cafés para conversar sobre o campo, as angústias de quando o prazo apertava e os infinitos áudios via *whatsapp* para sanar minha dúvidas. Obrigada por tudo e seguimos confusos pelos afetos. Bruno, meu amigo nerd, não existe baixo astral ao seu lado, obrigado por me animar quando estava exausta.

Pelos salões do Macondo, ao som de música boa (nem sempre) com direito a muitas conversas e algumas discussões, Cacau e Bernardo já se passaram mais de seis anos desde que nos conhecemos. Obrigada por mostrarem para a jovem confusa que sou uma outra perspectiva das coisas.

Emilyn, Andressa, Bruna, Sara, Marianna, Kauane, Cristiane, Renata, Gabriel e todos colegas do Fátima: até que nós chegamos longe para a pior turma do colégio.

Ana Paula Daros, Mariana Severo, Camila Rodrigues, Amanda Fiuza e aos colegas que entraram comigo no curso: obrigada pela parceria e por não deixarem eu me desanimar toda vez que achava que não ia me formar. Agradeço também ao Hiorran Soares, pois as aulas ficaram muita mais divertida depois que te conheci.

Alison Machado, Karen Käercher, William Nunes e todos os colegas das ciências sociais, muito obrigada pela receptividade e pela parceira. Vocês praticamente adotaram uma publicitária que queria ser antropóloga.

Laura Garcia, Kamyla Belli, Alana Sprada, Mariana Feistauer e a todas as feministas maravilhosas que transformam o discurso em prática: obrigada por tornarem esse universo um espaço mais aconchegante para nós mulheres. Agradeço a Revista O Viés pelas oportunidades de colaboração e por ser uma constante fonte de inspiração.

Agradeço a todos os integrantes do Fora do Eixo que encontrei durante percorrendo minha trajetório e aos companheiros do Macondo Coletivo, do Massa Coletiva, da Casa Fora do Eixo São Carlos, da Casa Fora do Eixo Porto Alegre e da Casa Fora do Eixo Santa Maria. Agradeço especialmente aos moradores da Casa Fora do Eixo São Paulo, onde fiz meu campo, e que tanto me ensinaram e tanto compartilharam comigo. Chris, Isis, Dalton, Alessandra, Gabi, Edvam, Rafael e Louise, o mês que fiquei com vocês foi destruidor. Muito obrigada por tudo! Agradeço aos Jornalistas Livres, pois conviver com pessoas maravilhosas que acreditam numa comunicação plural é estimulante, a Josi, grande pesquisadora e amiga que encontrei no campo, ao Pablo Capilé, referência no Fora do Eixo, e a Cláudia Schulz, pela admiração enquanto pessoa. Agradeço a todos que de alguma forma constroem um novo mundo possível!

Agradeço com muito carinho a Professora Jurema e a Professora Liliane por aceitarem o convite para compor minha banca de defesa. Para finalizar, agradeço aos professores, técnicos, colegas e companheiros de pesquisa: dividir os corredores da FACOS com vocês por esses seis anos foi um prazer inenarrável. Com certeza sentirei muita falta, mas seguimos, pois navegar é preciso.

O homem coletivo sente a necessidade de lutar. (Chico Science)

RESUMO

Monografia
Curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda
Universidade Federal de Santa Maria

NAS REDES E NAS RUAS: VIDA COLETIVA, O FORA DO EIXO E A MÍDIA NINJA

AUTORA: NATHÁLIA SCHNEIDER

ORIENTADORA: SANDRA RUBIA DA SILVA

COORIENTADORA: JONÁRIA FRANÇA

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 17 de dezembro de 2015.

O trabalho tem como objetivo compreender as práticas, o modo de organização e de vida da Mídia Ninja, e por consequência, do Fora do Eixo, movimentos sociais em rede que constroem uma gestão do comum através da ação coletiva, desenvolvendo o projeto da multidão. Por meio de uma breve análise do contexto de caráter progressista da América Latina, com ênfase no Brasil, é realizada uma narrativa das Jornadas de Junho comparando com as demais manifestações globais. Analiso este cenário sob a perspectiva de uma sociedade em rede potencializada pela internet, com ênfase na cultura *hacker* e nas comunidades virtuais, que construíram através da cultura do compartilhamento, uma nova concepção da produção imaterial. Todos esses aspectos eclodem numa disputa de narrativas e de outras formas de vida do qual os meus sujeitos de estudo fazem parte. A metodologia escolhida para a pesquisa é a inspiração etnográfica multi situada, utilizando da técnica de observação participante com diário de campo.

Palavras-chave: ativismo; internet; Mídia Ninja; multidão; redes.

ABSTRACT

Monograph

Course of Social Communication: Advertising

Federal University from Santa Maria

IN THE NETWORK AND IN THE STREETS: COLLECTIVE LIFE, THE FORA DO EIXO AND THE MÍDIA NINJA

AUTHOR: NATHÁLIA SCHNEIDER

GUIDIND PROFESSOR: SANDRA RUBIA DA SILVA

CO GUIDIND PROFESSOR: JONÁRIA FRANÇA

Date and Place of Defense: Santa Maria, December 17, 2015.

The study aims to understand the practices, organizational processes and life of Mídia Ninja, and consequently of the Fora do Eixo, social movements in network that are building a common management through collective action, developing the project of the multitude. Through a brief analysis of the progressive character of the Latin American context, with emphasis on Brazil, a narrative of the Jornadas de Junho is made in comparison with other global protests. This scenario is analyzed from the perspective of a networked society strengthened by the Internet, emphasizing the hacker culture and virtual communities, which built through the sharing culture, a new concept of immaterial production. All these aspects will hatch at a narratives dispute and of other forms of life that my studies subject are part of. The methodology chosen for the survey is the multi-sited ethnography inspiration, using participant observation technique with field diary.

Keywords: activism; internet; Mídia Ninja; multitude; networks.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Palácio do Planalto, Brasília (DF), no dia 17 de junho de 2013.....	42
FIGURA 2 e 3 - <i>Printscreen</i> da tabela de divisão de tarefas da Casa Fora do Eixo São Paulo de uma semana de julho de 2015.....	58
FIGURA 4 - Foto de <i>smartphone</i> de um Ninja durante protesto pela democratização da comunicação.....	62
FIGURA 5 - Paredes da Casa Fora do Eixo São Paulo.....	65
FIGURA 6 - Dalton e Gabriela brincam com a projeção da sombra.....	78
FIGURA 7 - Parede da Casa Fora do Eixo São Paulo.....	86
FIGURA 8 - Moradores da Casa Fora do Eixo São Paulo com Paul Singer e Ladislau Dowbor no aniversário do Banco Comunitário União Sampaio.....	88
FIGURA 9 - Pátio dos fundos da Casa Fora do Eixo São Paulo em 2015.....	91
FIGURA 10 - Isis, moradora da Casa Fora do Eixo São Paulo, apresentando o programa Puro Lacry transmitido ao vivo pela Pós TV.....	95
FIGURA 11 - Programa Supremo Tribunal Liberal liderado por Claudio Prado ao vivo na Avenida Paulista.....	96
FIGURA 12 - Porta de entrada da Casa Fora do Eixo São Paulo.....	98
FIGURA 13 - Pátio posterior da Casa Fora do Eixo São Paulo.....	101
FIGURA 14 - Colagem com fotografias da Mídia Ninja no espaço do <i>pub</i>	101
FIGURA 15 - Arte que representa um ninja, realizada pelo famoso grafiteiro Cranio, na parede paralela à colagem de fotografias no espaço do <i>pub</i>	101
FIGURA 16 - Montagem de retratos realizados com moradores da Casa Fora do Eixo São Paulo.	105
FIGURA 17 - Retrato de Ísis antes da transmissão ao vivo pela Pós TV do programa Puro Lacry.....	106
FIGURA 18 - Produção audiovisual sobre a janta mexicana produzida pela equipe da Residência Cultural na Casa Fora do Eixo São Paulo.....	107
FIGURA 19 - Tati e Matias, os chefs da noite mexicana.....	108
FIGURA 20 e 21 - <i>printscreen</i> da postagem do vídeo da noite mexicana na página da Casa Fora do Eixo São Paulo.....	110
FIGURA 22 - Isis abraçada na irmã após se emocionar com o bolo surpresa no dia do seu aniversário, que coincidia com a estreia do programa Puro Lacry.....	111
FIGURA 23 - o debate realizado no <i>pub</i> ; os músicos na cozinha da Casa São Paulo; o bar montado com indicação em português e francês; o público dançando no pátio da Casa.....	113
FIGURA 24 - Protesto do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) na Avenida Paulista em São Paulo (SP).....	114
FIGURA 25 - Gabriela, moradora da Casa Fora do Eixo São Paulo.....	116
FIGURA 26 - Gabriela e Alessandra se divertindo antes do Domingo na Casa especial Cultura de Refúgio.....	119

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O CENÁRIO PARA A MULTIDÃO	19
1.1 A América Latina e as políticas públicas dos governos progressistas.....	22
1.2 O Brasil de Lula e o Ministério da Cultura de Gilberto Gil.....	26
1.3 Os movimentos sociais em rede.....	30
1.4 A multidão e as Jornadas de Junho.....	36
2 O HACKER, O MIDIALIVRISTA E A PRODUÇÃO DO COMUM	44
2.1 A cultura <i>hacker</i> e as comunidades virtuais.....	45
2.2 Comunicar é libertar: do <i>hacker</i> ao midialivrista	50
2.3 <i>Copyleft</i> , <i>Creative Commons</i> e a gestão do comum.....	54
2.4 Novos modos de vida: da economia do precariado ao amor.....	60
3 DE VOLTA PARA CASA: REDESCOBRINDO O CAMPO	66
3.1 Ativista versus pesquisadora: observando o familiar.....	69
3.2 Afetos possíveis: a observação participante na vida coletiva.....	73
3.3 As redes e o desafio de uma inspiração etnográfica multi situada.....	77
3.4 O Fora do Eixo e a Mídia NINJA, tem como separar?.....	81
4 A VIDA COLETIVA	85
4.1 Os prelúdios de uma vida coletiva: como surgiu o Fora do Eixo?.....	86
4.2 Novas perspectivas: de circuito cultural a movimento social.....	92
4.3 As casas coletivas e o modo de organização	96
4.4 A multidão e suas singularidades: o que une estes ninjas?.....	103
4.5 Os afetos da prática coletiva: quando vida e trabalho são apenas um.....	106
4.6 Mais amor, por favor: por um ativismo sem dor e sem rancor.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	118

INTRODUÇÃO

A organização em redes não é uma prática exclusiva da modernidade, mas, sobretudo com o desenvolvimento constante da internet, ganhou novas proporções e potencialidades. Os movimentos sociais, coletivos culturais (SAVAZONI, 2013), *fandoms*, ONGs e instituições sem fins lucrativos, encontraram e ajudaram a desenvolver a internet com as suas características, ou seja, um ambiente horizontal, plural e democrático idealizado principalmente pelos *hackers*, para a organização, mobilização e emancipação destes grupos. A sociedade em rede tomou conta não apenas da internet, mas também do mundo globalizado. Ela foi potencializada com a apropriação tecnológica e crescente democratização do acesso à internet, isto é, a um fluxo de produção imaterial circulando com concepções libertárias de propriedade intelectual. Conceitos de público, privado e comum estão sendo revistos constantemente. Todos direitos reservados a todos, defendem os *hackers*, ativistas e alguns usuários.

O Movimento Zapatista, a Batalha de Seattle com o IMC – Centro de Mídia Independente – e o *Slashdot* com a cobertura do 11 de setembro 2001 que a mídia hegemônica não deu conta de realizar, foram as primeiras faíscas de uma multidão armada (MALINI; ANTOUN, 2013), ocupando as ruas e as redes. Estes movimentos foram o início de uma disputa maior que estava por vir: a luta por uma democracia real e novas formas de viver. Foi no fim da primeira década do segundo milênio que o mundo se conectou e foi às ruas para lutar contra as desigualdades sociais e questionar a legitimidade das instituições de poder que governam a sociedade, pois a multidão (HARDT; NEGRI, 2014) não se sente representada por estas.

A Primavera Árabe, uma onda de manifestações e protestos que vêm acontecendo no Oriente Médio e no Norte da África desde 2010, foi mais um marco histórico que comprovou a enorme capacidade de organização e mobilização de grupos em torno de uma causa com o uso da internet, especificamente as redes e os dispositivos móveis. Um ano depois, foi a vez dos Estados Unidos da América verem seu idolatrado sistema financeiro questionado por milhares através do *Occupy Wall Street*. Segundo Castells (2013), este foi um movimento que ocupou o local mais simbólico da economia deste país, sem lideranças formais com as

decisões tomadas em assembleias abertas, e foi multiplicado para 951 cidades de 82 países. No mesmo ano, a Espanha bradou por mudanças na política, economia e democracia do seu país no Movimento 15M. Hoje (setembro de 2015), a multidão grega luta contra as políticas de austeridade econômicas impostas pela União Europeia. A multidão se armou.

Na América Latina, uma nova configuração da sua cartografia política, social e cultural ainda em construção, permitiu que a sociedade civil organizada na internet fortalecesse suas relações em redes, possibilitando o surgimento de inúmeros grupos e coletivos com formas de organização e reivindicações muito similares aos movimentos sociais em rede (CASTELLS, 2013). No Brasil, esta cartografia ganhou como marco um grande número de manifestações que aconteceram em junho de 2013 em mais de 100 cidades do país, que ficaram conhecidas como Jornadas de Junho.

Os brasileiros também se organizaram através das redes, mas, assim como na Primavera Árabe, no Occupy Wall Street, no Movimento 15M, no Movimento Zapatista e na Batalha de Seattle, não era uma massa, um povo ou uma classe social trancando as ruas, mas uma multidão autônoma que também gerava e compartilhava narrativas nas redes, contrapondo com a cobertura das mídias hegemônicas. A disputa também é de narrativas, e assim foi no Brasil: os grandes jornais pediam mais repressão, os midialivristas transmitiam em imagens ao vivo os abusos da polícia. A multidão ganhou, como afirma Castells (2013), “a imagem é soberana”.

A Mídia Ninja – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação – foi um desses grupos de midiativistas que, com seus *smartphones*, denunciaram bombas de gás lacrimogênio, *spray* de pimenta e balas de borrachas sendo disparados contra os manifestantes que cantavam em coro “sem violência”. A Ninja¹ é uma mídia independente formada por ativistas, que produz conteúdo voltado para a internet e tem a sua origem com integrantes da rede de coletivos Fora do Eixo no Fórum Mundial de Mídia Livre na Tunísia. O grupo, que procura trabalhar de forma descentralizada e colaborativa, ganhou destaque nas Jornadas de Junho, pois realizava transmissões ao vivo das manifestações, usando apenas o celular, uma conta no *Facebook* e outra no *Twitter*. Os militantes da Ninja alcançam uma ampla divulgação e mobilização das ações que constroem com outros grupos – como os movimentos estudantis, as ONGs, militantes ambientalistas ou artistas –, não apenas no ciberespaço, mas neste mundo híbrido sem a dicotomia do *online* e *off-line*. A Ninja conquistou uma onipresença nas redes e nas ruas.

¹ Opto por utilizar “a” Ninja e não “o” Ninja, quando me refiro ao grupo, por uma questão política como feminista. Afinal de contas, porque não a Ninja?

O sociólogo Rodrigo Savazoni questiona "onde está a produção teórica e crítica que subsidia o esforço cotidiano de muitos agentes que têm escrito uma história inovadora no Brasil do Século 21?" na introdução do seu livro *A onda rosa-choque*.

Muito do que os intelectuais e ativistas das redes político-culturais produziram está disperso na internet. Isso não é necessariamente ruim, pois vários dos textos são para consumo imediato, escritos no calor de disputas internas ou de afirmação de pautas junto a sociedade. Foram feitos para ter vida efêmera e incidir diretamente sobre a conjuntura. É bom que essa produção exista e continue a existir, demonstrando a dinâmica fluída dos processos de construção rizomáticos da internet. Entendo, no entanto, que fazem falta compilações que possam ajudar a ampliar o debate, principalmente entre agentes que estão “fora” do processo veloz da política em contexto digital. A tarefa de reverter esse quadro de carência bibliográfica não é exclusividade de um ou outro ativista. É coletiva. (SAVAZONI, 2013, p. 12)

Apresentada esta necessidade de produção acadêmica densa sobre o assunto, enfatizo também a minha dificuldade na elaboração do estado da arte, pois os movimentos sociais em rede e todas as manifestações citadas anteriormente ainda são muito recentes, principalmente, as brasileiras. Como já foi mencionado, ainda não podemos descobrir o quanto estes movimentos alteraram – e se alteraram – estruturalmente as suas sociedades e instituições. Essa, inclusive, não é a pretensão do meu trabalho, mas sim a de provocar uma reflexão sobre estes acontecimentos, especificamente a Mídia Ninja, que é um fenômeno ainda mais recente. A inspiração para esta monografia surge da minha própria experiência dentro do movimento.

Conforme citado anteriormente, existem poucas literaturas tratando sobre o assunto em questão. Em minhas buscas, foram encontrados poucos trabalhos já concluídos sobre meu sujeito de estudo, muitos ainda em andamento. Entre as pesquisas, foi constatada uma série de análises voltadas para o estudo da midiatização da Ninja ou comparações desses com as práticas jornalísticas tradicionais. A pesquisadora Maria Clara de Aquino Bittencourt, pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), vem realizando um projeto de pesquisa intitulado “Jornalismo e Midiatização do Ativismo: produção e circulação de conteúdos por coletivos midiáticos em contexto de movimentos em rede e impactos na narrativa jornalística digital”, no qual estuda, entre os vários coletivos midiáticos, a Mídia Ninja.

Em seu artigo *A midiatização do ativismo nas coberturas do G1 e do Mídia Ninja*, a pesquisadora procura construir uma comparação entre as coberturas produzidas pela Mídia NINJA e pelo site de notícias G1 sobre a desocupação de imóveis na Favela do Metrô, no Rio de Janeiro. Através desta comparação e do entendimento de que ocorre um processo de midiatização do ativismo na atuação da Mídia Ninja, Maria Clara de Aquino Bittencourt

busca entender a relação do modelo de comunicação de cada um dos veículos analisados. Outro artigo que também vai pela linha de estudo da midiaticização, a qual não é meu interesse nesta pesquisa, porém sem o foco específico na Mídia Ninja, foi escrito pelos doutorandos em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), com o título *A midiaticização das Jornadas de Junho: o consumo na rede*. Entre os trabalhos voltados para as Jornadas de Junho, o livro *Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*, que contém textos de diversos pesquisadores e jornalistas, me ajudou a compreender melhor este fenômeno, assim como a sua forma de organização e comunicação, da multidão brasileira reivindicando a cidade que é sua por direito.

Também cito o artigo *Tecnologias móveis, mídias independentes e coberturas de mobilizações sociais urbanas: as influências do “midialivrismo” na sociedade midiaticizada*, de Thiago D’angelo Ribeiro Almeida e Amanda Falcão Evangelista, ambos alunos do Programa de Mestrado em Jornalismo Profissional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no qual os pesquisadores buscam compreender como as mídias independentes, especificamente a NINJA, se apropriam da internet, de tecnologias móveis e de redes para informar de uma forma diferente da grande mídia.

Diferente destes trabalhos voltados para a midiaticização da Ninja, as pesquisadoras Monica Martinez, professora de pós-graduação em Comunicação e Cultura na UNISO-SP e Simonetta Persichetti, professora de pós-graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero (FCL-SP), escreveram o artigo *Mídia Ninja: a narrativa fotojornalística brasileira na era digital*, no qual realizam uma análise de conteúdo, comparando a cobertura do jogo de abertura da Copa do Mundo 2014 da Folha de São Paulo com a da Mídia Ninja. Apresento também um penúltimo trabalho para compor o meu estado da arte, o qual foi escrito por Renata Escarião Parente, intitulado *Do midialivrismo de massa ao midialivrismo ciberativista: uma reflexão sobre as perspectivas de comunicação alternativa no Brasil*, no qual ela apresenta o conceito de midialivrismo e suas diferentes origens e a relação desta comunicação alternativa nas manifestações.

O doutorando da linha de Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Leonardo Feltrin Foletto, está realizando o projeto de pesquisa *Cultura hacker no jornalismo: métodos e ética do it yourself nas práticas jornalísticas* com a Mídia Ninja, utilizando a mesma metodologia que proponho neste estudo, que é a inspiração etnográfica. Porém, sua pesquisa apresenta um olhar mais voltado para os artefatos tecnológicos e na possibilidade deles facilitarem para um cidadão qualquer praticar

jornalismo, enquanto eu procuro compreender o estilo de vida e a forma de organização deste coletivo.

Portanto, apesar de eu apresentar vários pesquisadores que estão procurando estudar os movimentos sociais em rede no Brasil, especificamente a Mídia Ninja, em sua maioria, os trabalhos utilizam a linha de pesquisa da midiaticização do coletivo ou a análise de conteúdo produzida pelo mesmo. Diante do exposto, afirmo que todos os trabalhos me ajudaram a refletir sobre o meu sujeito de estudo, porém pontuo que esses aproximam a Ninja para o debate de práticas do jornalismo, o qual não é meu objetivo. Para finalizar meu estado da arte, trago o livro *Os novos bárbaros: a aventura política do Fora do Eixo*, de autoria do já citado sociólogo Rodrigo Savazoni. No livro, o autor apresenta a história e a forma de organização da rede de coletivos Fora do Eixo, que é o grupo que originou a Mídia Ninja. Inclusive, ambos são extremamente parecidos, sendo talvez impossível conseguir separar um do outro.

Então seria o Fora do Eixo a Mídia Ninja? Não. Quase todos os midialivristas do Fora do Eixo fazem parte do corpo da Ninja, porém a recíproca não é a mesma. Hoje, a Mídia Ninja é uma outra rede que está articulada em rede com o Fora do Eixo. A Mídia Ninja cresceu de forma tão espontânea e rápida, que se perdeu o controle. Quem é a Ninja? #SomosTodosNINJAS² ecoou pelas redes e pelas ruas. Mas, então, quem são estes Ninjas?

A cena de um dos ninjas erguido nos braços dos manifestantes em frente à delegacia é muito eloquente quanto à representatividade que esses jovens vêm conquistando. Mas, por mais que se reconheça o valor desse jornalismo de combate, é preciso moderar um pouco o entusiasmo e dedicar algum tempo à reflexão sobre o que vem sendo produzido nesses dias turbulentos. (MORETZSOHN, 2013, *online*)

O grupo ativista denominado Mídia Ninja participa, constrói e articula ações e coberturas em conjunto com outros grupos nas redes e nas ruas, formando as redes dos movimentos sociais em rede. Como é a forma organização e o estilo de vida da Mídia Ninja? Compreender a Ninja é colocar um pouco de luz nos estudos brasileiros dos movimentos sociais em rede e no projeto multidão.

A reflexão sobre o que aconteceu e está acontecendo é importante para melhor compreendermos os fenômenos pelo quais estamos passando enquanto sociedade. É claro que uma análise mais profunda necessita de um distanciamento histórico que ainda não existe. Desta forma, estudar este processo dos movimentos sociais em rede, considerando o projeto de uma multidão, reivindicando uma democracia real e buscando construir outras formas de

² Durante As Jornadas de Junho, sob a acusação de incitar a violência, um integrante da Mídia NINJA que estava transmitindo ao vivo os protestos foi preso. A ação intimidante da polícia gerou grande mobilização e apoio nas redes, desencadeando a popularização desta *hashtag*.

vida, é olhar para o processo e ajudar, mesmo que muito pouco, a desenvolver não aonde chegar, mas como chegar.

O meu objetivo, neste trabalho, é compreender a forma de organização e o modo de vida da Mídia Ninja. Para isso, vou até a antropologia buscar a inspiração necessária para a minha metodologia: a etnografia. Este método de pesquisa implica em uma vivência por um longo período do pesquisador no campo com quem este pretende estudar, convivendo com os nativos. O tempo é um elemento essencial para este tipo de estudo, pois a relação entre pesquisador e pesquisado demanda confiança entre ambos, da mesma forma que, com uma maior permanência no campo, provavelmente mais profundos e densos serão os dados analisados.

A minha permanência no campo não está ligada apenas ao tempo disponível para a elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso, compreendendo que esse não apresenta recursos de uma pesquisa aprofundada com uma longa extensão no campo, construção destinada aos trabalhos de pós-graduação, mas também que para conviver mais intimamente com os Ninjas é necessário um deslocamento espacial que só pude realizar no período de recesso das aulas. Portanto, a exemplo de Barros (2007), utilizo o termo inspiração etnográfica para definir minha metodologia, pois permaneço pouco tempo em campo.

Outro elemento que me motiva a estudar a Mídia Ninja é a minha relação com a mesma por já ter pertencido à Ninja e ao Fora do Eixo como integrante e ativista. Ontem, como militante. Hoje, como pesquisadora. Eu acredito que a relação de proximidade com o tema e a minha vivência no grupo possam somar na pesquisa, procurando unir a teoria acadêmica à prática empírica através de uma inspiração etnográfica multi situada (MARCUS, 2001). Segundo Whyte (2005, p. 283), “assim como seus informantes, o pesquisador é um animal social”, portanto, acredito que a neutralidade é um mito inalcançável, sendo o meu envolvimento político sobre meu tema de pesquisa inevitável. O meu sujeito de pesquisa é vivo e dotado de consciência, assim como eu. A metodologia escolhida está diretamente ligada à minha vivência com o Fora do Eixo e com a Ninja, pois, ao me deparar com o meu sujeito, procurando o estranhamento, percebi que apenas mergulhando novamente neste mar poderia entender e refletir sobre ele.

Através da observação participante e do diário de campo, procurei compreender o modo de organização e de vida da Ninja, estando sempre aberta às surpresas, às revelações e aos estranhamentos que o campo poderia me oferecer. Miller (2013, p. 18) define o antropólogo “como alguém que busca demonstrar as consequências do universal para o particular e do particular para o universal”, por isso defendo que entender a Mídia Ninja é

entender um pouco mais dos movimentos sociais em rede.

No primeiro capítulo, pretendo apresentar brevemente o contexto macro da América Latina, seguindo para o recorte no Brasil com a gestão do Ministério da Cultura, por Gilberto Gil, como ponto crucial para a criação de políticas públicas voltadas para cultura no país, fortalecendo a construção de redes como o Fora do Eixo e a Mídia Ninja. Apresentado este cenário dos movimentos sociais em rede no Brasil que desencadearam nas semelhanças das Jornadas de Junho - momento da história do Brasil que ficou conhecido como marco da retomada da ocupação das ruas e dos espaços públicos pela multidão, disputando uma real democracia e menor desigualdade social -, procuro traçar as semelhanças desse com os demais protestos globais, como o *Ocuppy Wall Street*, os Indignados da Espanha, Primavera Árabe, Batalha de Seattle e outros.

O segundo capítulo é mais voltado para a cultura da internet com ênfase na cultura *hacker* e nas comunidades virtuais, que são as responsáveis pelo caráter livre e descentralizado que a rede mundial de computadores possui. Através da apresentação das práticas do universo *hacker*, é possível compreender a disputa de narrativa traçada pelo midiavivista ciberativista, que enquanto militante da livre circulação de produção imaterial, utiliza das licenças flexíveis de direitos autorais. O *Copyleft* e o *Creative Commons* são muito maiores que uma disputa direta com o Copyright, eles são projetos de gestão do comum e de outras formas de fazer economia e de fazer amor, pois, para Hardt e Negri (2009), a multidão é – acima de qualquer outra definição – um projeto de amor. O que está em disputa é a criação de novos modos de vida.

No capítulo metodológico, são apresentados todos os percalços do campo: a minha trajetória enquanto ativista do Fora do Eixo e da Mídia Ninja, o retorno ao grupo, conflitos sofridos pela militante e pela pesquisadora, os afetos, as surpresas e os desafios encontrados. Também relato o caminho que realizei através de uma inspiração etnográfica multi situada, apresentando os três campos que faço uso para a realização deste trabalho.

O quarto e último capítulo é, também, o mais apaixonado, pois descrevo, além do modo de organização do Fora do Eixo e da Mídia Ninja, as casas coletivas que são estes projetos de um novo mundo possível. A paixão por outro tipo de mundo é o que une estes ninjas mesmo com todas as suas singularidades. Com os afetos da prática coletiva, as barreiras que dividem trabalho e vida são superadas. Esta retomada da gestão de suas histórias é essencial na construção dos novos modos de vida, por isso, o ninja não é o antigo militante rancoroso, nem o ativista de horas vagas. Os ninjas estão entregues por completo. Eles vivem na prática coletiva diária tudo em que acreditam, cultivando o amor que transforma.

1 O CENÁRIO PARA A MULTIDÃO

"Hoje as crianças já nascem digitais ou tudo está na nuvem" são algumas das frases, que encontro no meu dia a dia navegando pela internet - nas redes³, *blogs* ou fóruns - e até em rodas de conversas perdidas em meio ao meu cotidiano. Cada vez mais, percebo que a noção do senso comum sobre a internet além de rasa é extremamente baseada em mitos. Por exemplo, não existe o nativo digital, pois de nada basta o conhecimento técnico - saber mexer em um computador ou *tablet* - sem senso crítico e domínio de linguagem, e acreditar apenas na ideia de nuvem é ignorar a materialidade da internet, pois para armazenar todo o conteúdo - arquivos e dados da rede - existem espaços físicos cheios de servidores, cabos e outros equipamentos necessários.

Trago estes exemplos na introdução deste capítulo, pois quero chamar atenção para outros dois pontos que possuem caráter similar aos anteriores, e que, geralmente, são esquecidos ou ignorados quando o assunto é internet fora do universo acadêmico. O primeiro é em relação à divisão digital, que, segundo Castells (2003, p. 221), é “a divisão criada entre aqueles indivíduos, firmas, instituições, regiões e sociedades que têm as condições materiais e culturais para operar no mundo digital, e os que não têm, ou não conseguem se adaptar à velocidade da mudança”. Apesar de estar sendo reduzida, a divisão digital ainda é encontrada na sociedade global atual. Em minha pesquisa, vou expor teorias, conceitos e estudos que trazem a importância da internet principalmente para os sujeitos em diversas esferas, porém antes de me aprofundar nesses assuntos, quero salientar a real democratização do acesso à internet ainda é algo muito utópico no âmbito global.

De acordo com o relatório *Broadband State*, realizado pela União Internacional de Telecomunicações (UIT), apontou que apenas 43,4% da população mundial possui acesso a internet na sua residência. Os dados ainda são mais preocupantes quando comparadas as taxas

³ Não utilizo a nomenclatura rede social para me referir ao *Facebook*, *Twitter* e sites do gênero, pois compreendo que todas as redes são compostas por relações sociais, sejam consideradas apenas entre humanos ou também entre humanos e não humanos. Quando utilizo rede como adjetivo, ou seja, para caracterizar algo - no caso de cultura de rede ou movimentos sociais em rede - compreendo o conceito rede dentro da visão de Castells, ou seja, como “uma forma particular de organização” (Malini; Antoun, 2013, p. 67), porém ao usar apenas o termo, tenho como objetivo me referir a algo mais amplo do que os sites *online*, ou seja, “um conjunto de relações que ligam pessoas, posições sociais ou outras unidades de análise, como, grupos e organizações” (JOHNSON, 1997, p. 190).

de acessibilidade dos países desenvolvidos em relação aos países em desenvolvimento, sendo 82,2% contra 35,3%. Também é importante ressaltar que a popularização dos *smartphones* com dados móveis como 3G e 4G facilitou o acesso à internet em vários países, como no Brasil. Enquanto que o percentual de assinatura de internet por domicílio é de 48%, um cenário menos excludente quando comparado com o percentual dos países em desenvolvimento, as assinaturas ativas de banda larga móvel a cada 100 habitantes é 78,1 em 2014. No contexto mundial, são mais de 7 bilhões de assinaturas de telefonia móvel em 2015 e estima-se que esse número vai aumentar para mais de 9 bilhões em 2020.

Diante do exposto, quero salientar o quanto o acesso à internet ainda é limitado e excludente e que possuo o conhecimento deste fato na elaboração deste trabalho, o qual apresenta o seu tema de pesquisa inserido no universo que não tem apenas o acesso à internet, mas que também detém conhecimento para usar e modificar a mesma.

O segundo é pontuar questões sobre o usuário e a técnica. Existem duas grandes linhas teóricas divergentes. A primeira coloca o usuário em um degrau maior que a técnica, frisando a importância do indivíduo no processo.

"Internet" é muitas vezes escrito com "I" maiúsculo. Nós preferimos manter a letra minúscula "i" de acordo com as tendências atuais dos estudos de internet. A utilização de maiúsculas sugere que a "internet" é um nome próprio e implica que se trate ou de uma pessoa, como Nancy ou Annette, ou de lugares específicos, como Maddison ou Lawrence. As duas metáforas conferem à internet uma capacidade e um poder que são melhor atribuídos àqueles que a desenvolvem e utilizam. (MARKHAM. BAYMM, 2009, apud FRAGOSO. RECUERO. AMARAL, 2012, p. 23)

Os usuários conhecem, dominam e modificam os *softwares*, os códigos, a linguagem e o uso da internet. Estas práticas são ligadas a uma das influentes culturas na criação da rede mundial de computadores, a ideologia *hacker*. Este é o caminho que Castells (2013) – um dos meus principais referenciais teóricos – escolhe, principalmente, quando ele traz o destaque para os indivíduos na análise das manifestações.

A segunda linha teórica desenvolvida, sobretudo, pelo sociólogo Bruno Latour (2015), defende uma simetria nas relações entre humanos e não-humanos, ou seja, tira da invisibilidade a técnica através da teoria ator-rede. A sociedade é substituída por uma rede sociotécnica, na qual humanos e não-humanos (computadores, *software*, dispositivos móveis, etc.) agem mutuamente, interferindo o comportamento um do outro, porém a técnica pode ser ajustada ao humano conforme a necessidade e desejo. O que o autor defende é que o não-humano também é um ator e um agente desta rede. Inclusive, esta perspectiva pode ser

ampliada para além dos estudos de internet, pois “a visão simétrica de Latour reúne não apenas humanos e não humanos no ordenamento da vida social, mas traz também insights de sociedades modernas e pré- modernas” (STRATHERN, 2011, p. 6).

Entre as duas linhas teóricas divergentes, vou seguir o caminho proposto por Castells (2013), mas não vou utilizar essa perspectiva de indivíduos e, sim, de uma multidão composta por singularidades (Negri, 2004). O destaque da minha pesquisa é do sujeito, é a Mídia Ninja. Porém, na pesquisa de campo, observei que a teoria do ator-rede poderia trazer um olhar interessante para a análise das técnicas e objetos que constroem estes ninjas, tirando-as da invisibilidade. Desta forma, corro o risco de não seguir apenas um caminho, opto pela grafia com a letra minúscula na internet, opto por um destaque maior para o ator humano, porém defendo uma simetria de importância de ambos – sujeito e técnica - no processo.⁴

A revolução na internet possibilitada pelo desenvolvimento da Web 2.0 (O'REILLY, 2005) - termo usado para definir a segunda geração da *World Wide Web* que, segundo Malini e Autoun (2013), é “um conjunto de *sites* cujos conteúdos são totalmente produzidos e/ou hospedados *online* diretamente por usuários, sem qualquer exigência ou permissão, baseado numa arquitetura colaborativa” - foi construída por grupos sociais e culturais, e pela maneira como esses se relacionam com ela.

Como muitos conceitos importantes, o de Web 2.0 não tem fronteiras rígidas mas, pelo contrário, um centro gravitacional. Pode-se visualizar a Web 2.0 como um conjunto de princípios e práticas que interligam um verdadeiro sistema solar de sites que demonstram alguns ou todos esses princípios e que estão a distâncias variadas do centro. (O'REILLY, 2005, *online*)

A sociedade em rede (CASTELLS, 1999) não é uma nova prática humana, mas ela é potencializada pela internet e pela Web 2.0, ou seja, a forma de organização e mobilização de agentes, de coletivos e de movimentos sociais foram modificados com a possibilidade da apropriação tecnológica e a crescente democratização do acesso à internet.

Existe mais um elemento, além do caráter da sociedade em rede potencializada pela Web 2.0, que é de extrema importância para a minha pesquisa e para a internet ser o que é hoje, principalmente, no Brasil: o contexto histórico em que se encontrava a América Latina. O Brasil, acompanhado de outros países da América Latina, encontra-se passando por nova

⁴ Tenho como objetivo desenvolver a minha pesquisa posterior a este trabalho de conclusão de curso às luzes da teoria ator-rede, tirando da invisibilidade os artefatos dos ninjas, principalmente, a internet. O artigo *Juventudes conectadas: sobre o consumo de smartphone, afetividade e ativismo social* escrito em parceria com o mestrando Rômulo Tondo do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, que começa a dar os primeiros passos nessa direção, foi apresentado nas Jornadas Antropológicas da Universidade Federal de Santa Catarina de 2015.

configuração da sua cartografia política, social e cultural. O desenho de uma América Latina pós-neoliberal (MORAES, 2011) com os governos progressistas – compreendendo progressista como "uma linha de pensamento que se comprometa a explicitamente com tudo quanto se possa mudar, transformar e humanizar na sociedade" (MORAES, 2011, p. 22) – unidos a grupos organizados da sociedade fortalece as relações em redes, possibilitando o surgimento de inúmeros grupos e coletivos nos mais variados territórios.

No Brasil, esta nova cartografia em construção encontrou terrenos ainda mais favoráveis para um desenvolvimento veloz e concreto com uma forte parceria da gestão do Ministério da Cultura (MinC), por Gilberto Gil no Governo Lula, com os movimentos sociais em rede e coletivos culturais.

1.1 A AMÉRICA LATINA E AS POLÍTICAS PÚBLICAS DOS GOVERNOS PROGRESSISTAS

O cenário no qual se encontravam os latinos no início da década de 90 era de gigantescas contradições de uma modernização construída tanto pelo Estado quanto pela iniciativa privada, o que agravou as diferenças sociais e as desigualdades econômicas. A divisão desigual de capital econômico e de acesso a bens de consumo aumenta exclusão na apropriação de capital simbólico, social e cultural para a maior parte da sociedade.

O antropólogo argentino Néstor García Canclini (2013) aponta que, neste período, a América Latina se modernizou efetivamente, não apenas como sociedade, mas também como cultura, ou seja, “o modernismo simbólico e a modernização socioeconômica já não estão tão divorciados” (CANCLINI, 2013, p. 96). O que o autor problematiza é a forma como se deu este processo, pois a modernização não é algo negativo, é apenas contraditória, como todo processo de transformação econômica e cultural.

A "socialização" ou democratização da cultura foi realizada pelas indústrias culturais - em posse quase sempre de empresas privadas - mais que pela boa vontade cultural ou política dos produtores. Continua havendo desigualdade na apropriação dos bens simbólicos e no acesso à inovação cultural, mas essa desigualdade já não tem a forma simples e polarizada que acreditávamos encontrar quando dividíamos cada país em dominadores e dominados, ou o mundo em impérios e nações dependentes. (CANCLINI, 2013, p. 97)

Estas questões apresentadas por Canclini (2013) também são fatores para entender o cenário de monopólio midiático que ainda existe hoje em quase todos os países da América Latina, principalmente no Brasil. A proposta de uma análise histórica, política e social do continente latino seria inviável nesta pesquisa, compreendendo a tamanha complexidade da

mesma. O que pretendo trazer são reflexões acerca do continente sobre a gestão de governos progressistas, inseridas no recorte temporal de uma década (1998-2008⁵), período na qual, conforme Moraes (2011, p. 16), "pela primeira vez no continente, políticas que reestruturaram os sistemas de comunicação prosperam nas agendas públicas".

Políticas públicas que visaram diminuir o monopólio midiático, esse ainda é um fenômeno presente e enraizado nos países da América Latina, e descentralizar o acesso e a apropriação da produção e da emissão de comunicação para a sociedade civil não surgiram apenas de iniciativas do Estado. Mobilizações da população e protestos de grupos organizados pressionaram a adoção destas medidas através da pressão popular nos governos, pois a mídia, assim como aconteceu com as demais instituições que representam o poder, vem perdendo a credibilidade entre os sujeitos.

O pesquisador Dênis de Moraes (2011, p. 17) explica o que seria a democratização da comunicação e justifica a sua importância nas sociedades latinas que sofrem com as contradições da modernização. Para o autor, "trata-se de liberar o que os discursos hegemônicos desejam silenciar ou neutralizar: a emergência de outras vozes e outras formas de perceber, traduzir e exprimir a variedade de mundos que o mundo contém". Em países marcados pelas desigualdades, é necessário multiplicar as vozes, emancipar os sujeitos, descentralizar a comunicação e gerar outro discurso e narrativa que dispute com o poder hegemônico.

A hegemonia é obtida e conciliada não apenas em questões vinculadas à estrutura econômica e à organização política, como também à expressão de saberes, práticas, modos de representação, juízos de valor e modelos de autoridade que querem legitimar-se e universalizar-se. (MORAES, 2011, p. 47)

Na minha experiência como midiáivista, muito ouvi sobre a importância da descentralização da comunicação. Acredito que este conceito é compreendido com uma distribuição do acesso à produção comunicacional para a multiplicação de vozes e olhares. Tornar plural e democrática a comunicação é valorizar e apresentar espaço para as diversas identidades culturais para uma disputa não somente de narrativa, mas também de imaginário social⁶ e projeto de vida.

⁵ Hugo Chávez na Venezuela (1998), Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Roussef no Brasil (2002 e 2010), Néstor e Cristina Kirchner na Argentina (2003 e 2007), Tabaré Vázquez e José Mujica no Uruguai (2004 e 2010), Evo Morales na Bolívia (2005), Michelle Bachelet no Chile (2005), Rafael Correa no Equador (2006), Daniel Ortega na Nicarágua (2006) e Fernando Lugo no Paraguai (2008). (MORAES, 2011, p. 15)

⁶ Espaço simbólico em que se estabelecem as identidades se distribuem os papéis e as posições sociais, se exprimem e se impõem crenças comuns, fixando uma representação global e totalizando da sociedade. (Baczko, 1984, p. 54 e 242). (MORAES, 2011, p. 37)

A *descentralização* comunicacional se traduz muito frequentemente em *desregulação*, ou seja, na retirada do Estado como possível agente do interesse público. Transferir a iniciativa à sociedade civil quer dizer, para o discurso neoconservador, concentrar o poder em empresas privadas monopólicas. O desinteresse do Estado em que a informação, a arte e as comunicações sejam serviços públicos faz com que se convertam preferencialmente em mercadorias e só sejam acessíveis a setores privilegiados. (CANCLINI, 2013, p. 371)

Diante da análise exposta pelo autor, que demonstra uma interpretação conflituosa pelo discurso neoconservador, o qual considera a descentralização da comunicação como a retirada do Estado deixando o caminho livre para a iniciativa privada, agravou o monopólio midiático presente na América Latina. Sobre essa ausência do governo, Moraes (2011, p. 54) afirma que "as políticas públicas tornaram-se escassas e insuficientes, e os controles monopólicos e oligopólicos foram favorecidos por legislações omissas", porém o que acontece nesta década de 1998 a 2008, a qual é analisada pelo autor, não é o suficiente para a pluralização das vozes do continente, contudo, são passos que caminham nesta direção, procurando desconstruir um cenário, conforme exposto por Canclini (2013), com longa formação histórica.

No âmbito da adoção de políticas e estratégias públicas para a comunicação, cada país apresenta suas especificidades, assim como algumas medidas diferentes e outras similares. Dessa mesma forma, houve países que progrediram mais em alguns aspectos e deixaram a desejar em outros. Entre as principais diretrizes estão: o surgimento de jornais estatais; outros modelos de televisão⁷, que apresentam uma programação diversificada com abrangência de identidade cultural, temáticas sociais e educativas, e sem publicidade comercial e *merchandising*; apoio ao audiovisual independente; fomento da produção cultural; fortalecimento de mídias comunitárias, principalmente de rádios independentes em comunidades.

Medidas consideradas radicais por muitos, mas necessárias, foram adotadas em níveis diferentes pela Argentina, Venezuela e Equador, para a construção de legislações antimonopólicas. Segundo (MORAES, 2011, p. 90), "estabelecer marcos regulatórios democráticos significa dotar os países de mecanismos legais para frear a concentração monopólica e a mercantilização, bem como atualizar normas para a concessão e a fiscalização das outorgas de rádio e televisão", ou seja, uma maior regulamentação do estado ou da

⁷ Talvez o modelo brasileiro que mais se aproxime desta proposta é a TV Cultura que recebe incentivos públicos e privados, porém permanece com autonomia. Este ano (2015), o instituto de pesquisa britânico Populus divulgou que a TV Cultura é o segundo canal de maior qualidade do mundo, atrás apenas da BBC. Consultar: <https://pt.wikipedia.org/wiki/TV_Cultura>. Acesso em: 5 out. 2015.

sociedade civil organizada para os veículos midiáticos que utilizam, sobretudo, concessões públicas de comunicação, como a televisão e o rádio.

O Brasil, como já pontuei, não apresentou muitos avanços nas diretrizes para a democratização da comunicação. Assim, mesmo apresentando um governo com características progressistas, em 15 de abril de 2008 o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva renovou, por mais 15 anos, as concessões públicas da Rede Globo Televisão⁸, "cujo sinal é transmitido a 99,84% dos 5.043 municípios brasileiros por 121 emissoras, entre geradoras e afiliadas" (MORAIS, 2011).

Os midialivristas afirmam existir uma grande falta de transparência e critérios questionáveis no histórico de concessão pública brasileira.⁹ Moraes (2011, p. 107) ainda acrescenta que "a hesitação do governo Lula em matéria de políticas de comunicação não foi apontada apenas por entidades ativistas e pesquisadores, como também por Paulo Vannuchi, então ministro-chefe da Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República".

Mesmo com alguns retrocessos nas políticas públicas de comunicação, como a renovação das concessões para a Rede Globo e filiadas, a gestão de Lula apresentou evoluções positivas no cenário social brasileiro. As políticas públicas voltadas ao fomento da produção cultural foram essenciais para que grupos como o Fora do Eixo e, posteriormente a Mídia Ninja, criassem formas mais concretas. Moraes (2011, p. 126) comenta que "no Brasil o Ministério da Cultura reelaborou o Plano Nacional da Cultura, fixando como meta 'superar positivamente as indústrias culturais e seu caráter restritivo e homogeneizador, predominante até os anos 1990'".

O Plano Nacional da Cultura, o Programa Cultura Viva, o Programa Mais Cultura e os incentivos fiscais, como a Lei Rouanet e as Leis de Incentivo à Cultura, foram as principais diretrizes brasileiras adotadas pelo Ministério da Cultura durante a gestão de Gilberto Gil, tanto para os âmbitos regionais quanto para os municipais.

Ao aceitar o convite para o Ministério, Gil também se comprometia com o conteúdo programático da Coligação Lula Presidente, cujas diretrizes para o setor cultural indicavam a ruptura com a orientação neoliberal dos governos anteriores, a retomada do protagonismo do Estado no setor cultural e o entendimento de cultura como direito social básico, como ativo econômico e como política pública para o desenvolvimento e a democracia. (COSTA, 2011, p. 55)

Apesar das excessivas burocracias existentes e "na insuficiente articulação entre

⁸ Nas capitais de Minas Gerais, Distrito Federal, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, as quais estavam vencidas desde outubro de 2007.

⁹ Consultar: <<http://www.intervozes.org.br/arquivos/interrev001crtodnc>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

órgãos e programas da área e na ainda reduzida participação do Ministério da Cultura com o orçamento da União" (MORAES, 2011, p. 127), essas medidas geraram estímulos de criação cultural no Brasil. A produção cultural é trabalho imaterial compartilhado formando resistências criativas, que ampliam as noções de identidade e imaginário coletivo. Estas ações também foram importantes para a formação de uma cultura em rede dos movimentos sociais, pela qual, segundo Savazoni (2013, p. 65), o Brasil "viu florescer um conjunto de ações de cultura digital com DNA transgressor".

É importante lembrar que a crítica ao monopólio midiático e a luta pela democratização da comunicação são pontos centrais dos midialivristas, ou seja, dos integrantes da Mídia Ninja. Porém, o que queria mostrar é o contexto da América Latina, principalmente do Brasil, que mesmo com diversas dificuldades, começou a encontrar os espaços para o desenvolvimento das redes e outras formas de comunicação e produção cultural. As instituições de poder começam a perder a credibilidade e a confiança da população. Um projeto de multidão começa a emergir querendo mais democracia, mais acesso e menos desigualdade social, que ainda atravessa os países latinos marcados por uma grande concentração de renda nas mãos de poucos, mas antes disso vamos ao Brasil de Lula.

1.2 O BRASIL DE LULA E O MINISTÉRIO DA CULTURA DE GILBERTO GIL

Castells (1999, p. 58) apresenta como questão fundamental “como combinar novas tecnologias e memória coletiva, ciência universal e culturas comunitárias, paixão e razão?” em um mundo marcado por globalização e fragmentação. Para Savazoni (2013), esta resposta pode ser encontrada no Brasil.

E é verdade que o Brasil tem uma característica, do ponto de vista da relação com os processos tecnológicos, que se revela em inúmeras dimensões da nossa vida. Se nos remetermos à antropofagia, dentro do pensamento oswaldiano [o escritor Oswald de Andrade, autor do *Manifesto Antropófago*], encontraremos o conceito de que “o que vem de fora não me é estranho”. Quer dizer, eu recebo, reprocesso e devolvo recriado. Isso nada mais é do que a recombinação, o remix, que é a essência dessa cultura participativa, digital. Digamos que, no Brasil, nós remixamos desde sempre. Essa não é uma cultura estranha a nós. (SAVAZONI, 2013, p. 158)

Foi na terra dos tupiniquins que a internet encontrou um viés remix - segundo Savazoni (2013, p. 149) "O que é remix? Saque e dádiva. Troca. Tudo junto e misturado. O que é meu é seu e é nosso." – já vem intrínseco na cultura. E era isso que a internet mais desejava encontrar para ser apropriada da forma que os *hackers* a imaginaram e a

desenharam: uma plataforma livre, descentralizada e colaborativa. Não é por acaso que foi no Brasil que a sociedade civil organizada por uma cultura em rede construiu colaborativamente uma das legislações mais democráticas para a internet.

Segundo Levy (2014, *online*), "o Brasil está, mais ou menos, na vanguarda desse movimento", afirmou o filósofo francês quando a legislação ainda estava para ser aprovada pela Câmara de Deputados. Este ponto foi muito marcante para mim, pois atuei como militante e acompanhei todo o processo, da elaboração até a aprovação, participando ativamente de debates acerca do tema.

O Marco Civil da Internet - oficialmente Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014 - é a lei que regula o uso da internet no Brasil, por meio da previsão de princípios, garantias, direitos e deveres para quem usa a rede, bem como da determinação de diretrizes para a atuação do Estado - foi aprovado, garantindo a privacidade e a liberdade de expressão do usuário e a neutralidade da rede, após forte pressão de ativistas¹⁰, *hackers*, coletivos e movimentos sociais, todos articulados em redes. Porém, do Brasil de Lula até chegar ao Marco Civil, existiu um longo caminho que foi traçado - não somente pelo governo, mas por inúmeros grupos que pautaram a cultura no país -, este é o processo que pretendo discorrer brevemente para explicar como a cibercultura¹¹ brasileira foi tão fortalecida.

Conforme já foi exposto, ao contrário da América Latina que deu passos importantes para uma possível democratização da comunicação, o Brasil não conseguiu acompanhar estes avanços mesmo sob a gestão do governo de caráter progressista de Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT). Segundo Moraes (2011, p. 110), "quase sempre, Lula evitou a rota de colisão com os grupos de comunicação", mesmo sendo muito cobrado pelos movimentos sociais e grupos independentes de comunicação. Apesar de pouco avançar neste quesito em seu governo e, o mesmo está se repetindo na gestão de sua sucessora Dilma Vana Rousseff, cujo mandato que começou em 2011, sendo reeleita para novo mandato em 2015 e que segue em vigor, o governo de Lula implantou inúmeras políticas públicas voltadas para outro setor que caminha junto ao citado, a bancada cultural brasileira.

Em 2002, após perder três eleições presidenciais, Lula chegava ao governo do país: operário, metalúrgico, sem diploma superior e sindicalista. Lula representava uma grande mudança simbólica de poder no Brasil, e com ele muitas expectativas a serem superadas, principalmente dos movimentos sociais e coletivos culturais.

¹⁰ Vou apresentar mais adiante algumas diferenças teóricas dos conceitos para ativista e militante, porém não os farei uso neste meu trabalho. Utilizo militante e ativista como sinônimos.

¹¹ Alguns teóricos discutem se o termo mais apropriado é cibercultura ou cultura digital. Neste trabalho, opto por usar ambos como sinônimos para evitar repetições desnecessárias e cansativas.

O setor cultural aguardava com grande expectativa o início do novo governo. No dia 23 de outubro, poucos dias antes do segundo turno da eleição, cerca de três mil pessoas, entre artistas, intelectuais e militantes, haviam comparecido ao Canecão, tradicional casa de espetáculos na zona sul do Rio de Janeiro, para ouvir Lula e participar do lançamento do seu programa para a área de cultura. O documento “A imaginação a serviço do Brasil”, elaborado a partir de debates promovidos com artistas e personalidades da cena cultural, de junho a setembro, apontava para um modelo de gestão cultural com maior presença e participação do Estado, em contraposição ao “Estado-mínimo” defendido pelos últimos governos, que guardavam o viés neoliberal dos anos 1990. (COSTA, 2011, p. 25)

O comunicado da escolha de Gilberto Gil para assumir a gestão do Ministério da Cultura do Brasil foi uma grande surpresa para todo o Brasil, pois o músico - filiado ao Partido Verde (PV) - nem fazia parte da Coligação Lula Presidente¹². A notícia bem recebida pelo setor cultural foi rebatida com fortes críticas e até piadas pela oposição. Porém, Gil não assumia o importante cargo público sem experiência alguma, pois o músico e ativista já havia passado pela política anteriormente - em 1989, ele fora eleito vereador mais votado de Salvador, capital da Bahia - e sem contar a inquestionável bagagem que adquiriu ao longo de sua vida no tropicalismo e em outros movimentos que participou como artista e ativista.

Gilberto Gil chega ao Ministério levando bagagem de músico e compositor, com obra relevante e vasto reconhecimento nacional e internacional. Logo após sua posse, quando perguntado sobre quais seriam as diretrizes da política cultural do novo governo, o ministro Gilberto Gil responde: “a abrangência”. (COSTA, 2011, p. 52)

Ao assumir o cargo no Ministério da Cultura e, apesar de experiente e ovacionado pelo setor cultural, Gilberto Gil encontrava um atraso histórico nas diretrizes das políticas governamentais voltadas para esta área. Savazoni (2013, p. 65) aponta que "os enormes desafios propostos pela reconfiguração social, política e econômica ocasionada pela digitalização dos bens simbólicos e pelo surgimento da rede mundial de computadores exigem o desenvolvimento de políticas públicas criativas", desta forma Gil e sua equipe procuraram constituir um diálogo constante com os movimentos sociais e coletivos culturais. A gestão do Ministério da Cultura adotou programas, que mesmo insuficientes, são extremamente importantes para o país e seu desenvolvimento.

Em outubro de 2007, a cultura é, formalmente, incluída na Agenda Social do Governo Federal, formada por um conjunto de ações que priorizam o combate à pobreza na cidade e no campo. Junto com outros seis eixos – Redução das desigualdades, Educação, Saúde, Juventude, Direitos de Cidadania, e Segurança – a

¹² Integrada pelos seguintes partidos: Partido dos Trabalhadores (PT), Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Partido Comunista Brasileiro (PCB), Partido da Mobilização Nacional (PMN) e Partido Liberal (PL).

cultura passava a ocupar, por meio do Programa Mais Cultura, um patamar de maior relevância no Governo Federal e na administração pública, o que possibilitou a descentralização e a cooperação entre os entes federativos na realização de diversas ações do MinC. (COSTA, 2011, p. 184)

A cultura agora é pauta da Agenda Social do Governo Federal. O empenho do Ministério da Cultura sob a gestão de Gil conversando com o setor cultural gerou novas políticas e diretrizes que foram planejadas, desenvolvidas, executadas, aplicadas e avaliadas no Brasil através de consultas populares. Uma dessas diretrizes é o Programa Mais Cultura, que tem como objetivo principal combater a exclusão cultural, estruturando-se em três eixos principais: cultura e cidadania; cultura e cidades; cultura e economia. Uma das inúmeras ações diretas deste programa macro é a criação de Pontos de Cultura, também conhecida como Programa Cultura Viva.

O historiador Célio Turino foi secretário da Secretaria de Cidadania Cultural do Ministério da Cultura entre 2004 e 2010, sendo um dos responsáveis pela criação do Programa Cultura Viva. Turino afirma que este projeto contém um caráter transformador, pois “pressupõe autonomia e protagonismo sociocultural, potencializados pela articulação em rede e se expressa com o reconhecimento e legitimação do fazer cultural das comunidades, gerando empoderamento social” (TURINO, 2010, p. 85). Este é um exemplo das políticas públicas adotadas na gestão de Gil no Ministério da Cultura que traz o que Savazoni (2013) aponta como saídas criativas para driblar essa nova reconfiguração política, social e econômica no Brasil atual. Nas diretrizes do Programa Mais Cultura, a cultura digital está inserida como elemento essencial a ser ocupado pela sociedade para uma produção imaterial e o consumo de bens simbólicos, portanto, mais democrática, assim como para uma pluralização do imaginário coletivo.

Os gestores de Pontos de Cultura são, em sua maioria, ativistas de diversos grupos e estão conectados em rede, assim, apesar de grandes diferenças – de territoriais a culturais –, existem elementos que perpassam todos esses grupos, como "autonomia, protagonismo, empoderamento, gestão em rede, conhecimentos livres, software livre, cultura digital, trabalho compartilhado, partilha, generosidade intelectual" (TURINO, 2015, p. 89). Muitas destas características também são compartilhadas pelos movimentos sociais em rede de outros países, ou seja, os ativistas brasileiros não caminhavam sozinhos nessa construção, pelo contrário, inspiravam e eram inspirados pela ação coletiva de outros grupos.

Segundo Hardt e Negri (2014, p. 365), “qualquer pessoa que viaje para diferentes partes do mundo e encontre vários grupos envolvidos nos protestos pode facilmente reconhecer os elementos comuns que os ligam numa gigantesca rede aberta”. Nesta rede

aberta – possibilitada, principalmente, pela internet –, ocorrem trocas de experiências sociais, alternativas criativas, conhecimentos articulando as redes em redes mais amplas e assim por diante através da produção imaterial desses grupos, como apresento a seguir, contextualizando exemplos de manifestações ocorridas em países como os Estados Unidos da América até chegar ao Brasil.

1.3 OS MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDE

Estados Unidos, Seattle, novembro de 1999. O que seria o midiático e produtivo encontro da Organização Mundial do Comércio (OMC) se transformou em uma das maiores manifestações com milhares de pessoas e coletivos do mundo inteiro – ONGs, ativistas, estudantes, anarquistas, agricultores, *hackers*, midialivristas, inclusive grupos que não dialogavam entre si até então, como os sindicalistas e ambientalistas – protestando por diferentes motivos, num primeiro olhar, mas que, quando observados com mais calma, convergiam para a questão central da Batalha de Seattle: as contradições de um sistema global excludente. “Seattle foi o primeiro protesto global” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 361).

Manifestações contra as instituições que representam o poder do mundo globalizado já existiam antes desse evento, por exemplo, o Movimento Zapatista no México, entretanto “Seattle foi o primeiro grande protesto contra o sistema global como um todo, a primeira efetiva convergência das inúmeras queixas contra as injustiças e desigualdades do sistema global, e inaugurou um ciclo de protestos semelhantes” (HARDT; NEGRI, 2014, p. 362).

A multidão de Seattle aproveitou o palco montado para o encontro da OMC e fez dele seu estandarte, porém, como o que acontece com os movimentos sociais em redes – que são heterogêneos, descentralizados e sem lideranças fixas –, esses não foram compreendidos pela mídia tradicional, pela polícia e pelos chefes de estados. A cobertura da mídia hegemônica sobre a Batalha de Seattle tornou-se uma vergonha mundial, enquanto que os Centros de Mídias Independentes (IMC), construídos pelos ativistas para realizar a cobertura dos protestos contra a OMC, ganhavam visibilidade e começavam a rascunhar o que seria a, então, mídia livre na internet.

A mídia corporativa passou a condenar em uníssono os estranhos “baderneiros vestidos de preto” que estavam “pondo em risco” a “segurança” e a “integridade” da “população ordeira e pacífica”; o IMC fez surgir na Net, e se espalhar como um vírus por toda parte, um cartaz com a foto de um policial vestido de preto investindo com sua moto sobre os manifestantes ajoelhados em meio ao gás lacrimogêneo com

a frase: “Nós também repudiamos a atitude desses estranhos baderneiros vestidos de preto que usam de violência contra a população ordeira e pacífica”. (MALINI; ANTOUN, 2014, p. 148)

A guerra de narrativas, fenômeno que marca todas as manifestações dos movimentos sociais em rede desde então, teve como marco histórico Seattle. A cobertura jornalística da mídia tradicional vem sendo questionada cada vez mais e colocada em cheque, junto com a sua credibilidade, constantemente por grupos midialivristas como a Mídia Ninja. Segundo Malini e Antoun (2014, p. 12), “o midialivrista é o hacker das narrativas”¹³.

O ecossistema descentralizado e interativo da internet passou a ser utilizado por grupos ativistas, coletivos, agências de notícias independentes com o propósito de disseminar informações sobre os atos contra a globalização capitalista, boicotados pelos meios hegemônicos. O ativismo em rede relevou novas formas de mobilização, de engajamento e de difusão em tempo real. A instantaneidade, a transmissão descentralizada, a abrangência global, a rapidez e o barateamento de custos tornaram-se vantagens ponderáveis (Moares, 2009, p. 240-241). Os recursos da internet contribuíram também para o surgimento de observatórios de análise e crítica dos conteúdos midiáticos, de redes colaborativas e de intercâmbios informativos sem finalidade lucrativa. (MORAES, 2011, p. 55)

As possibilidades de comunicação atuais também trouxeram a emancipação de grupos que antes não estavam legitimados culturalmente no imaginário coletivo e que agora constroem a sua própria narrativa. O discurso não é mais mediado por alguém de fora, é o olhar de determinado grupo social sobre si mesmo e sobre a sua identidade. Essas possibilidades surgem da ocupação da internet por agentes com o objetivo de produzir informação e conhecimento. Castells (2013, p. 11) afirma que "a mudança do ambiente comunicacional afeta diretamente as normas de construção de significado e, portanto, a produção de relações de poder".

Um exemplo possível deste fenômeno aconteceu com o *funk* carioca, que de cultura subversiva da favela foi para a novela brasileira, programas de auditório, casas de *show* em todo o Brasil, etc. Segundo Savazoni (2013, p. 158), "a cultura digital é de participação, colaborativa, favorece as trocas horizontais, permite que as pessoas ponham a mão na massa, produzam, distribuam o que produzem, criem redes articuladas", não apenas o funk carioca, mas a indústria fonográfica independente é um grande exemplo deste processo.

O Brasil é o primeiro país a se alinhar inteiramente a um modelo de compartilhamento como forma de progresso econômico, cultural e social. E isso aparece em diferentes níveis, desde o mais baixo – como a cultura do funk de favela, que pressupõe o compartilhamento em sua essência – até o mais alto, com o

¹³ Não que esse seja um fenômeno completamente novo, mas com a internet, foi potencializado. Este aspecto será abordado com maior profundidade no segundo capítulo.

presidente Lula dizendo que prefere soluções *open source* para os problemas do país. Há outros países que estão se desenvolvendo desta forma, mas nenhum outro está tão à frente quanto o Brasil. (SAVAZONI, 2013, p. 110)

Assim como os produtores culturais, grupos musicais, artistas independentes, os movimentos sociais encontram nas comunidades virtuais do ciberespaço, o que eles precisavam para se conectar com outros grupos e para articular redes entre si. Este fenômeno não acontece apenas no Brasil, mas em todas as sociedades modernas globalizadas.

Do surgimento do Movimento Zapatista (Arquilla, Ronfeldt, Fuller e Fuller, 1998) até a explosão da Batalha de Seattle (Armond, 2000), as comunidades virtuais têm se afirmado como forma típica de organização da cibercultura (Jones, 1997). Elas surgiram na Internet baseadas em uma multiplicação do conhecimento produzido e apropriado como um bem comum. (MALINI; ANTOUN, 2014, p. 131)

Klein (2009, p. 325) corrobora essa ideia ao afirmar que "como a própria internet, as ONGs e as redes de grupos de afinidade são sistemas indefinidamente expansíveis", ou seja, as redes se conectam diretamente com outras redes, sem intermediários, como um nó se conecta diretamente com outro nó na internet. São redes em redes, formando gigantescas teias com capacidade de aumentar e agregar incontavelmente vezes.

Em vez de um único movimento, o que está surgindo são milhares de movimentos intrinsecamente ligados uns aos outros, como "hotlinks" conectando seus sites na internet. Essa analogia é mais do que coincidente e é na verdade a chave para se compreender a natureza mutável da organização política. Embora muitos tenham observado que os recentes protestos de massa teriam sido impossíveis sem a internet, o que foi esquecido é como a tecnologia da comunicação que facilita essas campanhas está moldando o movimento à sua própria imagem. (KLEIN, 2009, p. 322-323)

Os movimentos sociais em rede são conectados entre si de múltiplas formas, dos telefones celulares à face a face, sendo alguns mais utilizados e eficientes que outros em determinadas situações, mas o sistema de comunicação em rede é multimodal (CASTELLS, 2013), ou seja, inclui redes *online* e *off-line*, pois "há uma íntima conexão entre as redes virtuais e as redes da vida em geral. O mundo real em nossa época é um mundo híbrido, não um mundo virtual nem um mundo segregado que separaria a conexão *online* da interação *off-line*" (CASTELLS, 2013, p. 169).

É fato que esses movimentos não existiriam sem a internet, pois muitas de suas características são reflexos da cultura *hacker* (CASTELLS, 2003), porém, mesmo que estes grupos estruturam a interação inicial nas redes da internet, segundo Castells (2013, p. 160), "eles se tornam um movimento ao ocupar o espaço urbano, seja por ocupação permanente das

praças públicas seja pela persistência das manifestações de rua” com a existência constante na internet.

Desta forma, onde ficaria o tão famoso ativismo de sofá? Este mito amplamente divulgado pela mídia brasileira aponta que as mobilizações aconteciam apenas na internet, sem que os usuários saíssem de sua zona de conforto - do aconchegante sofá, no qual estão sentados enquanto teclam em seus computadores - para encarar as intempéries de uma manifestação na rua. *Twitter* é muito mais cômodo do que andar quilômetros carregando cartazes e entoando gritos de guerra ou ocupar um espaço público com acampamentos autogestados por dias. Em ambos os casos, correndo o risco de sofrer repressão através da violência policial. Porém, eles estavam dispostos a realizar as duas ações: por que não ocupar e tuitar ao mesmo tempo? Uma onda de manifestações e revoluções conectadas em rede tomou o mundo, do oriente para ocidente, chegando ao Brasil.

O M12M, Movimento 12 de Março ou “Geração à Rasca”, em Portugal; o M15M, Movimento 15 de Março ou movimento dos indignados, na Espanha e o “Occupy Wall Street”, nos Estados Unidos, surgem no bojo da aguda crise financeira que atinge o núcleo orgânico do capitalismo global desde 2008. O movimento “Occupy Wall Street” nos EUA se inspirou nos movimentos sociais europeus como o M15M da Espanha. Por conseguinte, o movimento dos indignados espanhóis se inspirou nas rebeliões de massa que impulsionaram a “Primavera Árabe” e que derrubaram governos na Tunísia e Egito. (ALVES, 2012, p. 31)

Da mesma forma, as ruas da Espanha e dos Estados Unidos foram tomadas por milhares de pessoas acampando nas praças públicas e saindo em longas marchas entoando gritos de força popular, contra a desigualdade social e o atual sistema econômico de exploração da vida humana. A utopia de uma real democracia estava lançada.

Ainda como integrante do Fora do Eixo na época, residindo na Casa Fora do Eixo Porto Alegre, colaborava na comunicação do evento Conexões Globais¹⁴ que acontecia simultaneamente com o Fórum Social Temático¹⁵. O primeiro evento trazia convidados internacionais que haviam participado dos protestos na Espanha e nos Estados Unidos. Recordo da grande inquietação dos participantes na Casa de Cultura Mário Quintana - espaço onde ocorriam os encontros - imaginando quando e se um dia esse fenômeno iria acontecer no Brasil.

Quando milhares tomariam as ruas e os espaços públicos, reivindicando o que é a

¹⁴ O Conexões Globais é um evento que busca promover e intensificar o diálogo entre os diferentes atores da sociedade em rede, tratando de temas como democracia 2.0, Marco Civil da Internet, soberania na rede, cultura digital e mobilização social na era da internet. Consultar: <<http://www.conexoesglobais.com.br/conexoes-globais/>>. Acesso: 25 jun. 2013.

¹⁵ O Fórum Social Temático é um evento auto-organizado por organizações e movimentos sociais ligados ao processo do Fórum Social Mundial.

deles por direito? A resposta tardou, mas chegou. As Jornadas de Junho inundaram o Brasil de luta popular. Em uma reunião do Fora do Eixo realizada por *skype*, na qual apesar de não ser mais moradora da Casa de Porto Alegre durante as Jornadas de Junho, me encontrava lá para cobrir os protestos na capital gaúcha como colaboradora do NINJA, escutei um dos gestores da Rede falar: "cara, nós esperamos a vida toda por esse momento". Esse era o sentimento dos ativistas, pois ao contrário da desastrosa narrativa da grande mídia, os militantes nunca dormiram¹⁶. Inúmeros movimentos sociais em rede já estavam ocupando as ruas, como a Marcha da Maconha¹⁷, a Marcha das Vadias¹⁸, Existe Amor em SP¹⁹, entre outros.

Segundo Castells (2013, p. 161), "só se pode garantir autonomia pela capacidade de se organizar no espaço livre das redes de comunicação; mas, ao mesmo tempo, ela pode ser exercida como força transformadora, desafiando a ordem institucional disciplinar ao reclamar o espaço da cidade para seus cidadãos". O direito à cidade é o direito de ocupar as ruas com protestos e manifestações. É neste ponto que entra o papel dos midialivristas conectados em rede com os demais movimentos para gerar a cobertura das ações coletivas. Não basta ocupar as ruas, é necessário tornar visível esta ocupação, é necessário contar uma história, é necessário disputar uma narrativa.

Narrativas ou histórias sempre foram muito importantes para manter as pessoas unidas em uma organização, pois elas podem exprimir o sentido de identidade e pertencimento – elas são capazes de dizer quem somos, porque estamos juntos e o que nos faz diferentes dos outros. Elas podem igualmente comunicar um sentido de causa, propósito e missão, exprimindo objetivos, métodos e disposições culturais – o que acreditamos, o que queremos fazer e como. A história certa pode manter as pessoas conectadas à rede que por sua flutuação não consegue antecipar a defecção. Pode, também, gerar pontes entre diferentes redes e a percepção de que o movimento tem um momento vitorioso. (MALINI; ANTOUN, 2014, p. 74)

¹⁶ O meu primeiro protesto foi aos 17 anos, quando era estudante de Cinema e Animação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e foi também nesta vez que já conheci a repressão da Polícia Militar com seu famoso *spray* de pimenta. Aos 19 anos participei da Marcha da Liberdade, sendo um fenômeno descentralizado, autônomo e simultâneo em centenas de cidades do Brasil, já como integrante do Fora do Eixo.

¹⁷ A Marcha da Maconha é um movimento descentralizado e autônomo, presente em diversas cidades do mundo, que pauta a regulamentação da maconha e demais questões relacionadas ao tema. Além da Marcha que acontece mundialmente em maio com o primeiro evento no ano de 1994, o coletivo também realiza encontros, seminários e palestras. Esses ficam a critério da autonomia da organização da Marcha da Maconha em cada cidade. Consultar: <<http://marchadamaconha.org>>. Acesso em: 28 abr. 2013.

¹⁸ Assim como a Marcha da Maconha, a Marcha das Vadias é um movimento descentralizado e autônomo, presente em diversas cidades do mundo. O movimento é feminista e trabalha questões de gênero, principalmente a violência contra a mulher. A Marcha, que acontece mundialmente, começou em Toronto no Canadá em 2011.

¹⁹ "Festival que durante a campanha eleitoral para a prefeitura de São Paulo reuniu 20 mil pessoas na Praça Roosevelt em um protesto pacífico e articulado por meio da internet." (SAVAZONI, 2013, p. 17). O grupo seguiu realizando encontros com o objetivo de articular a ocupação do espaço público após a realização do Festival.

Os protestos são organizados em redes na internet para, então, irem às ruas. Nas ruas e após as ruas eles seguem conectados neste mundo híbrido. A onipresença nesta ambiência é uma das marcas principais das manifestações globais organizadas pelos movimentos sociais em rede.

Antes de seguir para a narrativa das Jornadas de Junho, acho importante trazer um resumo das características estruturais desenvolvidas por Castells (2013) – algumas já apresentadas ao longo do texto – numa tentativa de construir um padrão emergente que une todos esses movimentos sociais em rede para melhor compreender esse fenômeno tão recente e complexo. Inclusive, muitas dessas estruturas poderão ser encontradas na forma de organização do Fora do Eixo e, por consequência, da Mídia Ninja.

Em primeiro lugar e mais importante, os movimentos sociais em rede possuem um desejo de mudança na estrutura e nos valores da sociedade.

Pretendem transformar o Estado, mas não se apoderar dele. Expressam sentimentos e estimulam o debate, mas não criam partidos nem apoiam governos, embora possam se tornar alvo do marketing político. Mas são muito políticos num sentido fundamental. Particularmente, quando propõem e praticam a democracia deliberativa, baseada na democracia em rede. (CASTELLS, 2013, p. 165)

A possibilidade de uma democracia real é praticada no modo de organização destes movimentos, pois, segundo Castells (2013), eles são conectados em rede de múltiplas formas neste mundo híbrido, ou seja, em redes *online* e *off-line*; são construídos enquanto movimentos ao ocupar o espaço urbano, sejam ocupações temporárias como as manifestações brasileiras, ou permanentes como os acampamentos espanhóis, a soma dos universos *online* e *off-line* constituem um terceiro universo espacial, o qual Castells (2013) chama de espaço da autonomia; são tanto globais quanto locais, pois, mesmo apresentando pautas concretas em relação ao seu território, também questionam o sistema mundial como um todo; possuem uma origem relativamente espontânea, que geralmente é desencadeada por uma indignação compartilhada, como no caso da violência policial brasileira com os manifestantes; são virais, pois acompanham-se protestos em outros lugares do mundo, inspira a mobilização; são autorreflexivos; geralmente, não são pragmáticos, pois as tomadas de decisões em assembleias dificultam ações concretas; são horizontais, o que ajuda a construir um companheirismo e solidariedade entre os integrantes; são autogovernados, pois não possuem uma liderança central e, sim, uma multiplicidade de gestores para diferentes comitês relacionados às áreas específicas, como comunicação, segurança, estrutura e alimentação.

Apesar destes avanços que venho citando ao longo do texto, o Brasil ainda é um país

marcado por gigantes diferenças econômicas e sociais. Mesmo com um maior acesso a bens materiais por uma grande parcela da população, o consumo e a apropriação de capital econômico, simbólico, cultural e social democratizado ainda é um sonho muito longínquo. Melhorou, mas a periferia²⁰ urbana brasileira ainda sofre com a injustiça social e sangra com a violência simbólica e física. Quando apresento, a seguir, uma multidão que vai às ruas politicamente lutando por justiça social nas Jornadas de Junho, é importante lembrar que *a periferia brasileira nunca dormiu*²¹, e que protestos constantes vêm acontecendo nesse território marcado por contradições econômicas, desigualdades sociais e violência, praticada pelo tráfico e pelo estado.

No mesmo 25 de junho de 2013, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e o Movimento Periferia Ativa participavam de uma reunião com a presidenta Dilma Rousseff, arrancada em meio aos atos de rua nas periferias. Um dos pontos da pauta foi o fim imediato das violências policiais nas periferias. Os mesmos movimentos, em conjunto com a Resistência Urbana, o Comitê Contra o Genocídio da Juventude Negra e o Movimento das Mães de Maio, já haviam realizado, no dia 14 de maio de 2013, em São Paulo, o “Dia das Mães Sem os Filhos”. (BRITO; OLIVEIRA, 2013, p. 69)

Também quero ressaltar que multidão é um conceito de classe, pois “de um ponto de vista espacial, a multidão é ainda explorada, na medida em que constitui a sociedade produtiva, a cooperação social para a produção” (NEGRI, 2004, p. 15). Este corte interseccional é importante para compreender melhor as Jornadas de Junho com as contradições que manifestações tão heterogêneas e multifacetadas carregam em seu cerne. Isso não quer dizer que não seja possível encontrar nessa um ponto que converge esta multidão.

1.4 A MULTIDÃO E AS JORNADAS DE JUNHO

Brasil, junho de 2013: milhares de pessoas nas ruas em centenas de cidades brasileiras; cartazes e faixas com pautas progressistas e conservadoras; o Palácio do Planalto tomado por manifestantes; bandeiras de partidos políticos expulsas dos protestos; redução da tarifa do transporte público; etc. São inúmeras as imagens das ruas de 2013 no Brasil, sobretudo, no mês de junho. O *site* Artigo 19 apresenta que, ao longo do ano, foram realizados 619 protestos, desses 15 com mais de 50 mil pessoas, 16 com mais de 10 feridos, 112 com uso de

²⁰ Não pretendo definir e conceituar nesta pesquisa o que seria a periferia urbana brasileira, mas trago essa reflexão, pois foi uma questão muito debatida durante as Jornadas de Junho.

²¹ Cartazes com essa frase apareceram nas manifestações quando a mídia hegemônica anunciava: *o gigante acordou*.

armas não letais, 10 com uso de arma de fogo, 08 mortes, 837 feridas, 2608 detidas, 117 jornalistas agredidos ou feridos e 10 jornalistas detidos. Além de inúmeras, são diversificadas, complexas e contraditórias como apresentam os dados do Artigo 19. Dois anos passados, será possível olhar para junho de 2013 e compreender melhor este indecifrável mês?

A luta por um transporte público acessível, democrático, barato e de qualidade não é uma novidade em protestos nas cidades brasileiras. Inclusive, é recorrente. Todo reajuste da tarifa da passagem de ônibus ou metrô é marcado por manifestações que, em sua maioria, não obtinham vitória²². Os manifestantes costumavam ser um número não tão expressivo, a grande mídia não cedia pauta ao movimento e a tarifa subia. Porém, algo mudou "naquela quinta-feira, dia 13 de junho de 2013, o Movimento Passe Livre (MPL) já estava em sua quarta batalha contra o recente aumento das tarifas de transporte urbano em São Paulo quando foi sentido um deslocamento sísmico" (VIANA, 2013, p. 53).

Os protestos pela redução da tarifa conduzidos em São Paulo pelo Movimento Passe Livre²³, também já aconteciam em Porto Alegre, Rio de Janeiro, Maceió e outras cidades. Mas, São Paulo, junho de 2013 foi diferente. Por que São Paulo? Uma revolta no centro econômico do país seria reverberada para outras capitais e cidades chegando no **Brasil profundo**²⁴.

Impulsionados pelo aumento da tarifa do transporte público em São Paulo, grupos organizados foram às ruas para criticar a atual mobilidade urbana das cidades brasileiras, mostrando toda a irracionalidade do sistema. Mais uma vez, a mídia tradicional, a polícia e as lideranças políticas não compreendiam as reivindicações. Em um momento emblemático do documentário *Junho, o mês que abalou o Brasil*, um chefe da polícia reclama que "não há unidade de liderança" no movimento, sendo dessa forma, difícil a negociação entre os manifestantes e a polícia.

O conflito era inevitável. A grande mídia pedia mais repressão às manifestações sob acusações de vandalismo e também menosprezava a causa do movimento, afirmando que era

²² A Revolta do Buzu de Salvador (BA) em 2003 e a vitoriosa Revolta da Catraca de Florianópolis (SC) em 2004 geraram acúmulos de experiências interessantes que para o processo popular de manifestação. A rede construída pelo diálogo desse grupos, originou o Movimento Passe Livre (MPL).

²³ "O MPL é um grupo de pessoas comuns que se juntam para discutir e lutar por outro projeto de transporte para a cidade. não somos filiados a nenhum partido ou instituição. O MPL é um movimento social independente e horizontal, o que significa que não temos presidentes, dirigentes, chefes ou secretários, todos têm a mesma voz e poder de decisão dentro dos nossos espaços." Consultar: <<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

²⁴ Brasil profundo é a denominação usada por integrantes do Fora do Eixo, que me apropriou nesta pesquisa, para identificar as cidades pequenas e do interior do Brasil que apesar de esquecidas pela indústria cultural e pela grande mídia, possuem uma rica produção imaterial, simbólica e cultural.

apenas por causa de vinte centavos, conforme apresentou Arnaldo Jabor, no Jornal da Globo²⁵ em rede nacional. O pedido da mídia hegemônica foi atendido. A Polícia Militar foi em grande número preparada para por fim nos protestos de 20 mil pessoas, conseguindo desmanchar a organização nas ruas, mas não nas redes. Segundo dados do Artigo 19, foram 235 detidos e mais de 100 feridos, incluindo: uma repórter da Folha de São Paulo agredida com uma bala de borracha no olho; bombas de gás lacrimogêneo jogadas para dentro de apartamentos de cidadãos que registravam os manifestantes gritando "sem violência" e a PM indo ao encontro deles justamente a base de violência; imagens de um policial quebrando o vidro da própria viatura, provavelmente para acusar manifestantes de agressão contra patrimônio da PM; jovens detidos por portarem vinagre²⁶. Todos esses vídeos, fotos e relatos foram espalhados pelas redes: conversas, mensagens, *Facebook*, *Twitter*, *blogs*, *Youtube* e outras plataformas híbridas. Era visível que a polícia não estava preparada para agir sobre vigilância de tantas câmeras fotográficas, filmadoras e *smartphones*, não apenas dos manifestantes, midialivristas ou da lente frenética da Ninja que transmitia ao vivo o protesto, mas inclusive de moradores e transeuntes.

A violência da Polícia Militar não é uma novidade. As balas de borracha que assombraram o centro de São Paulo são balas de verdade na periferia, só que desta vez os policiais estavam sendo filmados. Foi através destes inúmeros dispositivos que a denúncia da violência policial foi gerada, e não pela mídia hegemônica. Centenas de depoimentos a favor das manifestações pipocaram nas redes sociais. Até um evento – em tom irônico – pedindo a legalização do vinagre foi criado no *Facebook*.

Mas os movimentos não nascem apenas da pobreza ou do desespero político. Exigem uma mobilização emocional desencadeada pela indignação que a injustiça gigante provoca, assim como pela esperança de uma possível mudança em função de exemplos de revoltas exitosas em outras partes do mundo, cada qual inspirando a seguinte por meio de imagens e mensagens em rede pela internet. (CASTELLS, 2013, p. 159)

A violência policial uniu a cidade de São Paulo. A mobilização ultrapassou a pauta específica do transporte público, agregando outras questões de cunho político-social, como educação e saúde pública. O enorme abismo entre os cidadãos e suas instituições ganhava voz. Mas não são apenas os motivos e inspirações que são ampliados nos protestos, os limites geográficos extrapolaram a cidade de São Paulo, gerando mobilização de milhares em

²⁵ Consultar: <<https://youtu.be/46pFy-nGEGo>>. Acesso em: 10 out. 2015.

²⁶ Foi divulgado um manual na internet, que colocava o vinagre como melhor forma de aliviar os incômodos causados pelo gás lacrimogêneo.

inúmeros municípios do Brasil, os quais também tiveram inicialmente como pauta o transporte público e seguindo o mesmo processo de São Paulo, ampliaram essa para outras já citadas.

Este dia foi marcante para mim, pois estava em Santa Maria com um dos principais integrantes da Mídia Ninja. Nós estávamos trabalhando juntos em um Festival de Teatro e, quando chegamos em casa à noite, nos atualizamos de tudo que aconteceu. Eu, assim como ele, segui no fluxo de compartilhar, comentar e postar a minha opinião nas redes sociais. No outro dia, ele recebeu uma ligação da equipe da Mídia Ninja de São Paulo, pois o próximo protesto seria histórico e precisavam dele na cidade. Ele desligou o celular e sorriu. Ele foi para São Paulo, eu para Porto Alegre.

Foram utilizados vídeos, *posts*, associados a *hashtags*, *tweets* e *memes online*, para criar ondas de intensa participação em experiência de tempo e de espaço, a partilha do sensível, a intensidade da comoção e engajamento construídos num complexo sistema de espelhamento, potencialização entre redes e ruas. (BENTES, 2013, p. 14)

As Jornadas de Junho começavam, do #VemPraRua²⁷ aos conflitos entre esquerda e direita: uma série de eventos aconteceram em um país sem a tradição de manifestações. Construir estes processos não é um desafio fácil, mas o desejo por mudança fez com que todos suspendessem suas diferenças por alguns momentos. A multidão, que estava ocupando as redes e as ruas, é uma potência. Ela “desafia qualquer representação por se tratar de uma multiplicidade incomensurável” (NEGRI, 2004, p. 17), sendo ao mesmo tempo “sujeito e produto da prática coletiva” (NEGRI, 2004, p. 20). Esta potência, que é a multidão, se organiza e se arma no ciberespaço através das comunidades virtuais junto com as redes de resistências que já existiam.

A multidão quebrou a narrativa: defendeu os protestos e acusou a polícia de barbárie. Mesmo quando o assunto era a polêmica tática *black block*, que sempre dividiu opiniões, muitos questionavam a lógica do que é mais legítimo: a violência contra a pessoa ou a destruição de patrimônio público ou privado? De pautas como essas, surgiram inúmeras outras: educação e saúde pública; redução da violência policial; direito à cidade; mais participação política; democracia real. No dia seguinte a 13 de junho, a mídia hegemônica se curvou perante os protestos: agora, a violência policial era um ato inconcebível e a causa era

²⁷ Esta foi uma *hashtag* amplamente usada para chamar as pessoas para irem às ruas protestar. Ela também contém um lado irônico, pois uma marca de carros lançou uma música que também utilizava a chamada #VemPraRua, porém no sentido de torcida para a Copa do Mundo que aconteceria no próximo ano. Um vídeo paródia viralizou com a música da publicidade e imagens das manifestações. Consultar: < <https://www.youtube.com/watch?v=vvJt-Mpz8us>>. Acesso em: 17 set. 2013.

justa. Até o Arnaldo Jabor, comentarista da Rede Globo, pediu desculpas em rede nacional falando que havia errado e que não era apenas por vinte centavos.

No dia 17 de junho, 100 mil pessoas foram às ruas em marcha que durou mais de três horas "em solidariedade à ideia de repúdio à violência com a qual manifestantes e jornalistas haviam sido espancados e presos pela Polícia Militar" (SAKAMOTO, 2013, p. 97). Dois dias depois, o aumento da tarifa do transporte público de São Paulo foi revogado.

As Jornadas de Junho de 2013 pareciam um enigma. Nem a alta do dólar ou o aumento da inflação podiam ser o motivo decisivo das revoltas. Ao contrário, a perplexidade adveio da manifestação puramente política, ainda que detonada pelos aumentos de tarifas de transporte público. Elas baixaram em mais de cem cidade e, ainda assim, as manifestações prosseguiram. (SECCO, 2013, p. 71)

A multidão seguiu nas redes e nas ruas, mesmo sem o guarda-chuva da pauta concreta contra o aumento da passagem, pluralizando cada vez mais as pautas e exigências. Progressistas, conservadores, fascistas, petralhas, coxinhas. Ninguém mais se entendia, pois as diferenças não estavam mais suspensas. O desejo de mudança continuava, mas nem todos compartilhavam de um mesmo projeto de mundo possível. Enquanto grupos conservadores convocavam os manifestantes a vestirem roupas verde e amarelo ou a portar bandeira do Brasil em homenagem a pátria, expulsando sindicalistas e partidários dos protestos, muitos se afastavam das ruas por não compactuar com essa ideologia. Ignorar "que a livre associação em partidos e a livre expressão são direitos humanos" (SAKAMOTO, 2013, p. 98) é um resvalo comum para um país com recente democratização, que ainda busca se entender no processo.

Apesar das diferenças entre os contextos históricos, sociais e políticos, algumas semelhanças podem ser observadas em outras manifestações anteriores às ocorridas no Brasil e que inspiraram as Jornadas de Junho. Um paralelo das contradições e divergências políticas entre a própria multidão, também pode ser traçado no Egito. Os manifestantes pediam: pão, liberdade, justiça social e acima de tudo, a queda de Muhammad Hosni Said Mubarak e seu regime ditatorial de 30 anos.

Em 2011 milhares, entre eles mulçumanos e coptas, mesmo com as diferenças religiosas e culturais, ocuparam a Praça Tahrir inspirados nos eventos da Tunísia, pedindo o fim do governo de Murabak. No dia 11 de fevereiro de 2011, "Murabak renuncia e passa o poder ao Conselho Supremo das Forças Armadas" (CASTELLS, 2013, p. 188). O sonho de uma democracia real estava longe, o Conselho Supremo das Forças Armadas (CSFA), que haviam apoiado as manifestações que resultaram na queda do regime anterior, manteve a

mesma política do governo que sucedera com muita repressão, violência e sem planos de uma nova constituição. Na verdade, o CSFA tinha interesses na queda de Murabak, pois “o Exército não estava preparado para sacrificar sua legitimidade nacional e seus negócios lucrativos para apoiar um ditador velho e seu sucessor potencialmente perigoso” (CASTELLS, 2013, p. 59). Então, as manifestações seguiram, porém agora o alvo era a junta militar, mas as coisas na Praça não estavam mais as mesmas. Protestos nos quais os carros do Exército atropelaram sem piedade pessoas que participavam da ação coletiva, deixando dezenas de mortos e feridos, geraram mais indignação.

A situação piorou, quando a Irmandade Mulçumana retornou de forma muito organizada na Praça sob acusações de estarem cooptando o movimento e negociando entre os panos com o CSFA, pois as eleições para o legislativo se aproximavam. Segundo Castells (2013, p. 63), “a velha Irmandade Mulçumana sobreviveu a décadas de repressão da parte dos regimes militares nacionalistas e, rebatizada de Partido Liberdade e Justiça, obteve a maioria dos assentos no Parlamento”.

Desta forma, em 2012 quando ocorreram as eleições nos moldes democráticos entre os candidatos Mohamed Mursi do Partido Liberdade e Justiça e Ahmed Shafiq, ex-primeiro ministro de Mubarak, o primeiro ganhou, trazendo uma grande vitória política para a Irmandade Mulçumana. Porém o pior aconteceu, pois após a sua posse Mursi realizou uma série de manobras políticas, não apenas para garantir a sua supremacia, mas também aumentando o seu poder. No documentário *The Square*, os manifestantes apontam que Mursi havia concedido poderes a si mesmo, que nem mesmo Murabak os tinha em seu regime.

As tensões entre mulçumanos, coptas e demais manifestantes aumentavam, principalmente quando as manifestações retornaram, desta vez, pedindo a queda de Mursi, que tomou a atitude mais inconsequente que um líder político poderia fazer. Mursi convocou, em discurso público, que os mulçumanos defendessem o governo, gerando conflitos violentos da população contra ela mesma. Os manifestantes que um dia dividiram a Praça Tahir com o sonho de pão, liberdade e justiça social, já não se entendiam mais, enquanto isso, o abuso de poder de Mursi aumentava. No dia 30 de junho de 2013, o mundo presenciou o maior protesto em massa do mundo. Sem números fechados – algumas fontes apontam para 20 milhões, outras 30 milhões –, esse aconteceu no Egito pedindo novas eleições. Em 3 de julho de 2013, o Exército anuncia a deposição de Mursi e retorna ao poder. Não vou continuar esse rascunho de uma linha do tempo do Egito até os dias de hoje, pois o que queria demonstrar é o quão complexa que a multidão, repleta de tantas singularidades, pode ser. Assim como as contradições que são intrínsecas a esses movimentos, principalmente em países que os agentes

ainda estão aprendendo a lidar com o Estado democrático de direito, ao mesmo tempo, que desejam um projeto de democracia real.

A situação do Egito ainda é instável, assim como no Brasil, porém em menores proporções. Após as Jornadas de Junho, o país passou por uma enorme polarização entre a esquerda e a direita. Os que apanharam juntos da Polícia Militar em junho de 2013, hoje também brigam entre si. O que eu quero dizer, é que as Jornadas de Junho, assim como qualquer movimento autônomo, descentralizado, horizontal, independente e plural, que traz como carne uma multidão que quer libertar-se do poder (NEGRI, 2004), apresenta as suas incoerências. A multidão é “uma multiplicidade de singularidade, já mestiçada, capaz de trabalho imaterial e intelectual, com um poder enorme de liberdade” (NEGRI, 2003, p. 36), com poder de desejar, ser, transformar, criar e poder, principalmente de amar.

Amor como livre expressão dos corpos, como inteligência somada ao afeto, como geração contra a corrupção. Mas há um peso cultural que dificulta o desenvolvimento de uma concepção verdadeiramente materialista do amor, ou de uma concepção verdadeiramente ontológica: o amor como poder da constituição da existência. (HARDT; NEGRI, 2006, p. 107)

As contradições da explosão de singularidade da multidão, a heterogeneidade dos movimentos sociais em rede e as próprias incoerências intrínsecas às culturas, que também estavam presentes e marcaram as Jornadas de Junho, não deslegitimam o movimento e revelam que o que está em disputa são outras formas de viver. Como sugerem Hardt e Negri (2006, p. 99), “a multidão está engajada na produção de diferenças, invenções e modo de vida”.

Como já foi mencionado neste trabalho, é impossível e irresponsável fazer uma análise conclusiva sobre esses fenômenos tão recentes. Dos movimentos sociais em rede ao projeto de uma multidão, um possível legado pode ser arriscado. Segundo Castells (2013, p. 175), “o legado de um movimento social consiste na mudança cultural que produziu sua ação”, mas qual seria essa mudança cultural? As Jornadas de Junho são mais que uma memória nostálgica do dia em que a multidão tomou de assalto o Palácio do Planalto, é um lembrete que havia sido esquecido: juntos somos mais fortes! “O legado dos movimentos sociais em rede terá sido afirmar a possibilidade de reaprender a conviver. Na verdade democracia.” (CASTELLS, 2013, p. 177). A construir a verdadeira democracia, juntos.



Figura 1: Palácio do Planalto, Brasília (DF), no dia 17 de junho de 2013.
Fonte: Mídia Ninja

2 O HACKER, O MIDIALIVRISTA E A PRODUÇÃO DO COMUM

O que faz da internet o que a internet é hoje? Quando esta pergunta é realizada, uma das respostas mais comuns de se ouvir é que seria o usuário. Sim, ele pode transformar e descobrir o uso que quer dar para a internet. Porém, considerar apenas o usuário é desconsiderar uma série de fatores que envolveram a construção da rede global de redes de computadores (CASTELLS, 2003). Também é colocar na completa invisibilidade a própria internet.

Como apresentei no início do primeiro capítulo, a ênfase do meu estudo é para o lado humano das redes, mas a internet e os outros espaços de autonomia, como as casas coletivas, são repletos de agência e, principalmente, ambos são essenciais para o Fora do Eixo e a Mídia Ninja.

O segundo capítulo é uma tentativa de apresentar os elementos que construíram a internet como ela é hoje, a qual, segundo Malini e Antoun (2013, p. 54), seria “a radical máquina pública de produção, consumo e circulação de informação”. Então, como expõe Castells (Ibid., p. 19), narrar a “improvável interseção da *big science*, da pesquisa militar e da cultura libertária” que originou a internet desde o desenvolvimento da *Arpanet*²⁸ na década de 60 até a *Web 2.0* na década de 90 é uma árdua tarefa que não vou desenvolver, pois já foi realizada por muitos pesquisadores²⁹. Apesar de apresentar aspectos positivos das relações interativas deste mundo híbrido, é importante ressaltar que a internet potencializou todos os aspectos da sociedade em rede, ou seja, “o mundo social da internet é tão diverso e contraditório quanto a própria sociedade” (Ibid., 2003, p. 48).

Assim, ao mesmo tempo em que ativistas, movimentos sociais e coletivos culturais utilizam a rede mundial de computadores, ou, como prefere Castells (2013), que as redes de esperança e solidariedade são multiplicadas e fortalecidas, as redes de ódio também ganham força. O ciberespaço não é o paraíso, mas também não é o inferno. Ele é a sociedade com “a trágica contradição da própria cultura” (MILLER, 2013, p. 97).

²⁸ Arpanet é o nome da rede militar que conectou, em 1969, quatro campi universitários, para que a comutação de pacotes pudesse acontecer fazendo com que informações sigilosas e estratégicas circulassem, em nano pedaços, nos servidores universitários, de modo que em um dos pontos dessa rede elas fossem reunidas ao mesmo tempo que pudessem estar em lugar nenhum. Sem centro, autônoma e anônima, a Arpanet era o diagrama ideal para proteger a informação do “inimigo vermelho”. Com o tempo, acabou sendo reapropriada pela cooperação universitária, tornando-se uma outra coisa: um modelo radical de comunicação onde todos pudessem, pelo menos em tese, se comunicar com todos. [...] Naquela época, os primeiros nós da Arpanet foram as universidades americanas de Stanford, Los Angeles, Santa Barbara e Utah. (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 250)

²⁹ Ver *Inventing the internet* de Janet Abbate .

A proposta deste capítulo é compreender a cultura do compartilhamento e a produção imaterial do comum (HARDT; NEGRI, 2014), que perpassam da cultura da internet (CASTELLS, 2003) para os movimentos sociais em rede, os ativistas, os midialivristas e principalmente para a ação coletiva, explodindo na construção de outros modos de vida. Mas, antes, é preciso compreender o que fez a internet ser o que é hoje.

A estrutura da cultura da internet possui camadas culturais dispostas hierarquicamente na ordem citada, ou seja, cada camada foi essencial para a que a próxima se desenvolvesse com as suas devidas características.

A cultura da internet caracteriza-se por uma estrutura em quatro camadas: a cultura tecnomeritocrática, a cultura hacker, a cultura comunitária virtual e a cultura empresarial. Juntas, elas contribuem para uma ideologia da liberdade que é amplamente disseminada no mundo da internet. (CASTELLS, 2003, p. 34)

Por exemplo, a cultura empresarial trabalha conjuntamente com a cultura *hacker* e a comunitária virtual, difundindo práticas da internet, pois os três têm interesse – com objetivos diferentes – de um maior acesso de usuários. Do mesmo modo, sem a cultura *hacker* as comunidades virtuais não seriam muito diferentes dos demais grupos alternativos, enquanto que “a cultura hacker forneceu os fundamentos tecnológicos da internet, a cultura comunitária moldou suas formas sociais, processos e usos” (CASTELLS, 2003, p. 47). Portanto, todas as camadas são importantes para o desenvolvimento da internet, porém vou apresentar um foco maior para a cultura *hacker* e a cultura das comunidades virtuais, pois essas influenciaram diretamente a organização dos coletivos culturais e movimentos sociais em rede. Através dessas, foram criadas disputas para além das narrativas.

2.1 A CULTURA HACKER E AS COMUNIDADES VIRTUAIS

O espaço que o *hacker* ocupa no imaginário coletivo é de uma pessoa, preferencialmente do sexo masculino, desganhada, com a barba por fazer, sentada de frente para um computador em um quarto escuro sem algum sinal da luz do dia, porque provavelmente é noite. Esse personagem é noturno, antissocial, relaciona-se melhor com tecnologia do que com humanos, pois, se for para conversar com outras pessoas, prefere a mediação de computadores e da internet. Ele não tem nome, idade, orientação sexual, trabalho, gostos ou um time de futebol para torcer.

O *hacker* parece ser uma entidade que vive em um submundo paralelo ao nosso.

Alguma coisa meio *Matrix*. Entretanto, o *hacker* não é nada disso. Ele pode até ser esse personagem de filme, mas não é isso que o define. É claro que o cinema hollywoodiano e a mídia hegemônica não ajudam muito a ampliar o repertório do imaginário coletivo acerca dele. O primeiro pode ser um tanto culpado pelo estereótipo citado acima, enquanto que a segundo piora ainda mais a situação, porque divulga notícias sobre cibercrimes como se fossem uma prática estruturada na comunidade hacker, mas ao contrário, é extremamente rejeitada. No vasto universo da cultura hacker existem outras culturas e muitas contradições, como o *cracker*. O *cracker* pode ser quem comete o crime virtual, porém também existe o *cracker* militante, que possui uma ideologia estruturada por trás de suas ações radicais.

Os crackers mais políticos constroem redes de cooperação e informação, com todas as devidas precauções, muitas vezes difundindo o código da tecnologia da criptografia que permitiria a formação dessas redes fora do alcance das agências de vigilância. As linhas da batalha estão se deslocando do direito que têm as pessoas de codificar (contra o governo) para o direito que ela têm de decodificar (contra as corporações). (CASTELLS, 2003, p. 46)

Mesmo com as inúmeras diferenças e disputas internas, existe uma linha ideológica que une todos os hackers: a liberdade e “a crença compartilhada no poder da interconexão de computadores e a determinação de manter esse poder tecnológico como um bem comum” (CASTELLS, 2003, p. 46). A cultura do compartilhamento tem grande influência da contracultura presente nos campos universitários nos Estados Unidos na década de 60 e 70, pois os alunos de pós-graduação destas instituições estavam envolvidos no projeto da *Arpanet*. Segundo Castells (Ibid., p. 25), “a rápida difusão dos protocolos de comunicação entre computadores não teria ocorrido sem a distribuição aberta, gratuita, de *software* e o uso cooperativo de recursos que se tornou o código de conduta dos primeiros hackers”. Os estudantes das universidades norte-americanas das décadas de 60 e 70 foram os primeiros *hackers*. A cultura *hacker* teve origem no desenvolvimento da internet, sendo essa um dos alicerces organizacionais do universo hacker, pois “a comunidade hacker, em geral, é global e virtual” (CASTELLS, Ibid., p. 44).

Mas então, quem são os *hackers*? Segundo Castells (2013, p. 38), “hackers são aqueles que a cultura hacker reconhece como tais”, ou seja, para ser um *hacker* é preciso ser identificado como igual por outros *hackers*. A cultura *hacker* é a segunda camada da cultura da internet. A primeira é a cultura tecnomeritocrática e serve de base para a segunda. Portanto, a concepção de uma inovação tecnológica ou o aprimoramento de um *software* é uma forma de ser reconhecido como parte da comunidade *hacker*.

Contudo, não basta apenas criar: é necessário compartilhar a novidade desenvolvida de forma *opensource* com os outros membros. Ao mesmo tempo, quanto maior for o valor simbólico da contribuição compartilhada, maior será a reputação conquistada. Esse é um aspecto remanescente da cultura tecnomeritocrática na cultura hacker, “o reconhecimento vem não só do ato de doar, como da produção de um objeto de valor” (CASTELLS, *Ibid.*, p. 43), por exemplo, a primazia do desenvolvimento de um *software* inovador. Segundo Castells (*Ibid.*, p. 42), “prestígio, reputação e estima social estão ligados à relevância da doação feita à comunidade”, ou seja, construir um *software* para si próprio sem compartilhar com os demais integrantes ou vender para empresas – obtendo lucro e colocando o código-fonte enquanto propriedade intelectual privada – são comportamentos rejeitados na comunidade hacker.

Um paralelo com o meu sujeito de estudo pode ser traçado, pois os movimentos sociais em rede possuem uma série de características oriundas da internet, que por sua vez, tem uma estrutura diretamente influenciada pela cultura *hacker*. O Fora do Eixo e a Mídia Ninja, que são movimentos sociais em rede, apresentam essas características da comunidade hacker no seu modo de organização. Durante a pesquisa de campo, foi possível observar que quanto mais um integrante colabora e participa, melhor é a reputação dele na comunidade, ou seja, maior é o **lastro**. O lastro é uma experiência concreta que legitima alguma atitude ou comportamento. Para os meus sujeitos de pesquisa, o lastro é construído – assim como o prestígio, a reputação e a estima social para os hackers – através do quanto aquele integrante contribui com o grupo.

Não há na estrutura da organização uma separação entre proprietários de meios de produção e trabalhadores. Há, sim, uma hierarquização de responsabilidades e tarefas, mediadas por quantificações subjetivas, o chamado lastro. Este consiste, como vimos, em uma dinâmica de valorização interna que determina o posicionamento do agente dentro da rede. (SAVAZONI, 2014, p. 170-171)

Na Carta de Princípios do Fora do Eixo³⁰, a importância do lastro aparece descrita no último sub-tópico, que é Formação e Conscientização: “criar lastro através do trabalho gerando o equilíbrio entre o discurso e a prática” (SAVAZONI, 2014, p. 226). Em ambos os grupos – Fora do Eixo, Mídia Ninja e a comunidade hacker – esta contribuição é realizada na forma de força de trabalho e na produção imaterial, seja no desenvolvimento de um *software* ou na produção de uma matéria ou até mesmo no preparo do almoço, pois todos precisam comer. Da mesma forma, pessoas que não colaboram para a ação coletiva, não são admiradas.

³⁰ Documento elaborado em 2009, durante o II Congresso Fora do Eixo junto ao Prof. Dr. Ioshiaqui Shimbo, uma das principais lideranças de economia solidária do país. (SAVAZONI, 2014, p. 220)

Inclusive, não são bem-vindas.

Os dois principais pilares da cultura *hacker* na internet são: liberdade e cooperação. “Liberdade para criar, liberdade para apropriar todo conhecimento disponível, liberdade para redistribuir esse conhecimento sob qualquer forma ou por qualquer canal escolhido pelo hacker” (Ibid., 2003, p. 42) e cooperação, não apenas para desenvolvimento tecnológico, mas também para o bem estar da comunidade, através da partilha do sentimento de companheirismo. Portanto, a cultura hacker é “criatividade intelectual fundada na liberdade, cooperação, na reciprocidade e na informalidade” (Ibid., 2003, p. 45).

A terceira camada da cultura da internet são as comunidades virtuais. Uma metáfora pode ser usada para explicar a relação dessas três camadas. A cultura tecnomeritocrática forneceu o código-fonte, no qual a cultura *hacker* desenvolveu através da técnica o programa para a cultura comunitária virtual decidir como usar (Ibid., 2003). A quarta camada, que é a empresarial, não será desenvolvida neste trabalho, mas essa teve importante papel na ampliação do acesso à internet. A cultura empresarial, visando o lucro, garantiu que a internet estivesse ao alcance “de todos”, pois, como afirma Castells (2003), essa é, antes de qualquer definição, uma cultura do dinheiro. Entretanto, o que é importante assinalar é que as características e valores da terceira camada da cultura da internet moldaram o modo de organização e a forma como se dariam as relações sociais na internet. Como pontuam Malini e Antoun (2013), o ciberespaço foi inventado pelo engajamento das comunidades virtuais.

A cultura comunitária virtual com suas raízes na contracultura acreditava numa comunicação horizontal como forma livre de expressão, por isso construiu um modo de organização autônomo de redes na internet. A abundância de mensagens influenciou o surgimento das comunidades virtuais que, ao longo do desenvolvimento da rede mundial de computadores, principalmente quando a arquitetura descentralizada permitiu o desenvolvimento da *Web 2.0*, foram multiplicadas em milhares. A grande diversidade de comunidades afastou as conexões dessas com a contracultura, mas a estrutura das redes se manteve.

Esse fenômeno é essencial para a organização em redes de ativistas, *hackers* e movimentos sociais para o desenvolvimento de ações coletivas. Por exemplo, como aconteceu com o Movimento Zapatista em 1994 na região de Chiapas, no México. O Exército Zapatista de Liberação Nacional (EZLN), as comunidades indígenas de Chiapas e diversas ONGs – tanto nacionais, quanto internacionais – conversaram e organizaram a rede de guerra Zapatista (MALINI e ANTOUN, 2013). Muitos desses movimentos não dialogavam antes, pois tinham objetivos diferentes. Enquanto as ONGs tinham interesse em construir uma rede de ação

coletiva com ativistas mexicanos, elas não possuíam nenhum interesse em conquistar o governo mexicano, que era o objetivo do EZLN. As diferenças foram deixadas de lado e os objetivos alinhados, então o EZLN retirou a meta da derrubada do Estado de seu discurso. Em contrapartida acrescentou causas humanitárias como “os direitos das populações indígenas, o reconhecimento da participação da mulher e dos seus direitos na sociedade, a proteção ambiental, a luta pelos direitos humanos e pelos direitos dos trabalhadores” (Ibid., 2013, p. 81).

O Movimento Zapatista utilizou as comunidades virtuais como principal rede de comunicação, que ao lado da Batalha de Seattle, são a faísca do incêndio de manifestações globais que aconteceram na segunda década deste milênio. Uma origem que inspirou e ensinou possíveis formas de organização e estratégias de disputas de narrativas para os movimentos que o seguiram.

Nas comemorações do ano-novo de 2013, os Zapatistas puseram um vídeo mudo na Internet com as longas fileiras de sua multidão desfilando com os lenços vermelhos tapando parcialmente o rosto, olhando em silêncio para a câmera, onde os letrados anunciavam que aquele silêncio era o barulho do mundo do capitalismo financeiro ruindo em meio à miséria da escravidão por dívidas. (Ibid., 2013, p. 84)

A coesão interna, mesmo com todas as possíveis singularidades entre os grupos que integram o Movimento Zapatista, proporcionou o desenvolvimento dessas *performances* midiáticas na construção da contra narrativa. Para Malini e Antoun (2013, p. 84), esse movimento “é uma comunidade nômade real montada na esfera pública global do ciberespaço, capaz de construir a participação atual em ações comuns na vida de seus participantes e na vida cívica da sociedade civil mundial”.

A cultura *hacker*, unida às comunidades virtuais, constitui uma rede de técnicas e tecnologias horizontais que formam as barricadas da liberdade na internet (CASTELLS, 2003) para serem usadas na luta contra às instituições de poder e também na construção do projeto de um novo mundo possível.

A comunidade virtual é uma rede de guerra que usa a contrainformação para lutar contra os Estados global e local, mas seu combate se desenvolve através de sua própria construção como um modo surpreendente de inventar valores e práticas democráticas no seu interior, utilizando-se da comunicação distribuída em rede interativa em vigor na Internet. (MALINI; ANTOUN, 2013, p.85-86)

Assim como as comunidades virtuais foram sofrendo algumas alterações nas suas características originais, a imagem do *hacker* para quem a liberdade era apenas “o acesso à

sua tecnologia e a de usá-la como bem entende" (CASTELLS, 2003, p. 53) tem sido sucumbida pelo ativismo hacker. A ideia de liberdade extrapola as estruturas da cultura hacker. Do hacker ativista ao midialivrista ciberativista: este é o caminho que procuro traçar na próxima parte do texto.

2.2 COMUNICAR É LIBERTAR: DO HACKER AO MIDIALIVRISTA

Após o atentado terrorista de 11 de setembro nos Estados Unidos da América, a comunidade *hacker* se divide entre duas opiniões opostas. De um lado os que são contrários à Guerra do Iraque e do outro lado, os que defendem e auxiliam o Departamento de Defesa dos Estados Unidos no argumento de ajudar a “libertar a Ásia e o Oriente Médio das ditaduras sanguinárias” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 170). O conceito de ativismo hacker foi ressignificado após a grande cisão entre integrantes deste universo seguido do fim da era Bush, “a desmoralização dos processos de formação de consenso massivo e de produção de atenção de massa” (ANTOUN, 2012, *online*) foi traçado como alvo.

O mundo *hacker* submergiu em meio à guerra, ao ódio e ao preconceito, renascendo no desejo de transformação através da ação coletiva com os movimentos sociais em rede: “as habilidades *hackers* passaram a ser usadas para pôr a nu os processos de controle e manipulação de massa” (Ibid., 2013, p.174).

Os movimentos sociais contemporâneos, desde Seattle, no fim dos anos 1990, são formados por muitos hackers. Os Anonymous fundem o ativismo tradicional e o hackativismo criando uma nova e poderosa força global, que pretende disputar mentes e corações em todo o planeta. (SAVAZONI, 2013, p.148)

Os *Anonymous* são a quinta geração de *hackers*. Eles usam como símbolo a máscara do anarquista do século XVII, Guy Fawkes, da história em quadrinho *V de Vingança*, que também foi um elemento muito presente nas manifestações de rua nas Jornadas de Junho. Traduzido literalmente do inglês para o português, *Anonymous* significa anônimos. Inicialmente o grupo realizava as reuniões no canal /b/ do *www.4chan.org*. A escolha aparentemente inusitada do *4chan* como espaço de encontro, já que essa é uma rede simples usada geralmente para o compartilhamento de conteúdo de *fans*, foi uma sábia estratégia que originou o nome do grupo.

Segundo Antoun (2012, *online*) o *4chan* “não tem como guardar o log das operações de rede por mais de três horas”, mantendo os hackers anônimos e invisíveis. A política do

anonimato na internet é amplamente defendida pela quinta geração de *hackers* que, dominando técnicas extremamente elaboradoras de manipulação de sistemas e construindo tecnologias colaborativas, travam uma guerra no ciberespaço contra todas as instituições de poder, principalmente em oposição à mídia hegemônica.

Uma de suas ações teve como alvo o poderoso canal de notícias FOX News, esteio do militarismo e preconceito da era Bush. O *hackeamento* do sistema de votação do New York Times para escolha dos 100 mais do ano ou a colocação da *hashtag* #gorillapenis nos *Twitter Trends* foram algumas das proezas atribuídas a eles no passado. Eles marcam o renascimento dos *hackers*, em luta contra o preconceito e a manipulação de massa da megamídia corporativa. (MAILINI; ANTOUN, 2013, p. 171)

A disputa de narrativa ficou mais evidente e ganha novas proporções. Os movimentos sociais em rede, que estão organizados em um espaço de autonomia, se conectam em rede com as redes formadas por hackers. As ações coletivas são construídas em parceria dos ativistas, movimentos sociais e coletivos culturais com os *Anonymous* para ocupar todas as redes, que atravessam as ruas e o ciberespaço.

Os Anônimos impedem que as mídias se caíam sobre os acontecimentos que interessam às populações e hoje vazam abundantemente na Internet através do Wikileaks. Deste modo, a associação do vazamento dos documentos oficiais aliado à guerra de atenção dos Anônimos fizeram renascer o poder da verdade como fonte da libertação política. Da Praça Tahir egípcia ao Acampamento do Sol espanhol, as lutas de libertação renascem impulsionadas pelo combustível da verdade. Os Anônimos fazem parte desta profunda transformação da política do século XXI. (MAILINI; ANTOUN, 2013, p. 174)

O mundo híbrido está sendo ocupado e disputado ao mesmo tempo: de um lado os movimentos sociais, ativistas, *hackers*, coletivos culturais, ambientalistas e ONGs. Do outro lado: polícia, Estado, instituições econômicas e mídia hegemônica. Escolha um lado, pois para um ninja, não tomar partido é covardia. É neste aspecto que o *hacker* ativista e o midialivrista se encontram: na parcialidade das narrativas e na defesa de um lado da história. Ambos compreendem os processos enquanto uma disputa de construção de novos formatos e modelos de democracia e representação.

A Mídia Ninja fez essa disputa de forma admirável, amplificando a potência da multidão nas ruas. Ela passou a pautar a mídia corporativa e os telejornais ao filmar e obter as imagens do enfrentamento dos manifestantes com a polícia, a brutalidade e o regime de exceção. O papel dos midialivristas e dos coletivos e redes de mídias autônomas não pode ser reduzido ao campo do jornalismo, mas aponta para um novo fenômeno de participação social e de midiativismo (que usa diferentes linguagens, escrachos, vídeos, memes, para mobilizar). (BENTES, 2014, *online*)

Para compreender o conceito de midialivrisimo, ou midiativismo, é preciso conhecer as duas categorias que englobam essa prática: o midialivrisimo de massa e o midialivrisimo ciberativista. Conforme apresentam Malini e Antoun (2013), o primeiro possui origem no período da Ditadura Militar dos países latino americanos. Os movimentos sociais utilizavam rádios comunitárias, imprensa alternativa e algumas experiências audiovisuais para comunicar e informar a sociedade das atrocidades que aconteciam nos porões da Ditadura, construindo uma estratégia política radical para burlar a censura do Estado.

Desde sua origem, o midialivrisimo é caracterizado pela prática alternativa e independente em oposição aos conglomerados empresariais e nacionais de comunicação, ou seja, a mídia hegemônica. Já o midialivrisimo ciberativista tem origem junto com a internet, carregando valores da cultura hacker e das comunidades virtuais em seu cerne. A produção de conteúdo é realizada com aparatos tecnológicos e dispositivos digitais através de um processo coletivo e colaborativo em rede, construindo um fluxo constante de compartilhamento de conhecimento e experiências de comunicação.

A lógica *opensource* da cultura *hacker* é aplicada ao midialivrisimo ciberativista para o aprimoramento das estratégias de disputa de narrativa. A Mídia Ninja produz a cobertura de um determinado protesto em parceria com os Jornalistas Livres³¹, rede que é composta por integrantes de outros coletivos, inclusive da própria Ninja. Neste laboratório do cotidiano, os coletivos aprendem tecnologias sociais uns com os outros e levam essas experiências para outras ações coletivas com outros grupos que não fizeram parte da primeira rede, expandindo o conhecimento e construindo novas redes. Para Malini e Antoun (2013, p. 22) o "principal resultado é a produção de um mundo sem intermediários da cultura, baseada na produção livre e incessante do comum, sem quaisquer níveis de hierarquia", características da comunidade hacker que são apropriadas pelos movimentos sociais em rede e pelos midialivristas ciberativistas.

O midialivrisimo de massa quer se liberar do poder concentrador da propriedade dos meios de comunicação; o ciberativista quer radicalizar os direitos fundamentais (ou mesmo subverter o sentido liberal destes), sobretudo a liberdade de expressão. Ambos reivindicam outra economia política dos meios, em que a propriedade dos meios deve ser comum, isto é, que a cooperação na produção social de conteúdos midiáticos seja regida por uma estrutura decisória coletiva da sociedade civil e por um direito de autor que permita que os conteúdos circulem livremente pela

³¹ A Rede Jornalistas Livres é uma junção de agentes individuais, de ativistas, de coletivos midiáticos e outros grupos, que surgiu no dia 12 de março de 2015 para realizar a cobertura colaborativa dos protestos da direita brasileira, com o objetivo de enfrentar a narrativa antidemocrática do ódio, defendendo os direitos humanos e sociais nas ruas e nas redes. Consultar: < <http://jornalistaslivres.org/quem-somos/>>. Acesso em: 17 out. 2015.

sociedade, e não apenas se torne uma máquina arrecadadora de patentes. (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 23)

O midialivrista ciberativista está intrinsicamente ligado ao *hacker*. No campo, observei que muito dos Ninjas, que são midialivristas ciberativistas, não apenas realizam coberturas dos protestos, mas também dominam *softwares*, códigos de programação, ferramentas de edição e manipulação de imagens e vídeos. Outros, inclusive consertam câmeras, computadores e resolvem o problema do sinal fraco da internet. A maioria defende o uso de *software opensource*, porém essa mesma maioria utiliza computador ou *smartphone* da *Apple*, provavelmente a marca mais proprietária do mercado de tecnologias. Contradições. O importante é não deixar que elas paralise o movimento, me respondeu um dos Ninjas. O domínio das técnicas de um Ninja é – em sua maioria – mais simples, quando comparadas ao conhecimento que um hacker possui em programação. Porém, tornam-se mais complexas, se confrontadas com as de usuários comuns. O ciberativista está entre o hacker e o usuário comum. Ele é um hacker das narrativas.

A Mídia NINJA se identifica como expressão do midialivrismo. Ou seja, o exercício autônomo de produção midiática. O termo ganhou força durante o governo Lula, quando o Ministério da Cultura patrocinou uma política pública de reconhecimento dessas iniciativas – os Prêmios de Mídia Livre. O governo, na ocasião, também estimulou a realização dos Fóruns de Mídia Livre, que reuniram diferentes produtores de comunicação independente para articulá-los em redes. Nesse sentido, a NINJA não é propriamente uma novidade. É parte de um *modus operandi* característico dos movimentos sociais do século XXI. (SAVAZONI, 2014, p. 128-129)

O Fora do Eixo é um desses movimentos sociais em rede que está organizado num universo híbrido, assim como a Mídia Ninja. Como já foi apresentado, ambos carregam na sua estrutura características das comunidades virtuais e dos hackers, os quais “são aqueles que reorganizam o interior da tecnologia, portanto, a cultura” (SAVAZONI, 2013, p. 148). O Fora do Eixo e a Mídia Ninja aprenderam estratégias hackers e se apropriaram delas, ou seja, **hackearam**³² essas estratégias. Porém, não apenas para o ciberespaço, mas para uma gestão do comum neste universo híbrido entre *online* e *off-line*. A vida coletiva e a casa coletiva são autogestadas através da cultura hacker e das experiências oriundas das comunidades virtuais numa constante produção imaterial do comum. A propriedade privada individual morre: tudo é de todos. O *Copyleft* e *Creative Commons* extrapolam os limites do ciberespaço – se é que existem – e vão diretamente para as Casas Fora do Eixo.

³² Significa se apropriar de um modo de organização, lógica de funcionamento, estrutura ou espaço para os integrantes do Fora do Eixo e da Mídia Ninja.

2.3 COPYLEFT, CREATIVE COMMONS E A GESTÃO DO COMUM

A combinação de culturas, que deu origem à internet enquanto uma rede de nós com a arquitetura descentralizada, apresentou novas perspectivas para a produção, circulação e consumo de bens culturais. A cultura do compartilhamento faz parte da estrutura da internet: das redes de informação dos estudantes norte-americanos na construção da internet na década de 60 ao *software opensource* dos hackers, passando pelas primeiras comunidades virtuais e pelo *Napster* até chegar ao programa *BitTorrent*. Este último é um eficiente programa *software livre* para *download* de conteúdo, talvez o mais popular atualmente, pois é inteligente tecnicamente e de fácil manuseio para o usuário.

A simplicidade das operações de escrever, digitalizar, publicar e compartilhar fez com que elas parecessem naturais aos olhos de seus usuários. No entanto, os Direitos Autorais e o Copyright não cansam de fazer lembrar que tais atividades não são naturais, mais culturais, devendo se sujeitar ao controle de uma economia de mercado e sua proteção jurídica. (SILVA, 2012, p. 22)

Em 1999 foi o nascimento do *Napster*, que foi “o mais popular sistema de troca de arquivos na *web*, chegando à cifra de 50 milhões de usuários cadastrados no seu servidor” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 90). Além do mais popular, o *Napster* foi o primeiro sistema de troca de arquivos *MP3*, utilizando de um servidor central de cadastros dos usuários permitindo que estes se ligassem diretamente, *peer-to-peer* (P2P), para trocar arquivos, em sua maioria, músicas. Entretanto, o *software* que facilitava a cultura do compartilhamento para todos os usuários com um layout de fácil domínio não teve uma vida longa na internet.

No dia 11 de fevereiro de 2001 – apenas um ano depois de sua estreia –, a 9ª Corte de Apelação de São Francisco (EUA) declarou que o *Napster* violava os direitos autorais e não poderia continuar distribuindo as músicas no formato *MP3*. Este foi o fim do *Napster*, mas não dos sistemas de compartilhamento de arquivos, pois “a arquitetura da internet conspira contra sistemas fechados. Uma rede, por definição, é composta por uma infinidade de nós para que a informação se multiplique rápida e facilmente” (HOWE, 2009, p. 33).

Conglomerados da indústria cultural, leis de proteção à propriedade intelectual, campanhas contra a pirataria – termo moralista, que a livre circulação de arquivos e informação recebeu – e a grande mídia, ninguém conseguiu interromper o fluxo que já estava criado. Uma infinidade de *softwares* foi desenvolvida, popularizada, abandonada – quando surgiram outros mais eficientes – ou barrados nessa eterna luta entre a internet e os direitos autorais que permanece até hoje. Para um programa que era fechado ou caçado, outro mais

eficiente surgia. O *copyright* encontrou na internet uma guerra sem fim.

Direitos Autorais e o Copyright são instrumentos jurídicos, leis escritas, que definem e regulam direitos de autores de obras artísticas, literárias ou científicas e o acesso a elas. Estabelecem prazos dentro dos quais os autores podem explorar suas obras de forma exclusiva, impedindo o acesso de terceiros às mesmas. (SILVA, 2012, p. 22)

O ciberespaço é um local de disputas. Enquanto, os senhores dos direitos autorais procuraram a qualquer custo frear a circulação de arquivos nas redes, os *hackers* e ativistas criaram as suas próprias licenças de direitos autorais: o *Copyleft* e o *Creative Commons*. Segundo Silva (2012), as leis são projetos políticos. O que essas defendem, na verdade, é um ideal, no qual se é acreditado. As licenças flexíveis de propriedade intelectual são acima de tudo, um projeto político que defende o ideal da cultura hacker: a livre circulação de conhecimento, informação e principalmente dos códigos-fonte.

Enquanto que o *Copyright* utiliza do judiciário com suas leis, tribunais e sentenças na tentativa de garantir a soberania, pois “o direito sempre foi um terreno privilegiado para identificar e estabelecer controle sobre o comum” (HARDT; NEGRI; 2014, p. 263). As licenças *Copyleft* e o *Creative Commons* utilizam da gestão compartilhada do comum para manterem-se vivas.

Isso nos permite dizer que as redes são produtoras de inovação e dirigem seus esforços para a construção de uma sociedade de código-fonte aberto, uma vez que as trocas simbólicas que operam são todas feitas por meio de licenças flexíveis de propriedade intelectual, como GPL e Creative Commons. (SAVAZONI, 2013, p.60)

O *Copyleft* e o *Creative Commons*³³ são licenças ideologicamente similares, mas com origens diferentes. O *Copyleft* foi desenvolvido pela *Free Software Foundation* após o lançamento do GNU *General Public License*, um termo com normas para copiar, distribuir e modificar o sistema operacional GNU³⁴, sem deixar brechas para que alguém modificasse o GNU e depois o vendesse ou atribuísse direitos autorais privados. O *Copyleft* é uma versão ampliada do GNU *General Public License*, pois não permanece apenas no campo de *softwares* e sistemas operacionais. Ele é utilizado para qualquer produção imaterial, como

³³ Consultar: <<https://br.creativecommons.org>>. Acesso em: 10 out. 2015.

³⁴ Stallman decidiu produzir um sistema operacional baseado no Unix, pois assim o sistema seria portátil e os usuários do Unix poderiam migrar para ele com facilidade. Em 1984, o programador norte-americano concluiu seu feito, batizando-o de GNU, seguindo a tradição *hacker* de utilizar acrônimos, no caso, “*GNU is Not Unix*”. Essa caminhada em busca de um sistema operacional foi denominada de Projeto GNU, o marco fundador do Movimento do *Software Livre*. (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 42)

fotografias, textos, receitas, tutoriais, etc.

O *Copyleft* foi desenvolvido em contrapartida direta ao *Copyright*. A oposição desses dois – *Copyleft* e *Copyright* – não estava apenas no jogo de nomes. Segundo Malini e Antoun (2013, p. 44), “o *Copyleft* utiliza o mesmo modelo da lei dos direitos autorais, mas invertendo-o em termo do propósito habitual: em vez de ser um meio de privatizar o *software*, se torna um meio de mantê-lo livre”. Desta forma, enquanto que o *Copyright* controla e regulamenta a propriedade de qualquer produto veiculado a esta licença, garantindo restrições de consumo, reprodução e divulgação, o *Copyleft* permite a livre distribuição e veiculação do produto desenvolvido se respeitada a integridade deste e se citada a autoria, ou seja, “antes de ser uma provocação ao *Copyright*, o *Copyleft* cria um verdadeiro axioma ao preservar a propriedade intelectual do produto negando a propriedade do produto intelectual” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 44).

A origem do *Creative Commons* é mais recente e não está relacionada diretamente com o Movimento do Software Livre. Este modelo flexível de gestão de direitos autorais (SAVAZONI, 2013) foi desenvolvido na Universidade de Stanford nos Estados Unidos da América e permite ao autor escolher a forma como o seu produto irá circular na internet. O *Creative Commons* apresenta uma série de opções de categorias disponíveis, com diferentes permissões e cobranças. Por exemplo, um fotógrafo pode escolher se quer que a sua foto seja apenas distribuída sem alterações, mas mantendo a autoria, ou se edições (alterações) possam ser realizadas na imagem. Ou ainda, um *videomaker* pode disponibilizar um vídeo para *remix*, permitindo que outro usuário altere completamente o sentido do original. Entre as dezenas de arranjos possíveis, os mais usados do *Creative Commons* são as categorias que permitem consumo, circulação e divulgação, desde que não seja para fins comerciais. Já a licença *Creative Commons 3.0* é a mais radical, pois permite que a produção imaterial circule livremente podendo ser apropriada por outros, pois não exige a manutenção da autoria.

Atualmente, o *Creative Commons* é mais usado que o *Copyleft*, pois o primeiro passou por um processo de popularização, sendo elogiado até pelo Presidente dos Estados Unidos Barack Obama. Porém, o país da antropofagia já fazia uso institucional das licenças livres muito antes.

Outro lado dessa mesma moeda é a sociedade brasileira. Os números mostram que o país é pioneiro na adoção de redes de relacionamento on-line, como Orkut, Facebook e Twitter. É por meio dessas plataformas que a cultura digital se desenvolve, o que levou um dos pioneiros militantes da liberdade na rede, John Perry Barlow, criador da Electronic Frontier Foundation, a dizer que o Brasil é “a sociedade em rede ideal”. Obama chegou em 2008. Em 2005 o site do Ministério da

Cultura já licenciava seus conteúdos em Creative Commons e em 2006, todos os conteúdos produzidos pela Radiobrás, a empresa pública de comunicação, passaram a ser distribuídos por meio dessa licença. (Ibid., 2013, p. 110-111)

O Fora do Eixo, a Mídia Ninja e a grande maioria de coletivos e ativistas usam o *Creative Commons* como licença de suas produções, pois assim como sugere o lastro, o discurso deve ser construído na prática. Segundo Castells (2013, p. 163), é necessário “estabelecer os alicerces de uma futura democracia, praticando-a no movimento”, portanto os ideais defendidos também precisam estar presentes no dia a dia e na produção imaterial desses grupos. Entretanto, a Mídia Ninja radicaliza esse discurso utilizando para além da licença *Creative Commons 3.0*, uma assinatura coletiva³⁵. A foto, o texto e o vídeo – salvo algumas exceções de colaboradores não **orgânicos**³⁶ – são assinados apenas enquanto Mídia Ninja. Esta postura no universo *online* é um reflexo da vida coletiva *off-line* desses jovens, pois, segundo Castells (2013), é impossível separar um universo do outro: o mundo é híbrido. A vida coletiva dos integrantes do Fora do Eixo e da Mídia Ninja é uma radicalização da gestão do comum no projeto da Casa Fora do Eixo.

Alguns dos Coletivos³⁷ do Fora do Eixo já possuíam sedes moradias nas suas cidades, ou seja, o espaço de trabalho que era compartilhado por todos, também servia de moradia para alguns integrantes. O Coletivo Cubo de Cuiabá (MT), que é um dos fundadores do Fora do Eixo, já havia experimentado viver coletivamente, gerando um acúmulo de tecnologias que podiam ser compartilhadas e aplicadas em outros territórios. Essa prática foi expandida para outros Coletivos, como o Massa Coletiva de São Carlos (SP), o que gerava mais acúmulo na inteligência de gestão dessas sedes moradias, as quais eram novamente compartilhadas com os demais Coletivos, resultando em mais sedes moradias.

Em 2011, o projeto da sede moradia com todos os acúmulos de anos de experiências, foi radicalizado para o projeto de uma Casa Fora do Eixo. A Casa³⁸ seria um espaço autônomo e autogestado, onde todas as tecnologias e aplicativos desenvolvidos pela Rede de Coletivos Fora do Eixo seriam colocados em prática. Principalmente, os quatro pilares centrais do Fora do Eixo: o Banco (financeiro), o Partido (articulação política), a Mídia

³⁵ Abordo esta questão do uso do *Creative Commons* e da assinatura coletiva pela Mídia Ninja no artigo *Foto Mídia Ninja: o uso da assinatura coletiva na internet*, escrito em parceria com a minha coorientadora deste trabalho, Jonária da França Silva. Disponível em: < http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/?page_id=148> Acesso em: 7 out. 2015.

³⁶ O termo orgânico, no contexto do Fora do Eixo e da Mídia Ninja, refere-se a integrantes que participam há mais tempo do grupo já dominando as dinâmicas internas e modos de organização.

³⁷ O uso do “C” maiúsculo na palavra coletivo, indica que estou me referindo, especificamente, a um Coletivo da Rede Fora do Eixo.

³⁸ Usarei o “C” maiúsculo em Casa quando for me referir à Casa Fora do Eixo de forma abreviada, usando apenas a palavra Casa.

(comunicação) e a Universidade (formação livre).

A selva de pedras de São Paulo, cidade que não possuía nenhum Coletivo ainda, foi o território escolhido para fundar a primeira Casa Fora do Eixo. O objetivo era construir uma residência aberta para todos os integrantes do Fora do Eixo, mas também para ativistas, militantes, artistas e movimentos sociais, que não faziam parte necessariamente do Fora do Eixo, mas estavam conectados a esse em rede.

Na casa de São Paulo, ninguém recebe, pelo trabalho, salário individualizado. Todos desfrutam gratuitamente dos bens comuns: casa (que inclui teto em quartos compartilhados, água, luz, telefone, internet; refeições; toda a programação cultural; um ambiente intelectual agitado e instigante). Compartilham a senha de cartões de débito e crédito. O gasto é livre: serve para custear uma roupa, um remédio, uma viagem. Mas está sujeito a justificação: não é lícito aproveitar a liberalidade para viver melhor que os demais. O ambiente combina frugalidade notável (na casa, roupas, comida) com banda larga farta e laptops para todos. (MARTINS, 2012, *online*)

O espaço da Casa Fora do Eixo é gestado pelos próprios moradores de forma colaborativa, porém, seguindo a lógica da multiplicação de líderes, gestores são identificados conforme o lastro com o grupo. Além dos gestores dos principais pilares da rede – Banco, Partido, Mídia e Universidade –, nas Casas Fora do Eixo, existe o gestor da Residência Cultural. Ele é o responsável por administrar toda a casa, ou seja, estrutura – se algum equipamento ou objeto é danificado, como o chuveiro, por exemplo –, alimentação, limpeza e principalmente o bem-estar do grupo. Entretanto, ele não faz tudo isso sozinho. Uma tabela de divisão de tarefas é preenchida todo início da semana, identificando quem vai realizar cada tarefa em cada dia da semana.

	DESCRIÇÃO	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB	DOM
Café da manhã	Comprar o que falta, preparar, retirar, limpar. Garantir pães, leite, café e frutas para café da tarde também	Isis Maria	Tati	Gian Brasil	Chris	Ísis	Edvam	Nath
Almoço	Fazer e servir almoço até 13h	Mari + Leleca	Leca	Dalton	Leca	Leca	Leca	
Pos Almoço	tirar a mesa, guardar os alimentos, guardar louça do corredor e lavar as panelas	Gian Brasil	China	Chris	Liga	Liga		Gian
Café da tarde	Servir o café da tarde e retirar o lixo da cozinha, salas e banheirosb	Dalton	mari	Nath	Gian	Gian	Chris	
Jantar	fazer jantar. Até 21h	Dalton	Dalton	Leleca	Dalton	leca		Isis
Pos Jantar	tirar a mesa, guardar os alimentos, guardar louça do corredor e lavar as panelas	China	Gian Brasil	Edvam	Nath	Edvam	Gian	Chris
Xepa	Ir a xepa, separar e higienizar os alimentos	Limpeza Ieco/zinha	Leleca + Mari		mari			
Salas frente	Varrer, passar pano e recolher os lixos	Edvam		Chris		Chris		
Banheiro andar de cima	lavar/organizar o armário/ tirar lixo	mari		Tati		Nath		
Banheiro andar de baixo	lavar/tirar o lixo	Edvam		Tati		Nath		
Sala de TV e Sala design	varrer/passar pano/ tirar poeira do móveis banheiro e sala	Tati		Isis				
Lixo	Varrer/ passar pano/ tirar lixo/ organizar espaço	Chris	Chris		Edvam			
Geladeira	Toda Terça Feira, na parte da manhã							
Microondas	Toda Quinta Feira, na parte da manhã							

	DESCRIÇÃO	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB	DOM
Lixo	Varrer/ passar pano/ tirar lixo/ organizar espaço	Chris	Chris		Edvam			
Geladeira	Toda Terça Feira, na parte da manhã							
Microondas	Toda Quinta Feira, na parte da manhã							
Penteadeira	Toda Quarta Feira, na parte da manhã			Tati				
Trepadeiras	Terça Feira - Trocar Roupa de Cama, lavar, estender, recolher		Gian Brasil					
Motel 1 e 2	Quarta Feira - Trocar Roupa de Cama, lavar, estender, recolher			Tati				
Cela	Quinta Feira - Trocar Roupa de Cama, lavar, estender, recolher				Tati			
Puxadinho	Sexta Feira - Trocar Roupa de Cama, lavar, estender, recolher					Tati		
Quarto Escada	Sábado - Trocar Roupa de Cama, lavar, estender, recolher						Tati	
Toalhas e Pano de Chão	Segunda - Lavar, Estender, Guardar	Isis Maria						
Café tarde	7				dalton	gian brasil		
Café manhã	7				edvam	china		
Lavanderia	5		35		chris	isis		
Almoço	7		33			Mari		
limpeza	35		68		leca			
janta	7		76		tati	isis/leleca		

Figura 2 e Figura 3: *Printscreen* da tabela de divisão de tarefas da Casa Fora do Eixo São Paulo de uma semana de julho de 2015.

Fonte: Diário de Campo de Nathália Schneider.

Como é possível notar nas tabelas acima, as tarefas referentes à alimentação do grupo geralmente são divididos em: café da manhã; almoço; louça do almoço; lanche da tarde; janta; louça da janta; fazer a feira (*xepa*). Já na limpeza, depende muito da estrutura de Casa, mas engloba tarefas como: lavanderia; mercado; limpar os banheiros; varrer e organizar os espaços de trabalho; trocar as roupas de cama; etc.

Hoje, a Casa é compreendida pelos integrantes do Fora do Eixo e da Mídia Ninja como o principal projeto deles. Se em Casa as coisas não estiverem boas, com que forças que um ninja vai para rua realizar a cobertura do protesto? Por isso que, para os ninjas, a tarefa de preparar o jantar é tão importante quanto a produção de uma matéria, pois se não tiverem

pessoas da Rede³⁹ pensando no bem estar da singularidade de cada um, o coletivo não se manteria em pé. O sentimento de companheirismo com uma gestão democrática do espaço é o que alimenta a Casa Fora do Eixo como ela é. A Casa coletiva é uma experiência concreta da gestão do comum. Entre erros e acertos, os integrantes da Mídia Ninja e do Fora do Eixo aplicaram a paixão por um projeto possível na construção de outras formas de viver.

O *Creative Commons* e o *Copyleft* oferecem outras formas de compreender a produção intelectual e imaterial, principalmente no ciberespaço. Ambos são projetos de desejos de formas coletivas de gestão do comum (HARDT; NEGRI, 2014). Assim como o Fora do Eixo e a Mídia Ninja, trouxeram o projeto de uma livre produção coletiva para dentro de suas casas. Um ninja não usa seu nome como autoria de uma fotografia, texto ou vídeo, pois existe toda uma estrutura – que vai para muito além da Casa coletiva –, que possibilita a presença dele em determinado contexto. O que este ninja produz, não é fruto da ação individual dele, mas sim da ação coletiva, na qual estão todos juntos numa mistura radical de vida, trabalho, militância e afetos, como indica a *hashtag*, que já foi amplamente usada pelos ninjas: #tudojuntomisturado.

Projetos de outros modos de vida unidos com uma compreensão do coletivo para além do público e privado, é a retomada da gestão do comum pela multidão, pois enquanto “um conjunto de singularidades, ela é capaz de estabelecer o máximo de mediações e soluções de compromisso consigo mesma, desde que sejam mediações emblemáticas do comum” (NEGRI, 2004, p. 26).

2.4 NOVOS MODOS DE VIDA: DA ECONOMIA DO PRECARIADO AO AMOR

Após o bem-sucedido laboratório de uma Casa Fora do Eixo em São Paulo, outras cidades com os mais variados territórios e características também partiram para essa experiência. Os Coletivos começaram a aplicar as tecnologias desenvolvidas pela Rede, fazendo com que as Casas Fora do Eixo pipocassem pelo Brasil. Santa Maria (RS), Pelotas (RS), Fortaleza (CE), Rio de Janeiro (RJ), Brasília (DF), Belém (PA), Rio do Sul (SC), São Carlos (SP) e outras cidades construíram as Casas nos moldes propostos pela de São Paulo, porém mantendo as suas singularidades. Dentre as Casas que conheci através da minha vivência como militante da Rede e depois como pesquisadora, posso afirmar que nenhuma Casa era igual à outra, da mesma forma que cada Coletivo, por mais semelhanças que apresentassem, são singulares.

³⁹ O “R” maiúsculo na palavra rede, indica que estou em referindo a Rede Fora do Eixo.

Por exemplo, a Casa Fora do Eixo São Carlos (SP), na qual morei durante todo o segundo semestre de 2011, foi a minha primeira experiência de uma residência coletiva. São Carlos é uma cidade do interior de São Paulo com cerca de 250 mil habitantes e duas grandes universidades públicas – a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a Universidade de São Paulo (USP) –, o que trazia muitos jovens para a cidade, movimentando a cena cultural. Uma antiga e grande casa no centro da cidade era a sede da Casa Fora do Eixo São Carlos. As salas de trabalho eram amplas e integradas entre si e também com a cozinha, apenas uma porta de vidro separava o corredor que dava acesso aos três quartos e aos dois banheiros do resto da casa. Nesta porta uma plaquinha avisava *acesso restrito a moradores*. Nos fundos, um quintal com uma composteira, hortas cultivadas em vasos e uma parreira com uma mesa, onde geralmente era servido o almoço. Ainda no quintal, havia uma outra edificação separada da parte principal da casa, onde era a hospedagem solidária⁴⁰. O estilo de vida era mais calmo, todos dormiam cedo e acordam cedo e a alimentação era saudável com frutas todas as manhãs e almoços vegetarianos.

A Casa Fora do Eixo São Carlos era vinculada ao Programa Cultura Viva do Governo Federal como Ponto de Cultura Audiovisual, pois os quatro moradores – retirando eu – eram formados ou estudantes do curso de Imagem e Som da UFSCar. Pelo vínculo a este programa de política pública, a Casa tinha certa estabilidade financeira. As principais ações eram os cineclubes semanais em duas diferentes regiões culturais da cidade, numa periferia urbana e numa zona rural.

Já a Casa Fora do Eixo Porto Alegre (RS), montada na capital do Rio Grande do Sul, na qual fui residente por três meses em 2012, era um pequeno apartamento na Cidade Baixa, bairro boêmio da cidade, que naquele período contava apenas com quatro moradores. A maioria dos projetos era realizado em parceria com instituições governamentais ou com outros movimentos sociais e grupos artísticos, como a programação cultural do Fórum Mundial Social. O estilo de vida era mais apressado e a instabilidade financeira constante, principalmente no início, período do qual eu fiz parte. Portanto, as pessoas e as características das cidades constroem diferentes Casas coletivas, que também são alteradas pelos contextos. Por exemplo, a Casa Fora do Eixo São Paulo que conheci em 2011, não é a mesma Casa Fora do Eixo São Paulo, na qual fiz minha pesquisa de campo em 2015.

Entretanto, meu objetivo não é apontar que cada Casa é uma Casa diferente da outra, mas sim encontrar as estruturas que se repetem no campo. Como já venho apresentando ao

⁴⁰ A hospedagem solidária é um dos aplicativos do Fora do Eixo. Ele consiste basicamente em ter um espaço para receber artistas, ativistas e outras pessoas nas Casas de forma gratuita.

longo do texto, existe uma cultura compartilhada pelos integrantes da Mídia Ninja e do Fora do Eixo, que muito bebeu da cultura hacker e das comunidades virtuais, assim como todos os movimentos sociais em rede. Nesse projeto de outros modos de viver do Fora do Eixo e da Mídia Ninja, existem dois elementos que perpassam todo o modo de organização: a economia do precariado e o amor.

Segundo Braga (2013, p. 82), o precariado é "a massa formada por trabalhadores desqualificados e semiqualeificados que entram e saem rapidamente do mercado de trabalho, por jovens à procura do primeiro emprego, por trabalhadores recém-saídos da informalidade e por trabalhadores sub-remunerados", porém não com este conceito tradicional que eu vou desenvolver o modo de vida do Fora do Eixo e da Mídia Ninja. O precariado, que eu invoco é no sentido ressignificado por estes grupos. O precariado é autonomia para encontrar soluções criativas e viáveis para os problemas: é a gambiarra do dia a dia.

O Fora do Eixo é um laboratório de experiências culturais e de invenção de tecnologias sociais radicais, que conseguiu transformar precariedade em autonomia. Ele inventou uma forma de viver coletiva e restituir o tempo que o capital nos rouba de uma forma que me toca e mobiliza. (BENTES, 2014, *online*)

Segundo Hardt e Negri (2014, p. 178), "as próprias estratégias de sobrevivência frequentemente exigem extraordinária habilidade e criatividade". Por exemplo, a Ninja não possuía equipamentos de alta performance para fazer uma transmissão ao vivo, então ela usou o *smartphone* com acesso a 4G como estratégia de comunicação, assumindo uma estética do precariado na produção imaterial.

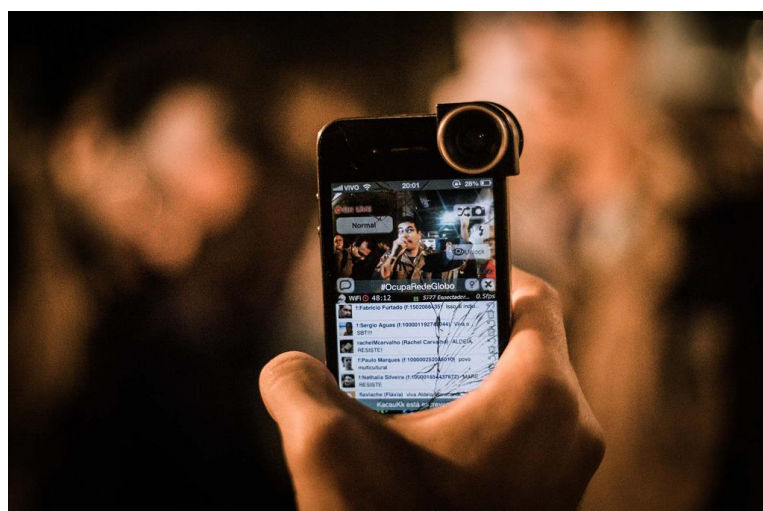


Figura 4: Foto de *smartphone* de um Ninja durante protesto pela democratização da comunicação
Fonte: Mídia Ninja

A sede moradia surge da lógica de uma economia do precariado, pois os integrantes queriam dedicar-se inteiramente ao Coletivo. Eles não queriam trabalhar e ser ativista apenas nas horas vagas, eles queriam viver disso, porém, sustentar todos os integrantes na lógica de um salário e uma casa individual era impossível. Porque uma sede moradia? Porque é mais barato. Ou seja, todos morando juntos e dedicando o seu trabalho imaterial integralmente ao Coletivo com apenas um aluguel para pagar é viável financeiramente. A Casa Fora do Eixo é uma solução do precariado para a sustentabilidade da Rede, pois um dos principais aplicativos da Casa é o caixa coletivo.

O caixa coletivo é geralmente uma gaveta de algum cômodo de fácil acesso, onde qualquer um dos integrantes têm acesso à cédulas, moedas e cartões de crédito e um caderno chamada *livro de saídas*, no qual devem ser registradas todas as movimentações financeiras. As folhas do caderno são divididas em colunas para serem preenchidas pelo valor retirado, por quem foi o responsável da transação, qual foi o fornecedor, por qual motivo (alimentação, transporte, estrutura, etc.) e a para qual projeto (por exemplo, a alimentação é para o projeto da residência cultural).

Quando cerca de 3 mil jovens de todo o Brasil nas cidades do interior e/ou capitais reverterem seu tempo e vida para um projeto Comum com um Caixa Coletivo único que paga comida, roupa e casa coletiva, sem salário individual, mas autonomia para retirarem do Comum o que precisarem, abandonam seus "empregos escravos" ou precários na mídia tradicional, na produtora comercial, nas agências de publicidade, ou qualquer emprego fordista e tem que inventar sua própria ocupação. Tem seu tempo e vida liberados, produzidos a partir de uma outra lógica distinta e comunitária. (BENTES, 2014, p. 54-55)

A experiência do caixa coletivo é ainda mais radicalizada entre as Casas de São Paulo (Casa Fora do Eixo São Paulo), Rio de Janeiro (Casa Coletiva) e Brasília (Casas das Redes), que compartilham os recursos entre as Casas, construindo um caixa coletivo destas casas. O Fora do Eixo através do precariado, construiu uma economia do comum, que vem com a cultura do compartilhamento da cultura hacker. É a retomada da gestão do comum pela multidão.

A cultura digital fez emergir um impasse entre as formas clássicas de remuneração e a "cultura ou economia da gratuidade" ("nós não vamos pagar nada"), e, mais do que isso, coloca no coração do capitalismo uma dinâmica paradoxal: capturar, "monetizar", conter o "incomensurável" (o que não tem uma medida) e que foge o tempo todo do controle: o conhecimento produzido e compartilhado nas redes sociais, coletivos, ambientes públicos, o que se produz em uma comunidade de desenvolvedores de software livre, o trabalho não assalariado de redes com caixas coletivos que criam autonomia, as atividades de um agitador e gestor cultural cuja

vida se confunde com seu trabalho, ou as ideias e ações criadas coletivamente nas redes ou nos territórios. (BENTES, 2013, p. 11)

O trabalho vivo vem se tornando imaterial (MALINI; ANTOUN, 2013), pois novos formatos de produção estão sendo pensados e desenvolvidos em contraposição ao emprego formal e assalariado, que é rejeitado por boa parte dos integrantes do Fora do Eixo e da Mídia Ninja. O capitalismo cognitivo, em que o conhecimento é o produto (BENTES, 2013), chega a todos, mesmo que de forma assimétrica e desigual. O fruto deste capitalismo pós-fordista é a produção do comum que vem do trabalho imaterial, que “se considera o conjunto das atividades intelectuais, comunicativas, afetivas, expressas pelos sujeitos e pelos movimentos sociais” (NEGRI, 2003, p. 92).

Um emprego fixo, com carteira assinada, jornada semanal, trinta dias de férias, no qual o empregado está sempre torcendo ou pelo final de semana ou pelo final do expediente, vem sendo deixada para trás na construção de outros modelos de vida. Como afirma Negri (2003), o trabalho não pode ser uma esfera separada do resto da vida.

A vivência é atravessada por acumulações e práxis diversas, e resulta das dinâmicas e, finalmente, se descobre na *dimensão política*, isto é, em um dispositivo que não está mais ligado somente à produção, mas, evidentemente, a toda a vida. A esta conclusão chegamos metodicamente, portanto não do *lado externo*, dizendo, por exemplo, que o capital ocupou toda a vida, *mas do lado interno*; é o trabalho que ocupo toda a vida. (Ibid., 2003, p. 102)

Outras economias, modos de trabalho, formas de se relacionar estão sendo desenvolvidas através da prática coletiva, pois a multidão “é, a um só tempo, sujeito e produto da prática coletiva” (NEGRI, 2004, p. 20). Talvez nenhum desses modelos propostos e, desenvolvidos ao longo do texto sejam inéditos, mas o projeto é mudar, é transformar a sociedade através de disputas de narrativa que são arquitetadas em rede. Novos modos de vida estão em construção, pois “a multidão também possui uma enorme energia criativa (HOWE, 2009, p. 247)” e esta energia vem do amor.

Não o amor da concepção romântica, pois outras formas de amar também estão sendo disputadas, mas o amor que é baseado no reconhecimento do outro como diferente e de que essa relação aumenta o poder de ambos (HARDT; NEGRI, 2006). Amor ao diferente, amor ao marginalizado, amor ao excluído, amor ao sonho de justiça social e amor a uma democracia real: amor a um projeto de mundo possível. Isso é o que motiva os movimentos sociais em rede, os coletivos, os ativistas, as ONGs e a mim.

Não existe projeto de uma multidão sem amor, e sem amor não se pode falar em libertação e democracia. É necessário radicalizar o amor, pois o amor também é uma força econômica (HARDT; NEGRI, 2009). Da economia do precariado ao amor, pois o segundo também é um princípio da organização política.

Este amor, do qual eu falo, é “baseado na multiplicidade. E é isso exatamente como concebemos a multidão: singularidade somada à cooperação, reconhecimento da diferença e do benefício de uma relação comum. É nesse sentido que dizemos que o projeto da multidão é um projeto de amor” (HARDT; NEGRI, 2006, p. 108). O amor é o caminho. Mais amor, por favor.



Figura 5: Paredes da Casa Fora do Eixo São Paulo.
Fonte: Diário de Campo de Nathália Schneider.

3 DE VOLTA PARA CASA: REDESCOBRINDO O CAMPO

Neste capítulo, apresento meu percurso metodológico, que se entremeia com minha experiência enquanto ativista e integrante do Fora do Eixo e da Mídia Ninja. Apesar dos sábios conselhos de queridos professores sobre essa linha tênue que eu iria enfrentar na minha trajetória, escolhi um movimento do qual fui militante orgânica para que fosse sujeito de meu estudo, mesmo correndo o risco de embrulhar o estômago. De um lado, o discurso cego e panfletário que já começa a pesquisa com as respostas, nas quais quer chegar, prontas. De outro lado, a pretensão de uma neutralidade e imparcialidade, que não existe e só esconde a riqueza da intersubjetividade do campo, elemento que, conforme Cardoso de Oliveira (2006) torna o cientista social moderno menos ingênuo. Ao mesmo tempo, não quis permanecer em cima do muro como quem não diz nada e não assume riscos. Optei pelo extremismo, como chama Miller (2013). Ou seja, relativizei e analisei cuidadosamente cada dado observado no meu campo, sempre confrontando os meus achados, mesmo que estes frustrem a militante dentro de mim, como diz Da Matta (1978): colocar a familiaridade do estômago para a cabeça.

Segundo Cardoso de Oliveira (2006, p. 24), “acreditar ser possível a neutralidade idealizada pelos defensores da objetividade absoluta é apenas viver em uma doce ilusão”. Desta forma, a ideia de um pesquisador neutro e assexuado é um mito que já foi desconstruído pela antropologia moderna. Sou pesquisadora, mulher, feminista, militante e ex-moradora da Casa coletiva, onde vivem meus sujeitos de estudo. Quando cheguei em campo, carreguei todas essas identidades comigo, que são assumidas em contextos diferentes, como propõe Marcus (1998) na categoria do etnógrafo ativista. Tenho clareza que a minha militância permitiu que eu alcançasse espaços e assuntos que outro pesquisador não conseguiria chegar. Para muitos dos meus interlocutores (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006), contrastando com o pensamento acadêmico clássico, eu tenho autoridade de fala enquanto pesquisadora, pois, conheço tal realidade – segundo eles – melhor que alguém que só tem contato com ela para a pesquisa.

Questões a cerca da autoridade do antropólogo e do nativo é um debate que não vou aprofundar neste trabalho, entretanto uso a militância como um dilema potencializador, incluindo a minha vivência como referência para o campo da minha inspiração etnográfica multi situada. Optei por fazer uso da subjetividade uma experiência a ser narrada, que só tem a somar e que não prejudica o potencial analítico da minha pesquisa etnográfica, pois,

conforme DaMatta (1978, p. 12), a antropologia é “uma ciência interpretativa, destinada antes de tudo a confrontar subjetividades e delas tratar”.

Segundo Miller (2013, p. 15), a etnografia de modo resumido “consiste tipicamente em viver com os grupos por um ano ou mais, falando sua língua e participando de suas atividades”, utilizando primordialmente da técnica da observação participante unida a outros recursos como entrevista, grupo focal, questionário, etc. Antes de aprofundar a metodologia, gostaria de justificar a minha escolha pelo termo inspiração etnográfica, pois não permaneci um longo período no campo como exige a etnografia clássica. Conforme Valladares (2007, p. 154), “a observação participante implica, necessariamente, um processo longo. Muitas vezes o pesquisador passa inúmeros meses para ‘negociar’ sua entrada na área. Uma fase exploratória é, assim, essencial para o desenrolar ulterior da pesquisa”. O curto tempo dedicado ao campo e o fato de minha relação com antropologia ser muito recente são os motivos pelos quais optei em utilizar como método a inspiração etnográfica. De acordo com Barros (2007), esta denominação é mais apropriada quando a imersão no campo não segue os padrões estabelecidos pela etnografia tradicional.

Também utilizo do conceito de etnografia multi situada, pois faço uso das minhas vivências anteriores à pesquisa, não apenas para comparar os contextos e perceber as mudanças culturais do Fora do Eixo nesses anos passados. Mas, principalmente, para não me limitar a lugares, fronteiras – como separar momentos de etnografia virtuais ou presenciais – e a uma única identidade. Além da minha experiência vivida enquanto militante e moradora das Casas que eu utilizo como referência para os meus campos, que realizei posteriormente.

O primeiro foi durante um acampamento no Rio de Janeiro em agosto de 2014, no período pós Copa do Mundo, proclamado de República, pois era construção de um novo país: autônomo, democrático e autogestado pelos movimentos sociais. O local utilizado para montar o acampamento foi um campo de futebol abandonado que fica dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Campus da Praia Vermelha, localizado no tradicional bairro da Urca, zonal sul da cidade.

Neste campo, eu permaneci apenas cinco dias, dormindo, acordando, tomando banho e comendo com movimentos sociais e coletivos culturais de vários lugares da América Latina, entre eles o Fora do Eixo e a Mídia Ninja. Cardoso de Oliveira (2006) apresenta uma metáfora do percurso etnográfico realizado através de duas muletas – ver e ouvir –, não apenas para frisar a importância desses atos cognitivos na pesquisa, mas também para lembrar que o trajeto percorrido no campo é sujeito a muitas quedas. A metáfora de Cardoso de Oliveira (2006) vai ao encontro de minha experiência, pois, com mais erros que acertos, não consegui

realizar a reinserção que desejava durante o meu primeiro campo. Porém, a paixão pela antropologia e pelo meu sujeito de estudo, fez com que eu olhasse para os meus tropeços e compreendesse que é assim que se aprende a etnografar: vivenciando o campo.

Já na segunda ida ao campo, eu estava mais preparada. Foi em julho de 2015, quando fiquei na Casa Fora do Eixo São Paulo, localizada no Cambuci, bairro central da cidade de São Paulo. A maioria dos dados deste trabalho foi colhido durante o segundo campo, pois permaneci um mês morando na Casa coletiva. Tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo eu realizei observação participante com diário de campo para anotar impressões obtidas através da técnica da observação participante.

É importante ressaltar que eu não faço uso de nomes fictícios para o Fora do Eixo e para Mídia Ninja, pois são grupos conhecidos e com um *modus operandi* particular. Acredito que ao deixar de usar os nomes verdadeiros, a pesquisa perde sua relevância, pois segundo Fonseca (2007), o anonimato é muitas vezes naturalizado na pesquisa etnográfica e nem sempre é a escolha mais apropriada para determinada pesquisa.

Devemos reconhecer que o anonimato não é necessariamente visto como sinal de respeito. Pelo contrário, mascarar nomes de pessoas ou de determinada comunidade pode trazer a mesma impressão que trazem os rostos borrados ou as tarjas pretas cobrindo os olhos que vemos em filmes e fotos de jovens infratores. Parece designar justamente as pessoas que têm algo para esconder. (FONSECA, 2007, p. 4)

Desta forma, não mascaro as identidades dos meus interlocutores, nem as suas histórias. O Fora do Eixo e a Mídia Ninja são movimentos sociais em rede extremamente midiaticizados. Eles provocam as reconfigurações das próprias narrativas hegemônicas, como defende Fonseca (2007), para o papel do pesquisador. Portanto, o que eu realizo neste trabalho é construir uma das narrativas que estão sendo desenvolvidas sobre estes grupos. Entretanto, é importante também afirmar, que essas decisões foram negociadas com os interlocutores. Assim como as fotografias que produzi durante o campo, também foram liberadas para serem usadas nesse trabalho, sendo que em sua maioria as imagens saíam da câmera para o *Facebook* ou *Instagram* dos moradores ou da Casa.

De acordo com Fonseca (2007, p. 9), “o pesquisador anda numa corda bamba, procurando garantir a riqueza de detalhes que mantém fidelidade ao texto etnográfico, ao mesmo tempo que exerce uma vigilância constante aos limites éticos de sua ousadia”. Deste modo, busco expor o meu trabalho à ética do desconforto (FONSECA, 2010), não somente pelas escolhas anteriores, mas também para que os meus interlocutores possam discordar e contestar publicamente dados e análises realizadas. Acredito que as críticas só têm a somar na

reflexão teórica, metodológica e analítica que me proponho fazer. A ética é um caminho tortuoso, que não possui uma fórmula única para ser aplicada. Portanto, enquanto pesquisadora e militante procurei conversar ao máximo para não gerar ruídos ou deixar lembranças negativas depois que eu retornasse do campo.

Mesmo como tantas bibliografias estudadas e recomendações de professores, eu ainda leio meus longos relatos de diário de campo com certa insegurança. Como comenta White (2005), às vezes é a sensação de estar completamente imersa em uma confusa massa de dados que provoca estas incertezas. Por isso, vêm os questionamentos: quem estaria escrevendo aquele diário de campo? A Nathália ativista ou a Nathália pesquisadora? Será que algum dia eu consegui separar uma da outra? Será que precisa separar?

3.1 ATIVISTA VERSUS PESQUISADORA: OBSERVANDO O FAMILIAR

Apreendi, através de Cardoso de Oliveira (2006), que o texto etnográfico não é uma construção intimista, mas, ao mesmo tempo, não devo me esconder sob a capa de um narrador impessoal, onisciente e onipresente. Desta forma, para compreender meu interesse de pesquisa pelo Fora do Eixo e pela Mídia Ninja e a relação afetiva com meus interlocutores, acredito ser importante apresentar brevemente a minha trajetória pessoal com o movimento.

Santa Maria, 2010: no mesmo ano que entrei no curso de Comunicação Social conheci o Macondo Coletivo de Santa Maria, que atualmente já não existe mais, porém, na época integrava o Fora do Eixo. Comecei a participar de algumas coberturas colaborativas como fotógrafa e logo já fazia parte do **núcleo orgânico**⁴¹ do Coletivo. Em 2011, me inscrevi no edital de vivência da Universidade Fora do Eixo, que consistia basicamente, em passar um período morando na sede moradia do Massa Coletiva, também outro Coletivo que não existe mais, pois ele originou a Casa Fora do Eixo São Carlos. O objetivo desse intercâmbio era, além da troca cultural, que eu conhecesse as tecnologias do Fora do Eixo e depois retornasse à minha cidade para compartilhá-las com o meu Coletivo. Uma espécie de formação de agentes.

No período que permaneci em São Carlos, tornei-me orgânica e fui convidada para mudar-me para compor a formação inicial da Casa Fora do Eixo Porto Alegre – que na época era a Casa responsável pela gestão dos Coletivos da região sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) – como residente fixa, o que acabou não se concretizando, pois em 2012

⁴¹ O núcleo orgânico é um composto por sujeitos – também orgânicos – que gestam coletivamente determinadas funções, por exemplo, a comunicação. Os diferentes núcleos dialogam entre si para tomarem as decisões gerais conjuntamente. Por exemplo, para conseguir verba para adquirir um computador para a equipe Ninja, o núcleo de comunicação, a Mídia Fora do Eixo, procura uma solução junto com o grupo responsável pelo Banco Fora do Eixo.

retornei para Santa Maria após apenas três meses em Porto Alegre. No ano de 2013, foi uma eterna viagem entre em Santa Maria e Porto Alegre para produzir a cobertura das Jornadas de Junho, pois a Casa da capital rio-grandense estava sem um fotógrafo orgânico. Ainda hoje (setembro de 2015), eu continuo como colaboradora da Rede, principalmente através da Casa Fora do Eixo Santa Maria, mesmo que com menor frequência, atualmente única Casa Fora do Eixo da Regional Sul⁴². A tabela abaixo mostra um resumo de minha participação como colaboradora do Fora do Eixo de 2010 a 2015, situando o leitor nos coletivos em que atuei enquanto militante, sendo possível a articulação em mais de um durante o mesmo período, e nos campos etnográficos realizados depois.

Tempo /Lugar	Mac⁴³.	Mas⁴⁴.	Casa SC⁴⁵	Casa⁴⁶ POA	Casa⁴⁷ SM	Rep.⁴⁸	Casa SP⁴⁹
1º sem. 2010							
2º sem. 2010							
1º sem. 2011							
2º sem. 2011							
1º sem. 2012							
2º sem. 2012							
1º sem. 2013							
2º sem. 2013							
1º sem. 2014							
2º sem. 2014							
1º sem. 2015							
2º sem. 2015							

Tabela 1: Resumo da trajetória pessoal no Fora do Eixo

Fonte: Diário de campo Nathália Schneider

A opção pela etnografia com observação participante enquanto metodologia está

⁴² O Fora do Eixo era organizado em Regionais, que não necessariamente seguiam a mesma limitação geográfica brasileira. Hoje (outubro de 2015), essa divisão foi abandonada.

⁴³ Mac. = Macondo Coletivo (Santa Maria, RS);

⁴⁴ Mas. = Massa Coletiva (São Carlos, SP);

⁴⁵ Casa SC = Casa Fora do Eixo São Carlos (São Carlos, SP)

⁴⁶ Casa POA = Casa Fora do Eixo Porto Alegre (Porto Alegre, RS)

⁴⁷ Casa SM = Casa Fora do Eixo Santa Maria (Santa Maria, RS)

⁴⁸ Rep. = República (Rio de Janeiro, RJ)

⁴⁹ Casa SP = Casa Fora do Eixo São Paulo (São Paulo, SP)

diretamente relacionada a esta minha vivência no Fora do Eixo e na Mídia Ninja, pois um dos métodos utilizados com grande frequência na Universidade Fora do Eixo é a chamada **vivência**. Similar à etnografia, a vivência consiste no intercâmbio de agentes de Coletivos por um período determinado em uma Casa Fora do Eixo para conhecer a Rede, entender e aprender sua forma de organização e trabalho.

A vivência é uma experiência prática com grande troca de conhecimentos e com uma metodologia empírica pensada pela Universidade Fora do Eixo e inspirada em diversos métodos acadêmicos. Assim como o etnógrafo, quem realiza uma vivência possui um diário para preencher com as tarefas cumpridas e um planejamento proposto das atividades que vai realizar. Compreendo as diferenças entre ambas as práticas, porém trouxe a contextualização para refletir que estas semelhanças apresentam fatores que foram essenciais para minha aceitação enquanto pesquisadora pelo grupo. Um episódio vivenciado no meu primeiro dia na Casa Fora do Eixo São Paulo trouxe essa confirmação, quando fui apresentada para outro pesquisador – que também estava na Casa realizando uma entrevista – por um dos gestores da Ninja e ele comentou de forma positiva a minha metodologia. Percebi, então, que para meus interlocutores, só era possível compreender o Fora do Eixo e a Mídia Ninja vivendo em uma das Casas.

Quando anunciei para os ninjas pela primeira vez (maio de 2014) que o meu TCC seria sobre a eles, foram inúmeras reações: de indiferenças, pois esta já estava sendo estudada por tantos outros pesquisadores, a sorrisos positivos por ser alguém **de dentro**⁵⁰ do Fora do Eixo realizando a pesquisa. Esse aspecto considerado positivo por eles me assustava um pouco, pois aprendi com a antropologia clássica que os etnógrafos estudavam a alteridade. Entretanto, ao conhecer a antropologia brasileira, eu vi meus horizontes serem ampliados por três pesquisadores: Roberto DaMatta, Roberto Cardoso de Oliveira e Gilberto Velho.

O movimento de estranhar o familiar (VELHO, 2013) se tornou minha obsessão no início da revisão bibliográfica. Na minha primeira ida a campo, fiquei tão preocupada em estranhar o familiar que mal interagi com os integrantes da Ninja. Eu era uma deles e, de repente, estava longe da tenda da equipe de comunicação, sentada, observando, escrevendo e esperando alguém me chamar. Quase uma etnóloga de gabinete. Fiz tudo ao contrário, esqueci que o antropólogo é metido e, principalmente, que não tem controle da situação.

Não tenham medo do ridículo, espelhem-se no ofício dos palhaços que riem da sua própria miséria e, ao saberem-se ridículos, enfrentando sua vergonha, cumprem seu papel (Tsallis, 2005). Perguntem sem medo, confiem na intuição. Olhem, vejam,

⁵⁰ Possui o mesmo sentido do termo orgânico.

toquem se for possível, escutem, perscrutem, esperem e observem. Observem sempre e a qualquer hora. Não esperem que venham lhe convidar, saía para a rua. (PIRES, 2001, p. 145)

Este foi o meu segundo erro, pois o primeiro foi quando tentei com uma das integrantes da Casa de Porto Alegre uma reaproximação negociada, que não deu certo: trocar conversas por força de trabalho. Eu já havia lido que a inserção é um momento crucial da etnografia, mas por eu ser supostamente de dentro, esperava que fosse mais fácil e sem problema algum. E este foi o momento do estranhamento: o que define quem é de dentro?

Posso estar acostumado [...] com uma certa paisagem social onde a disposição dos atores me é familiar; a hierarquia e a distribuição de poder permitem-me fixar, *grosso modo*, os indivíduos em categorias mais amplas. No entanto, isso não significa que eu compreenda a lógica de suas relações. O meu conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos, estereótipos. Logo, posso ter um mapa, mas não compreendo necessariamente os princípios e mecanismos que o organizam. (VELHO, 2013, p. 74)

Entre a primeira tentativa frustrada de entrada no campo e a primeira ida ao campo um tanto falha, eu encontrei o estranhamento. O acesso ao mapa estava fornecido, mas não compreendia sua estrutura com a clareza que imaginava. Portanto, para a minha segunda e bem sucedida imersão, eu voltei ao campo "com o olhar devidamente sensibilizado pela teoria disponível" (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p. 19), preparada para transformar o familiar em exótico, como propõe DaMatta (1978), ou seja, desconstruir tudo que eu conhecia até então. Através dos 'porquês', é possível tirar o que não foi obtido via intelecto, mas via coerção social do estômago para a cabeça (DAMATTA, 1978), ou seja, racionalizar, porém sem perder a subjetividade.

Acredito que seja possível transcender, em determinados momentos, as limitações de origem do antropólogo e chegar a ver o familiar não necessariamente como exótico, mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados. O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo, emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatores e situações. (VELHO, 2013, p. 78)

Confrontar e desconstruir minhas verdades e meus achados de campo eram os primeiros objetivos quando embarquei para São Paulo em julho de 2015. Mas, para isso, eu precisava saber observar. Não apenas observar, mas ser capaz de diferenciar as piscadelas para compreender as teias de significados como propõe Geertz (2008), para, então, construir o texto etnográfico. Através da descrição densa, é possível apresentar as estruturas de

significados do campo e tentar salvar o que foi dito no discurso (GEERTZ, 2008).

Desta forma, fui para a Casa Fora do Eixo São Paulo aberta para o imponderável da vida social, ou seja, para as surpresas que o campo poderia me oferecer, pois “aquilo que escapa ao nosso planejamento, nos faz mudar de rota e acaba sendo revelador” (PIRES, 2001, p. 145). Também estava preparada para aprender a observação participante na prática do dia a dia, pois como as inserções no campo tinham me ensinado: antropologia se aprende fazendo.

3.2 AFETOS POSSÍVEIS: A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NA VIDA COLETIVA

Como já expliquei anteriormente, utilizo principalmente dados do meu segundo campo para realizar a análise, pois durante esse estava mais preparada e sensibilizada através das bibliografias estudadas. Entretanto, não seria possível etnografar o Fora do Eixo e a Mídia Ninja permanecendo apenas um mês com eles, mesmo que o objetivo seja uma inspiração etnográfica e não uma etnografia clássica. Portanto, faço uso das percepções e elementos do meu primeiro campo e da minha vivência enquanto militante, que também ajudaram a estar preparada para a imersão na Casa Fora do Eixo São Paulo. Antes de aprofundar sobre a observação participante, apresento um pequeno resumo dos dois campos:

- 1º campo: acampamento República no Rio de Janeiro (RJ) em agosto de 2014. Período de permanência: cinco dias.
- 2º campo: imersão na Casa Fora do Eixo São Paulo, em São Paulo (SP) em julho e agosto de 2015. Período de permanência: trinta dias.

O planejamento inicial para a minha imersão em São Paulo era realizar a observação participante, que parte do princípio de interação entre pesquisador/pesquisado, com o apoio de entrevistas de profundidade. Após alguns dias de estadia na Casa Fora do Eixo São Paulo, duas pesquisadoras chegaram para permanecer uma semana com o grupo com propostas distintas, enquanto uma permaneceria na Casa, a outra passaria apenas o período do dia no ambiente coletivo. A doutoranda em Psicologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Josi Lahorgue, tornou-se mais que uma companheira de campo com a qual eu dividia o quarto e as tarefas da cozinha. Ela era uma amiga e uma companhia com quem podia trocar as experiências, os achados e, principalmente, o *anthropological blues* (DAMATTA, 1978).

A suposta experiência do ofício solitário da etnóloga foi desconstruída logo no primeiro dia, não apenas pela companhia durante a estada da Josi, mas também porque o pesquisador é um observador que está sendo todo o tempo observado, como pontua Valladares (2007). Frequentemente, algum dos moradores parava para conversar comigo para

saber se estava conseguindo fazer a minha pesquisa e o que estava achando da minha estada na Casa.

Estas conversas descompromissadas que aconteciam nas pausas para um cigarro, ou na execução das tarefas da Residência Cultural, como lavar a louça, cozinhar ou organizar o quarto, foram as mais ricas. Ao dividir o campo com outros pesquisadores, observei que a não aceitação por entrevistas formais era uma atitude recorrente entre os meus interlocutores. Não que eles recusassem a conversar, mas a ideia de parar o que estavam fazendo para conversar por mais de uma hora com perguntas fechadas e sendo gravadas, não era o conceito de melhor rendimento do seu tempo, ou seja, os moradores aceitavam ser entrevistados, mas geralmente com uma má vontade implícita. Portanto, as entrevistas não construíam uma relação dialógica, mas um campo ilusório de interação, como alerta Cardoso de Oliveira (2006).

Para Whyte (2005) a observação participante implica em saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos possíveis e principalmente “aprender quando perguntar e quando não perguntar, e também que perguntas fazer” (WHYTE, 2005, p. 303). Portanto, decidi por não realizar entrevistas individuais e acompanhar os demais pesquisadores nos seus encontros com os moradores. Neste processo, acompanhei três entrevistas em profundidade e observei que o discurso dos interlocutores estava modificado. Uma maior formalidade era assumida, incluindo, palavras e construções que eu já havia ouvido de outros integrantes anteriormente. O que eu queria ter acesso não era ao discurso institucionalizado do Fora do Eixo e da Mídia Ninja, que é constantemente repetido para pesquisadores e imprensa, mas ao discurso espontâneo das conversas de esquina (WHYTE, 2005), proporcionada pela convivência cotidiana. Pois, segundo Vallardes (2007), é na esquina – metáfora para os espaços informais da Casa Fora do Eixo São Paulo – que as relações sociais se constroem e se destroem.

Através da observação, descobri que a construção do diálogo, que transcende o informante para interlocutor, essa nova modalidade de relacionamento proposta por Cardoso de Oliveira (2006), não seria produzido nas entrevistas formais. Assim como Whyte (2005), decidi utilizar ao máximo todas as oportunidades oferecidas no campo e, sempre que possível, ajudar. Se alguém queria uma companhia para limpar o espaço do *pub*, eu estava disposta e, quem sabe, conseguiria ouvir algumas histórias. Ou quando alguém ia fumar, eu acompanhava, pois sabia que este momento de “jogar conversar fora” poderia ser muito valioso.

Sentado e ouvindo, soube as respostas às perguntas que nem mesmo teria tido a

ideia de fazer se colhesse minhas informações apenas por entrevistas. Não abandonei de vez as perguntas, é claro. Simplesmente aprendi a julgar quão delicada era uma questão e a avaliar minha relação com a pessoa, de modo a só fazer uma pergunta delicada quando estivesse seguro da solidez de minha relação com ela. (WHYTE, 2005, p. 304)

A solidez das relações geralmente vem com a permanência por um longo período do pesquisador no campo, entretanto a sensação de espaço-tempo de uma Casa Fora do Eixo é diferente, pois é na Casa que muitas acontecem num curto período de tempo e de uma forma intensa. Mas, antes, vou apresentar a minha rotina, a qual Valladares (2007) define como elemento fundamental para o trabalho de campo. A rotina da Casa era basicamente dividida em três grupos: a equipe da Residência Cultural, a equipe da Mídia e os gestores da Casa. A primeira equipe geralmente era a primeira a acordar e a dormir, sendo esses os que menos tinham **agenda externa**⁵¹. Já a equipe da Mídia era a última a dormir e a acordar com muitas atividades externas, principalmente coberturas, podendo passar dias fora da Casa. Como aconteceu, quando um dos fotógrafos foi fazer a cobertura de uma ocupação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Por fim, os gestores que, geralmente são formados por grupos menores e, em São Paulo era apenas um casal, são os responsáveis pelo financeiro e articulação política da Casa, com uma ampla agenda externa voltada para reuniões, encontros, debates, etc.

Para a minha rotina de trabalho de campo, eu me aproximei da equipe da Residência Cultural. Acordando com eles às nove horas da manhã, que era o momento que o café era servido e a Casa começava a acordar. Assim, eu aproveitava o silêncio, já que muitos ainda dormiam, para conferir ou escrever meu diário de campo do dia passado e, depois disso, fazer as atividades de limpeza que estavam sob minha responsabilidade. No período da tarde, eu acompanhava a equipe de Mídia nas agendas externas. Por exemplo, toda terça-feira era realizada a cobertura da Liga do Funk, coletivo cultural parceiro, e depois seguíamos para a reunião do Jornalistas Livres, que ocorria à noite. Geralmente, o turno da noite era dedicado à edição de fotografias ou produção de texto, também procurava assumir a responsabilidade pela pós do jantar, pois era um momento de maior convívio e conversa na cozinha. Se ainda sobrasse tempo e disposição, eu me dedicava ao diário de campo.

Quando fechou uma semana de campo, parecia um mês, pois a vivência era muito intensa. Entre os moradores atuais, eu tinha antigos amigos, o que facilitava a minha inserção nas dinâmicas sociais da Casa, como as brincadeiras, as saídas e as conversas. Enquanto Favret-Saada (2005) afirma que não pode fazer outra coisa a não ser deixar-se afeitar pela

⁵¹ Quando alguma atividade acontece fora do espaço da Casa Fora do Eixo é chamada de agenda externa.

feitiçaria, eu também não tinha outra opção a não ser me entregar às relações já existentes no campo e também às novas construções de afetos que surgiram. Desde o momento em que embarquei da minha cidade para São Paulo, eu sabia que ser afetado (FAVRET-SAADA, 2005) pelo campo e pelos meus interlocutores era algo do qual não poderia fugir.

Como se vê, quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível. (Ibid., 2005, p. 160)

O envolvimento emocional com o tema da pesquisa e principalmente com as pessoas era inevitável. Ao entrar novamente em uma Casa Fora do Eixo, não encontrei apenas amigos antigos, mas também pessoas abertas a me receber. Da mesma forma que Favret-Saada (2005, p. 158), “eu estava justamente experimentando esse sistema, expondo-me a mim mesma nele”. A proposta da observação participante que eu planejava era o oposto do meu primeiro campo, era me dedicar integralmente e experimentar ao máximo todas as sensações, emoções e tensões que uma vida coletiva proporciona.

Assim como Hardt e Negri (2006) defendem que a multidão é um projeto de amor, enxergo que a vida coletiva também o é. Portanto, não vejo como não poderia construir uma inspiração etnográfica da vida coletiva sem perpassar pelos afetos. Para DaMatta (1978), as emoções são os elementos que se insinuam ao logo do trabalho do campo e que, muitas vezes, essa subjetividade é ignorada como um dado sistemático da situação que deve ser analisado, inserido na rotina antropológica intelectualizada. Deste modo, aberta aos afetos possíveis do campo, mergulhei de cabeça na observação, procurando me envolver ao máximo sem saber ao certo aonde isso iria me levar.

O desafio foi de transformar “a fantástica surpresa do antropólogo diante de um verdadeiro assalto pelas emoções” (DaMatta p. 7) em dados etnográficos e sistematizar esta intersubjetividade das relações pesquisador e interlocutores para construir, então, o texto etnográfico.

Entretanto, a Casa Fora do Eixo é um sistema vivo, que demanda força de trabalho. Para além da amizade, todas as relações perpassam o trabalho. Não o trabalho formal assalariado, mas o trabalho diário da manutenção da Casa e dos projetos compartilhados em rede. De acordo com Whyte (2005), é importante o pesquisador tonar-se útil e também uma agradável companhia para seus interlocutores.

À medida que fui sendo aceito pelos Norton e por vários outros grupos, tentei me tornar bastante agradável, de modo que as pessoas, tivessem prazer de me ver por perto. [...] Embora tenha evitado influenciar indivíduos ou grupos, tentei ser útil em Corneville de maneira como ali se espera que um amigo ajude o outro. (WHYTE, 2005, p. 305)

A melhor forma que encontrei em ser útil para a Casa e para Mídia Ninja foi enquanto fotógrafa, função que já havia ocupado nos Coletivos que participei ao longo da minha trajetória no Fora do Eixo. Com o planejamento de entrevistas em profundidade abandonado e com uma câmera na mão, possibilitada pela grande demanda de produção de conteúdo de uma Casa Fora do Eixo e do grande fluxo de cobertura da Mídia Ninja e outras redes parceiras como o Jornalistas Livres, percebi as imagens que eu estava produzindo poderiam compor o texto etnográfico. Principalmente, pois a fotografia não gerava o incômodo de atrapalhar o fluxo da Casa, como a entrevista demandava. Desta forma, uni a observação participante com o diário de campo e a fotografia, elemento que será abordado na próxima parte do capítulo metodológico.

3.3 IMAGENS QUE FALAM: A FOTOGRAFIA ENQUANTO NARRATIVA

A função enquanto fotógrafa não serviu apenas para produzir material para minha pesquisa, para o Fora do Eixo, para a Mídia Ninja e para as redes desses grupos, mas também foi uma forma de me aproximar dos interlocutores. A fotografia para etnografia também é um “elemento de interação na devolução do material fotográfico, estimulando a relação com o grupo estudado e abrindo um campo de diálogo, de expressão da memória e das reflexões dos informantes sobre as imagens devolvidas” (GOLDOPHIM, 1995, p. 167). Por exemplo, Gabriela, uma das moradoras da Casa Fora do Eixo São Paulo, que está (julho de 2015) grávida, gosta de fotografar a evolução do crescimento de sua barriga. Ao atender o seu chamado para uma fotografia no pátio, pois “o dia estava lindo”, me encontrei – não apenas – fotografando, mas me divertindo com as brincadeiras que ela, junto com Dalton, faziam com a sombra projetada na parede. Não foi apenas o momento de realizar uma fotografia, mas um momento de interação com os meus interlocutores, que reforça a confiança e afeto existente.



Figura 6: Dalton e Gabriela brincam com a projeção da sombra.

Fonte: Diário de campo de Nathália Schneider.

Para além das possibilidades de interação que foram abertas com a introdução da fotografia no trabalho de campo, o mais pertinente é refletir sobre o papel da imagem na composição do texto etnográfico. Ou seja, o que essa foto conta sobre o Fora do Eixo e a Mídia Ninja?

De acordo com Godolphim (1995), a fotografia já foi muito utilizada na antropologia como uma forma de autoridade e legitimidade do etnógrafo, pois não era articulada com o conteúdo textual. Assim como própria escrita, segundo Geertz (2009), já foi construída como uma prova do “estar lá” do pesquisador, ou seja, que este realmente viajou para a terra distante da qual fala na antropologia clássica. Nestes casos citados, a imagem não participava da construção narrativa do texto etnográfico, ela apenas o ilustrava. Esse, definitivamente, não é um uso interessante da fotografia – nem do texto – e da imagem na pesquisa.

Outro uso mais comum da imagem na antropologia é para os estudos da cultura material e corporal. Entretanto, quanto mais um estudo se aproxima das questões simbólicas e dos significados culturais, mais difícil se torna articular esse elementos através de uma técnica imagética. Mesmo que uma fotografia possa ser extremamente rica em aspectos visuais, não cabe ao leitor do texto etnográfico interpretar livremente a imagem, pois “vai ser o ‘olhar’ do

pesquisador que vai identificar nela a problemática socioantropológica” (GOLDOPHIM, 2005, p. 1995). Portanto, para a pesquisa na antropologia a imagem não pode estar desvinculada de algum texto que guie o leitor para a interpretação desejada.

Entre a escrita e a visualidade existem laços de cumplicidade necessários. Uma e outra à sua maneira e com a sua singularidade (ora enunciativa, ora despertadora), complementam-se. A escrita indica e define o que a imagem é incapaz de mostrar. A fotografia mostra o que a escrita não pode enunciar claramente. (SAMAIN, 2004, p. 61)

A questão para Goldophim (1995) é como retratar a (in)visibilidade das representações sociais, ou seja, como fazer a fotografia falar de forma que ajuda a narrar a experiência etnográfica e as interpretações desenvolvidas pelo pesquisador? E também como amarrar a imagem ao texto de forma que um complemente o outro?

Para que a imagem ou a fotografia se torne um elemento do discurso antropológico, a produção imagética não poderia ser realizada de forma descompromissada. Segundo Goldophim (1995), por trás da fotografia de um antropólogo existe uma intencionalidade na produção imagética, ou seja, a intenção de comunicar algo particular, de construir um significado.

A foto, na antropologia, não é uma obra aberta, nem se trata de fotojornalismo. Ela tem uma intencionalidade anterior: captar uma situação etnográfica e sociológica. E mais, essa foto precisa ser capaz de transmitir as peculiaridades dessa situação para uma terceira pessoa, ou uma plateia, que pode ser um grupo de cientistas sociais ou o público em geral. Essa comunicação precisa ser eficiente. Precisa comunicar da melhor maneira possível a intencionalidade do pesquisador: a interpretação específica que ele propõe. (GODOLPHIM, 2005, p. 1995)

É neste aspecto que entra a importância do texto para a antropologia visual. A integração texto-imagem conduz o leitor da etnografia para o significado que o pesquisador quer mostrar. Mesmo que seja através do uso de uma legenda ou de um pequeno parágrafo, é o texto que vai dirigir a imagem. De acordo com Samain (2004, p. 70), “o texto induz a ver a imagem, e nela a reencontrar o conceito antes formulado”. Entretanto, o texto sozinho também não explica a fotografia, pois essa deve ser pensada e como já foi dito, ela deve ter uma intenção comunicacional. O que os autores estão propondo não é que o texto fale pela fotografia, mas que ambos – o texto e a imagem – falem e se complementem.

Para Goldophim (1995, p. 177), fazer a fotografia falar “implica saber ordenar os signos da cultura em foco sobre o espaço do fotograma, preferencialmente amarrando os signos ao contexto em que se encontram”. Além de dispor dos signos dentro do espaço da

fotografia, a forma e a ordem com que as imagens são distribuídas interferem no sentido construído. A montagem, por assim dizer, das fotografias ao longo de um texto envolve uma série de elementos. Entre eles, dois níveis de articulação da imagem, a fotografia disposta no texto e ordenação da sequência das imagens, e também elementos como edição e manipulação das fotografias e o próprio formato destas.

Segundo Saiman (2004), o uso desses chamados componentes fotográficos na montagem das fotografias – em um texto ou em uma exposição – são elementos signos com poder de despertar, sugerir ou revelar sobre o campo do etnógrafo. A imagem pode não igualar a função enunciativa escrita, mas ela também fala e, quando costurada ao texto, só tem a enriquecer a narrativa etnográfica. Godolphim (1995, p. 182) afirma que o sentido da interpretação etnográfica pode ser condensada no plano visual, “plano que não substitui de forma alguma o texto escrito, mas acrescenta mais uma perspectiva ao trabalho”.

Assim como o diário de campo é analisado e estudado após o retorno do pesquisador para seu ambiente nativo, o material fotográfico produzido em campo, também é estudado, decupado e examinado. No primeiro campo, no Rio de Janeiro (RJ), eu produzi apenas 13 páginas de diário de campo e 42 fotografias, enquanto que no final do meu segundo campo de um mês na Casa Fora do Eixo São Paulo, eu contava com meu diário de campo com 47 páginas escritas, 3 entrevistas coletivas, 3084 fotografias e cerca de 30 minutos de vídeo.

Como já expliquei, optei por não utilizar entrevistas como elemento central da minha pesquisa. Já o material em vídeo está guardado para um projeto futuro, enquanto que, das fotografias, separei previamente 100 imagens que poderiam ser usadas para somar nas análises que me propus a fazer através das leituras do meu diário de campo. Portanto, a proposta do meu capítulo analítico é costurar as fotografias ao texto, pois “só quando ela é ‘montada’ de forma áudio/texto-visual, numa dimensão cinética, é que ela deixa de ser um ‘dado disperso’ e forma um discurso estruturado e inteligível da realidade estudada” (Ibid., 1995, p. 183).

Acredito que ambas as linguagens, textual e visual, construídas conjuntamente no texto etnográfico fornecem um recurso incomensurável para apresentar as interpretações que construí através das análises dos dados obtidos. Encontrei na minha estreita relação com a fotografia, um mar de possibilidades para mostrar o que na linguagem textual não consigo, e no texto amarrar a narrativa instigada pela imagem. Entretanto, antes de seguir para o quarto e último capítulo desta monografia, vou apresentar a proposta da etnografia multi situada e os desafios de estudar movimentos sociais em rede, como o Fora do Eixo e a Mídia Ninja, para a delimitação dos sujeitos, do tempo e do espaço da pesquisa.

3.4 AS REDES E O DESAFIO DE UMA INSPIRAÇÃO ETNOGRÁFICA MULTI SITUADA

Quando cheguei na Casa Fora do Eixo São Paulo, a primeira atividade da qual participei foi uma agenda externa que era a reunião semanal dos Jornalistas Livres, coletivo autônomo de midialivrisimo, do qual os ninjas fazem parte. Após retornar a Casa, quando fui escrever meu diário de campo, questionei: a reunião dos Jornalistas Livres também é um campo para quem está estudando a Mídia Ninja?

Segundo Fonseca (1999) a forte tendência de isolar o indivíduo do seu grupo social é um perigo para a pesquisa de campo. Portanto, não fiz diário de campo apenas das atividades isoladas dos ninjas e dos moradores da Casa Fora do Eixo São Paulo, mas também os acompanhei em diversas atividades, de reuniões com outros grupos À festas. Nessas situações, como as reuniões dos Jornalistas Livres, também estava observando os ninjas como seres sociais que são. Um coletivo que não está isolado e que também se relaciona com outros grupos e outros sujeitos em inúmeras e variadas situações. Isolar a Mídia Ninja do Fora do Eixo, ou de todas as outras redes nas quais estão articulados, seria um erro, do qual através das leituras, consegui escapar. Assim como defende Whyte (2005), somos todos animais sociais.

Desta forma, o problema foi como etnografar uma rede em rede com outra rede e assim por diante. Como poderia delimitar meu sujeito de pesquisa: até onde era a Mídia Ninja ou era o Fora do Eixo? Ainda não sei responder a esta pergunta. Entretanto, a solução para este problema de pesquisa foi não de procurar as diferenças entre esses grupos, mas as características semelhantes que falam muito sobre o modo de organização dos movimentos sociais em rede. Descobri, então, que não seria interessante separar o Fora do Eixo e a Mídia Ninja, pois, nessa tentativa, gastaria todo o fôlego para, talvez, chegar a delimitações muito frágeis. Também não era uma definição relevante para a compreensão do sujeito de pesquisa, pois, para os interlocutores, pouco importava se era Fora do Eixo ou Mídia Ninja ou Jornalistas Livres, o que importava era o processo e o projeto que estava em disputa.

No lugar de procurar diferenciações e delimitações entre os grupos, investi a observação de campo nas relações e no modo de organização dessas redes híbridas. Porém, havia um segundo problema de pesquisa que era definir o campo enquanto espaço e território, como – geralmente – se faz na antropologia, escolhendo um grupo de uma região que será estudada.

De acordo com Marcus (1995), para estudar um objeto ou sujeito que está inserido nas

mudanças culturais em espaços globais, como os movimentos sociais em rede, é necessário levar em consideração que estes objetos e sujeitos ultrapassam fronteiras e desenvolvem conexões em inúmeras escalas entre si. Os processos, as práticas e os circuitos estão articulados em rede. O Fora do Eixo e a Mídia Ninja extrapolam as fronteiras de seus espaços de trabalho, ocupam as ruas, relacionam-se com outros grupos e pessoas, estabelecem conexões e são multiplicados para diversos territórios. Entretanto, o papel do etnógrafo é mais do que olhar para esses diversos espaços e situações, mas saber situar-se nos campos, através também de suas diferentes identidades.

Na prática, o trabalho de campo multi situado é, portanto, sempre realizada com uma forte consciência de estar dentro da paisagem, e como a paisagem muda através dos locais, a identidade do etnógrafo exige renegociação. Apenas na escrita da etnografia, como um efeito do modo particular da publicação em si, está o privilégio e a autoridade do antropólogo inequivocadamente reassumiu, mesmo quando a publicação dá conta das mudanças de identidades do trabalho de campo no campo multi situado. (MARCUS, 1998, p. 97, tradução minha)⁵²

O pesquisador de um campo multi situado compreende que para além de sua consciência situada de forma esclarecida na paisagem, sua identidade enquanto antropólogo também muda conforme a mudança dos locais e – consequentemente – dos interlocutores. Marcus (1998) propõe enxergar o pesquisador não como um sujeito isolado e não comprometido com os ambientes que ele participa, mas como alguém que está disposto a se envolver com o seu campo, tornando-se um etnógrafo ativista.

Na realização de pesquisas multi situadas, encontra-se com todos os tipos de transversais e contraditórios envolvimentos pessoais. Estes conflitos são resolvidos, talvez, de forma ambivalente e não por refúgio em ser um estudioso individual da antropologia, mas em ser uma espécie de etnógrafo-ativista, renegociando identidades em diferentes locais se aprende mais sobre uma fatia do sistema mundial. (Ibid., 1998, p. 98, tradução minha)⁵³

O etnógrafo ativista não está relacionado ao militante ou ativista no sentido dos conceitos que trago ao longo deste trabalho, como um movimento social, coletivo cultural ou pessoas organizadas em torno de uma bandeira específica. Este ativismo é uma situação

⁵² Original em inglês: In practice multi-sited fieldwork is thus always conducted with a keen awareness of being within the landscape, and as the landscape changes across sites, the identity of the ethnographer requires renegotiation. Only in the writing of ethnography, as an effect of a particular mode of publication itself, is the privilege and authority of the anthropologist unambiguously reassumed, even when the publication gives an account of the changing identities of the fieldwork in the multi-sited field.

⁵³ Original em inglês: In conducting multi-sited research, one finds oneself with all sorts of cross-cutting and contradictory personal commitments. These conflicts are resolved, perhaps, ambivalently, not by refuge in being a detached anthropological scholar, but in being a sort of ethnographer-activist, renegotiating identities in different site as one learns more about a slice of the world system.

circunstancial gerada pela pesquisa, ele emerge do discurso político ético da auto identificação desenvolvida pelo etnógrafo no campo multi situado. Para Marcus (1998, p. 97, tradução minha⁵⁴), é na "identificação cognitiva e intelectual entre o investigador e vários assuntos situados no campo emergente de pesquisa multi situada, a reflexividade é mais poderosa dimensão definida enquanto método". A identidade, enquanto ativista, que o pesquisador pode assumir diante das relações que emergem com campo multi situado gera uma narrativa extremamente reflexiva. Essa busca compreender o pesquisador enquanto sujeito social que altera e é alterado, não apenas pelos ambientes nos quais transita e pelos sujeitos com os quais se envolve, mas pelo campo como um todo.

Entretanto, Fonseca (1999) alerta que ser reflexivo não é falar de si mesmo. Esse foi um dos maiores desafios do meu texto etnográfico: conseguir refletir o papel de um pesquisador ativista entendendo-se em um campo multi situado, sem gerar um monólogo do etnógrafo, que nada diz sobre o campo. Por mais que a análise de um sujeito de estudo seja, de certa forma, uma simplificação grosseira da realidade (FONSECA, 1999), a etnografia é uma interpretação construída meticulosamente pelo pesquisador (GEERTZ, 2008), através de uma metodologia bem planejada e pensada. Por isso, é importante sempre refletir sobre o papel do pesquisador do *being there* ao *being here* (GEERTZ, 2009), porém sem invisibilizar o campo e obscurecer os dados da pesquisa. Resumindo, segundo Fonseca (2007), uma combinação do engajamento pessoal e do olhar analítico.

Como já apresentei no início deste capítulo, o texto etnográfico é uma interpretação, assim como as fotografias que estão aparecendo ao longo da pesquisa. Essas são um recorte intencional do antropólogo da interpretação construída através das interpretações dos interlocutores. De acordo com Samain (2004, p. 71), as “palavras, escritas, imagens são ‘formas’ inteligentes, singulares e complementares, de que dispomos para *representar* as representações da ‘realidade’. Todas as nossas representações não passam de simbolizações necessárias de segundo grau”, nunca de primeiro grau, pois estas são de acesso exclusivo do nativo.

Assumir que o texto etnográfico é – apenas – uma das possíveis interpretações do campo, não significa diminuir a importância deste para a ciência, mas compreender os seus dilemas como potenciais que geram uma série de discussões sobre a construção deste que é o produto – nunca final – do antropólogo. Para Fonseca (1999, p. 64), a etnografia é “um

⁵⁴ Original em inglês - In this cognitive and intellectual identification between the investigator and variously situated subjects in the emergent field of multi-sited research, reflexivity is most powerfully defined as a dimension of method.

discurso nem falso, nem verdadeiro, mas que representa apenas uma dimensão de uma realidade social multifacetada”, ou seja, um recorte.

São interpretações, ou interpretações errôneas, como tantas outras, a que chegamos da mesma maneira que tantos outros, e tão inerentemente inconclusivas como tantas outras, e a tentativa de investi-las da autoridade da experimentação física não passa de uma prestidigitação metodológica. Os achados etnográficos não são privilegiados, apenas particulares: um outro país do qual se ouve falar. (GEERTZ, 2009, p. 16)

Segundo Velho (2013), “a realidade (familiar ou exótica) sempre é filtrada por determinado ponto de vista do observador”, ou seja, ela é percebida de maneira diferente por cada observador: é uma interpretação. Os dados encontrados no meu campo multi situado, que perpassa por várias redes, mas que se situa nos ambientes do Fora do Eixo e da Mídia Ninja, são a construção da minha desconstrução do familiar em exótico realizada em colaboração com as interpretações dos meus interlocutores.

4 A VIDA COLETIVA

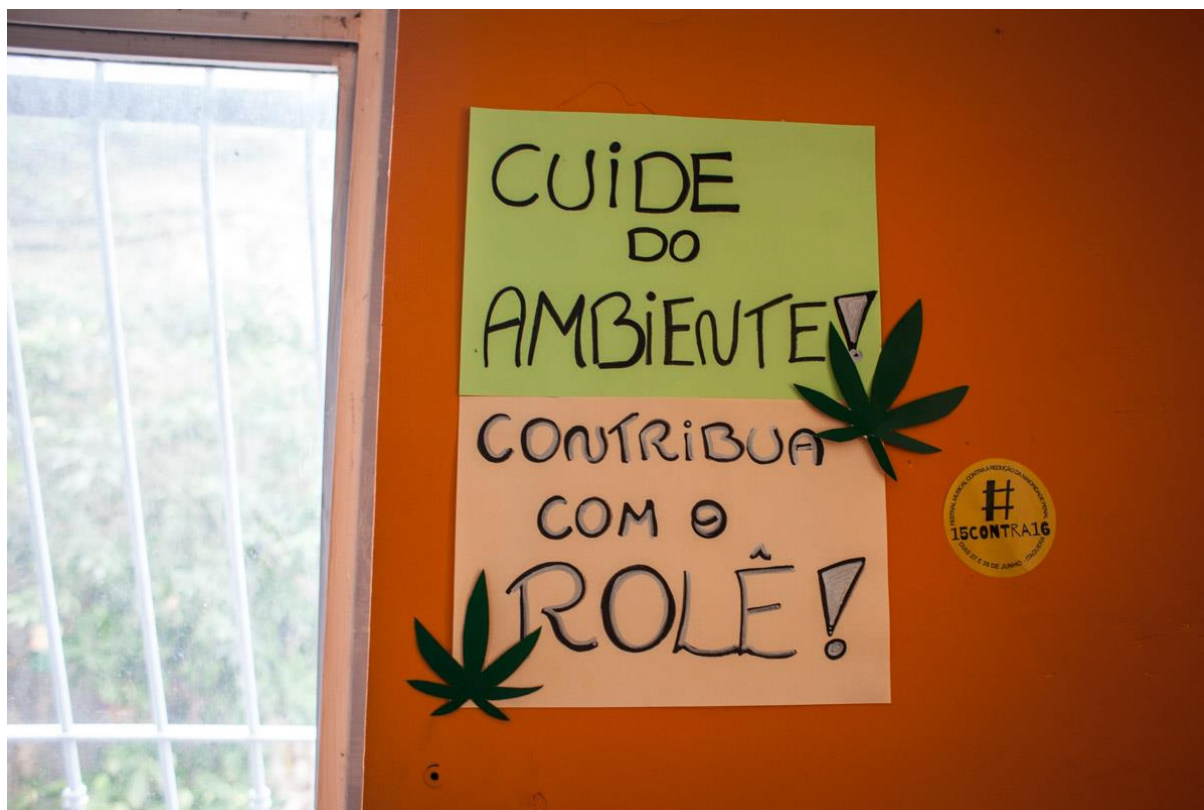


Figura 7: Parede da Casa Fora do Eixo São Paulo
Fonte: Diário de campo de Nathália Schneider.

O quanto duas folhas A4 escritas à mão, coladas na parede junto com recortes de papel que representam a folha da maconha na primeira sala para alguém que entra na Casa Fora do Eixo São Paulo podem dizer sobre esse espaço e essas pessoas? Muito. O que significa cuidar do ambiente? O que significa contribuir com o **rolê**⁵⁵? Essa fotografia representa muito do que é uma vida coletiva para os integrantes do Fora do Eixo e da Mídia Ninja.

Viver coletivamente é cuidar do ambiente que é de todos, não apenas do ambiente da Casa, mas do ambiente enquanto mundo, que também – para eles – deveria ser de todos. Viver coletivamente também é contribuir com esse projeto e para que ele siga acontecendo. Contribuir com força de trabalho, dinheiro, *shares*, propostas, soluções, trabalho imaterial, recursos econômicos, etc. Mas que projeto é esse? Não é apenas um projeto, mas o projeto de um novo mundo possível que engloba as casa coletivas, o **Card**⁵⁶, a Mídia Ninja, os Jornalistas Livres e muitos outros. Ou seja, inúmeras construções que envolvem outras formas de fazer economia e de fazer amor. E quanto à maconha? Viver coletivamente também é ser

⁵⁵ Gíria popular apropriada pelo Fora do Eixo para apresentar uma ideia totalizante do projeto que é desenvolvido por eles.

⁵⁶ Nome da moeda complementar utilizada pelo Fora do Eixo.

subversivo, é não censurar, é não proibir, é refletir sobre os paradigmas e estigmas que permeiam a sociedade. Viver coletivamente é uma construção constante. Porém, antes de abordar a vida coletiva, é importante trazer um breve histórico do Fora do Eixo.

4.1 OS PRELÚDIOS DE UMA VIDA COLETIVA: COMO SURTIU O FORA DO EIXO?

É impossível apresentar a história do Fora do Eixo, mesmo que brevemente, sem passar por meados de 2002 na cidade Cuiabá (MT). Na capital do Mato Grosso, estado conservador e ruralista, um grupo de jovens formava um coletivo cultural com o objetivo de organizar o cenário da música independente da sua cidade. Segundo Savazoni (2013), no início o Cubo era uma mistura de república estudantil, produtora cultural e agência de publicidade jovem. Os integrantes desse coletivo, Pablo Capilé, Marielle Ramires, Lenissa Lenza, Dríade Aguiar, Thiago Dezan e a banda Macaco Bong, exercem grande influência – ainda hoje (outubro de 2015) – no imaginário do Fora do Eixo. Eles construíram dois dos principais aplicativos do Fora do Eixo, pois o Espaço Cubo já funcionava com muitas características de uma sede coletiva e o Cubo Card, que era uma moeda social utilizada para sistematizar as trocas de serviço com outros grupos, Coletivos, movimentos sociais, artistas, etc. Eles também integraram a equipe que radicalizou essas experiências na construção da primeira Casa Fora do Eixo, em 2011 na cidade de São Paulo (SP).

Artista igual pedreiro, título do famoso disco da instrumental Macaco Bong, premiado como álbum do ano de 2008 pela revista especializada *Rolling Stone*, tornou-se um lema para o Fora do Eixo. O artista foi dessacralizado por eles mesmos. Agora, ele era um pedreiro que teria que colocar a mão na massa para fazer as coisas acontecerem. Os músicos da Macaco Bong eram artistas pedreiros, pois ao mesmo tempo que faziam turnês, lançavam discos e ganhavam prêmios, eles trabalhavam juntos com os demais integrantes, não apenas na produção da própria banda, mas também de outros grupos e festivais e na manutenção do coletivo.

Em 2005, o Espaço Cubo começou a dialogar com outros coletivos que também construía o cenário cultural independente, principalmente musical, de suas cidades. Em 2006, aconteceu a primeira reunião para debater o desenvolvimento desta articulação, formando uma parceira entre coletivos de quatro cidades do interior do país: Cuiabá (MT) com o Espaço Cubo, Rio Branco (AC) com o Coletivo Catraia, Londrina (PR) com o Coletivo Alona e Uberlândia (MG) com o Coletivo Goma. O que esses quatro grupos buscavam

construir era um circuito para o intercâmbio de bandas, artistas, produtores e agentes culturais. Além de mobilizar a cena musical da cidade com a produção de eventos e festivais, a proposta do Fora do Eixo era desenvolver novas formas de produção, circulação e distribuição da música brasileira independente que acontecia fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Inclusive, essa é a referência para o nome da Rede.

A fundação oficial do Fora do Eixo só aconteceu mesmo em 2008, quando os Coletivos se reuniram novamente durante o Festival Calango produzido pelo Espaço Cubo. De acordo com Savazoni (2013), este evento, que veio a ser o I Congresso Fora do Eixo, tinha como convidado especial o economista Paul Singer. O então Secretário Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho, ainda hoje (em 2015), é um dos principais guias e referências intelectuais para os integrantes do Fora do Eixo, como observei durante meu campo:

Passei o dia inteiro na sede do Banco União Sampaio, localizado numa **quebrada**⁵⁷ da zona sul de São Paulo. Eu fui enquanto equipe do Fora do Eixo e Mídia Ninja para auxiliar na cobertura do aniversário de cinco anos do Banco, que acontecia apenas no período da noite, mas a proposta era de produzir material ao longo do dia para depois gerar um documentário. [...] Para o aniversário do Banco, além de um coquetel, aconteceu um debate transmitido ao vivo pela Mídia Ninja sobre economia solidária com três convidados, entre eles os economista Paul Singer e Ladislau Dowbor. [...] Os integrantes do Fora do Eixo que estavam presente após o debate fizeram questão de tirar fotos com o Paul Singer e Ladislau Dowbor e de conversar com ele. A alegria da gestora do Banco da Casa Fora do Eixo São Paulo era indescritível. (DIÁRIO DE CAMPO, 26 de julho, 2015)



Figura 8: Moradores da Casa Fora do Eixo São Paulo com Paul Singer e Ladislau Dowbor no aniversário do Banco Comunitário União Sampaio (da direita para a esquerda: pessoa desconhecida, Paul Singer, Louise, Ladislau Dowbor e Rafael).

Fonte: Diário de campo de Nathália Schneider

⁵⁷ Gíria extremamente comum, muito utilizada pelo Fora do Eixo, para se referir à periferia.

Durante toda sua história o Fora do Eixo sempre contou com a colaboração de professores e estudiosos de assuntos relevantes para a Rede, os quais auxiliaram o desenvolvimento da mesma e a construção dos aplicativos e tecnologias sociais. Entretanto, não foram apenas tutores intelectuais que ajudaram o crescimento dessa Rede, mas todo o contexto brasileiro – como foi abordado no primeiro capítulo – favoreceu.

A internet, os *softwares*, como o *Napster* e o *BitTorrent*, o compartilhamento de arquivos *mp3*, bandas independentes possibilitando *download free* das suas músicas e o disco físico perdendo valor. Estes são apenas alguns dos elementos que geraram o declínio da indústria fonográfica tradicional e os velhos formatos de produção musical. Junto com a internet, surgiram outras formas de consumir e de fazer música. Os produtores e artistas independentes articulados em rede, ao contrário da indústria fonográfica tradicional, não enxergaram na internet problemas, mas possibilidades. Desta forma, com o declínio de um veio à ascensão do outro.

O Circuito Fora do Eixo surgiu com o desejo de produzir e distribuir música independente. A história do grupo está intrinsecamente relacionada com o cenário musical. Entretanto, outros Coletivos começaram a se apropriar das ferramentas desenvolvidas para a música para outras expressões artísticas, como o teatro, a dança, as artes visuais, a fotografia, a literatura, etc. Então, o Fora do Eixo começou a construir **frentes de trabalho**⁵⁸ como a da Música Fora do Eixo, porém para outras linguagens: o Palco Fora do Eixo, frente de trabalho das artes cênicas; as Poéticas Visuais, frente de trabalho das artes visuais e fotografia; o Fora do Eixo Letras (FEL), frente de trabalho da literatura; o Nós Ambiente, frente de trabalho ambiental; o Fora do Eixo Software Livre (FESL); o Clube de Cinema (CdC), frente de trabalho audiovisual.

O Fora do Eixo foi crescendo de forma exponencial, realizando congressos, festivais e reuniões *online*. Nessa época, para um grupo pertencer à Rede, integrantes deveriam comparecer a um Congresso Fora do Eixo para conhecer melhor o projeto, se apresentar e se declarar enquanto ponto Fora do Eixo nas suas cidades. O Coletivo também deveria produzir um Grito Rock, festival integrado que acontece em contraproposta ao Carnaval. O evento é realizado próximo da festa popular brasileira e de forma integrada, ou seja, todos os Gritos Rock de diferentes cidades acontecem simultaneamente dentro de um período estabelecido, por exemplo, o mês de fevereiro. Porém, o evento de música foi ampliado para festival de

⁵⁸ Frentes de trabalho tem um sentido próximo do grupo de trabalho. São pessoas reunidas com um objetivo e tema em comum.

artes integradas com o desenvolvimento das frentes de trabalho de outras linguagens dentro da Rede. De acordo com Savazoni (2013), em 2012, eram 122 Coletivos do Fora do Eixo, quatro Casas coletivas e 400 coletivos parceiros. Já em agosto de 2013, eram 91 Coletivos do Fora do Eixo, 18 casas coletivas cerca de 650 coletivos parceiros.

Louise, moradora da Casa Fora do Eixo São Paulo, comentou que atualmente essas práticas em torno de demarcação – quantidade de integrantes e cidades – da Rede foram abandonadas, assim como a contagem de quantidade de coletivos e parceiros. Uma proposta de pós-marca vem sendo debatida constantemente no Fora do Eixo desde o IV Congresso Fora do Eixo no final de 2011. Elemento que levou as duas casas coletivas mais recentes, a Casa das Redes de Brasília (DF) e a Casa Coletiva do Rio de Janeiro (RJ), não inserirem o Fora do Eixo no seu nome, como acontece na de São Paulo e demais cidades. Entretanto, as Casa coletivas do Rio de Janeiro e Brasília ainda seguem o modo de organização do Fora do Eixo uma gestão compartilhada da Rede com a Casa de São Paulo.

Conforme o desenvolvimento e ampliação da Rede, o modo de organização foi sendo alterado e aperfeiçoado. A atual (outubro de 2015) organização do Fora do Eixo é estruturada em torno de quatro núcleos principais, também chamados de **simulacros**⁵⁹, que já foram apresentados: Banco Fora do Eixo, Partido Fora do Eixo, Universidade Fora do Eixo e Mídia Fora do Eixo. As sedes moradias já apresentavam a implementação de alguns desses simulacros, entretanto, esta experiência foi radicalizada em um primeiro laboratório que foi a Casa Fora do Eixo São Paulo no início de 2011.

Integrantes de diferentes Coletivos do Fora do Eixo, mas principalmente do Espaço Cubo e do Massa Coletiva de São Carlos (SP) que também foi muito importante no desenvolvimento do Fora do Eixo, mudaram-se para São Paulo. A proposta era de transformar essa experiência em um laboratório para testar, aprimorar e radicalizar a sede moradia com seus aplicativos e tecnologias sociais. São Paulo era um enigma para o Fora do Eixo. Era tudo que eles haviam negado no início. A selva de pedra é uma cidade agressiva comandada pelo dinheiro. A tarefa não era fácil, mas todos os moradores estavam **focados na missão**⁶⁰. Assim, surgia a primeira Casa Fora do Eixo.

⁵⁹ Termo utilizado pelo Fora do Eixo, pois estes núcleos simulam instituições da sociedade.

⁶⁰ Se dedicar por completo a um objetivo.



Figura 9: Pátio dos fundos da Casa Fora do Eixo São Paulo em 2015.
Fonte: Diário de campo de Nathália Schneider.

Com a construção da Casa em São Paulo, o Fora do Eixo que já se enxergava através da divisão de regionais, que não necessariamente coincidiam com as demarcações geográficas, reforçou esse formato com a proposta de uma Casa gestora para cada regional. Esses debates eram conduzidos pelo Ponto de Articulação Nacional (PAN) formado por integrantes de Coletivos de diversas cidades e que hoje resume-se, de forma generalizada, as Casas de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Nessa época, aconteciam as reuniões do PAN, que eram fechadas aos integrantes do Ponto de Articulação Nacional e também as reuniões abertas a todos os interessados. Ambas aconteciam *online* pelo *software* livre IRC, porém, a reunião aberta era transmitida ao vivo com um mediador, que geralmente era alguém da Casa de São Paulo, pois, no ano de 2011, essa era o epicentro das decisões. As regionais e frentes de trabalho também tinham suas reuniões separadas, voltadas para as suas pautas específicas. O Fora do Eixo era dividido em sete regionais. Depois da criação da Casa Fora do Eixo São Paulo, também foram formadas Casas regionais para fazer uma gestão compartilhada da Rede e não mais com o epicentro das decisões na capital paulista.

- Regional Norte e a Casa Fora do Eixo Amazônia em Belém (PA).
- Regional Nordeste e a Casa Fora do Eixo Nordeste em Fortaleza (CE).

- Regional Centro-Oeste, na época sem uma Casa Fora do Eixo, atualmente com a Casa das Redes em Brasília (DF).
- Regional São Paulo e a Casa Fora do Eixo São Paulo (SP);
- Regional Minas e gestão da Casa Fora do Eixo Minas em Belo Horizonte (MG).
- Regional Sudeste: formada pelo Rio de Janeiro (RJ) e Espírito Santo (ES), na época sem uma Casa Fora do Eixo, atualmente com a Casa Coletiva na capital do Rio de Janeiro.
- Regional Sul e a Casa Fora do Eixo Porto Alegre (RS).

Para além das Casas regionais, outras também surgiram em diversas cidades brasileiras. Mas como já foi dito, muitas dessas divisões, nomenclaturas e modos de organização foram abandonados. O que pode ser interessante abordar nesse contexto é que raramente essas decisões e mudanças das Redes eram bem recebidas por todos. Por exemplo, a transição para a capital de São Paulo gerou muitos murmúrios e dissidências internas no Fora do Eixo. Muitos grupos, especialmente os de Cuiabá e do interior de São Paulo, locais dos quais vieram a maioria dos primeiros moradores da Casa, argumentavam que essa mudança enfraqueceria o interior. A discussão seguiu ao longo de todo ano, culminando no IV Congresso Fora do Eixo, em que os problemas foram debatidos. Foi, também, nesse Congresso que o projeto das Casas regionais foi lançado, pois, além da Casa de São Paulo, existia apenas a Casa Fora do Eixo São Carlos, da qual eu era vivente, mas não exercia a função de uma casa com gestão regional.

A segunda Casa regional lançada no Fora do Eixo foi a de Porto Alegre. Assim como aconteceu com a de São Paulo, muitos da Regional Sul eram contrários a esta proposta. Entre esses, os integrantes do Macondo Coletivo de Santa Maria (RS) do qual eu também fazia parte, pois os principais gestores iriam se mudar de Santa Maria para Porto Alegre. No IV Congresso do Fora do Eixo, o Macondo Coletivo foi extinto e a Casa Fora do Eixo Porto Alegre foi lançada, fazendo com que eu voltasse para o sul do Brasil para integrar essa gestão. Meses depois, integrantes do Macondo Coletivo que apoiavam a Casa em Porto Alegre, lançaram uma Casa em Santa Maria, que permaneceu atuante até hoje (outubro de 2015), mesmo depois da extinção da residência de Porto Alegre.

O que estes relatos mostram é que as decisões e as mudanças internas do Fora do Eixo não são harmônicas, mas sim, repletas de contradições que são intrínsecas de movimentos tão heterogêneos e singulares. A singularidade da multidão apresentada por Hardt e Negri (2014), também pode ser observada no Fora do Eixo e na Mídia Ninja. Outra característica que pode

ser ressaltada é que o Fora do Eixo está em constante mudança, pois como pontua Castells (2013), estes movimentos em rede são extremamente autorreflexivos e críticos, fazendo com que eles não permaneçam estagnados e com o modo de organização engessado.

Apesar de todas as contradições que a construção da Casa Fora do Eixo São Paulo pode carregar, através da análise histórica, vejo-a como essencial para o surgimento e estouro da Mídia Ninja e das disputadas de narrativas.

4.2 NOVAS PERSPECTIVAS: DE CIRCUITO CULTURAL A MOVIMENTO SOCIAL

O IV Congresso Fora do Eixo aconteceu em dezembro de 2011 em diversos espaços da capital paulista, mas, sobretudo, na Universidade de São Paulo (USP), que cedeu o local para a realização do mesmo. Entre tantos debates e discussões, uma pauta falou mais alto que todas: o que era o Fora do Eixo? Durante anos, desde seu surgimento, a Rede atuou enquanto um circuito cultural, tanto que o nome inicial não era Rede Fora do Eixo, mas Circuito Fora do Eixo.

No final de 2011, uma cisão foi estabelecida entre o circuito cultural e o movimento social. Sem a pretensão de diminuir a importância do primeiro, pois esse era fundamental não apenas para financiar o segundo, mas também enquanto disputa de imaginário coletivo. Entretanto, muito dos integrantes queriam voltar às origens dos movimentos dos quais começaram, como o Coletivo de Florianópolis (SC), que tinha enquanto berço o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina (USFC) ou o Espaço Cubo, o qual vinha de uma forte parceria com a Central Única das Favelas (CUFA) em Cuiabá. Da mesma forma, outros Coletivos eram formados por produtores culturais que tinham o interesse de continuar nessas atividades. Ao passar dos anos, enquanto pesquisadora, percebo que o lado circuito cultural está cada vez mais escondido pelo lado movimento social, por assim dizer. Esta mudança aconteceu de forma lenta e gradual, para os parâmetros do Fora do Eixo, mas quase não enxergo resquícios daquele Fora do Eixo que conheci em 2010.

Esta mudança na forma do Fora do Eixo refletiu profundamente nas frentes de trabalhos, mas principalmente nos simulacros. A Mídia Fora do Eixo, que até então dedicava boa parte do seu tempo à produção de conteúdo institucional e à atividades operacionais, começou a pautar a necessidade da democratização da comunicação e a se enxergar mais enquanto ativista. O primeiro grande projeto da Mídia Fora do Eixo enquanto midialivrista foi a **Pós TV**. A semente para a Mídia Ninja foi plantada.

A Pós TV é uma plataforma de transmissão ao vivo, ou seja, uma *Web TV*. Ela é filha da cultura *hacker*, por isso opera na lógica *opensource* dos *hackers*, apresentada por Malini e Antoun (2013), para ser apropriada para uso em eventos, festivais, seminários, marchas e debates. Uma cartilha foi desenvolvida e divulgada com diversas formas de se realizar a transmissão ao vivo, das mais sofisticadas às mais simples, sendo constantemente atualizada. Por exemplo, nas Jornadas de Junho, tópicos voltados para o *streaming* com *smartphone* foram adicionados.

A Pós TV é um projeto midialivrista, portanto, visa a construção e reflexão de outras formas de produzir conteúdo, neste caso, televisivo e audiovisual. Ela permanece até hoje (outubro de 2015) em atividade com o desenvolvimento de programas que abordem questões geralmente ignoradas pela mídia hegemônica ou com diferentes perspectivas. Por exemplo, o programa Puro Lacry, que na sua primeira edição em julho de 2015, abordou sexualidade, corpo e gênero com convidados e convidadas transgêneros, lésbicas e gays.



Figura 10: Isis (moça do lado esquerdo da foto), moradora da Casa Fora do Eixo São Paulo, apresentando o programa Puro Lacry transmitido ao vivo pela Pós TV.
Fonte: Diário de campo de Nathália Schneider

A primeira ação da Pós TV foi antes do IV Congresso do Fora do Eixo na cobertura Marcha da Liberdade São Paulo, pois os grupos envolvidos na organização haviam acordado a importância da realização de uma transmissão ao vivo. O repórter e jornalista Bruno

Torturra, na época um importante integrante da Ninja, foi um dos responsáveis pela cobertura, atingindo uma audiência expressiva para a internet em 2011.

O planejamento dela, após o Congresso de 2011, era de montar uma grade de programação fixa semanal apresentando diversas temáticas, como políticas públicas, direitos humanos, debates de gêneros, esportes, gastronomia com toda a produção e curadoria colaborativa e descentralizada. Entretanto limitações técnicas, como equipamentos para realizar as transmissões e a própria velocidade da internet limitava a execução, assim como a necessidade de mais força de trabalho com foco na Pós TV, impossibilitou que o planejamento se concretizasse.

Porém, isso não quer dizer que não existiram programas semanais de longa duração. Um dos meus momentos favoritos da Pós TV foi quando o produtor cultural Claudio Prado que comandava o programa Supremo Tribunal Liberal, adentrou a madrugada na Avenida Paulista (São Paulo, SP) com um sofá no meio da rua entrevistando e conversando com os transeuntes.



Figura 11: Programa Supremo Tribunal Liberal liderado por Claudio Prado (homem sentando no sofá na direita da foto) ao vivo na Avenida Paulista.

Fonte: Arquivo de Nathália Schneider.

Em 2012, com a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, também conhecida por Rio+20, a Mídia Fora do Eixo e a Pós TV encontram um novo desafio de **cobertura colaborativa**⁶¹. Para isso, construíram um laboratório temporário - do qual eu participei - que viria a formar o corpo, a proposta e o conceito da Mídia Ninja. O espaço físico deste laboratório era a cidade do Rio de Janeiro e todas as atividades que aconteciam na Rio+20 e também na Cúpula dos Povos, um evento paralelo auto organizado pelos movimentos sociais e entidades civis. A sede deste laboratório era o Campus da Praia Vermelha da UFRJ, mesmo espaço da República, onde também acontecia o II Fórum Mundial de Mídia Livre. Este território temporário construído por dez dias na cidade foi um grande exemplo da união do teórico com a prática, pois, ao mesmo tempo em que era debatido sobre a comunicação no Fórum, eram aplicadas as experiências nas coberturas dos eventos e ainda era possível contar com a orientação de grandes intelectuais da área como a Professora Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro Ivana Bentes.

O acúmulo de experiências na área da comunicação, construindo o que Savazoni (2013) chama de cardápio midiático, resultou no desenvolvimento da Mídia Ninja no início de 2013, no IV Fórum Mundial de Mídia Livre na Tunísia, país que lançou a faísca que incendiou o Oriente Médio na Primavera Árabe. Entretanto, foi nas Jornadas de Junho que a Mídia Ninja ganhou destaque na mídia e conquistou respeito dos ciberativistas – mesmo com todas as críticas que foram realizadas – com as coberturas ao vivo dos protestos.

Passada a adrenalina de junho, agosto chegou com toda a força e fez o Fora do Eixo e a Mídia Ninja ficarem nus aos olhos de todo Brasil. Após a participação de Bruno Torturra e Pablo Capilé no programa Roda Viva da TV Cultura de São Paulo, inúmeros textos sobre os grupos em questão começaram a ser publicados na internet, gerando uma avalanche de informação. Pontos negativos, pontos positivos, contradições, acusações pessoais, brigas, relatos de ex-integrantes, denúncias, acusações, defesas, havia de tudo, de um linchamento público a advocacias passionais. Despreparados para este ataque público e midiático, que foi a maior crise da Mídia Ninja e principalmente do Fora do Eixo, ambos foram esmagados na briga. Entretanto, a Mídia Ninja saiu menos machucada do nocaute.

Passado o sufoco e com o fôlego recuperado, o Fora do Eixo e a Mídia Ninja, seguiram as suas atividades e projetos enquanto rebatiam as críticas. No final de agosto, encontrei Pablo na Feira da Música de Fortaleza, festival organizado pela Casa Fora do Eixo

⁶¹ A cobertura colaborativa é a proposta da produção de cobertura de algum evento de forma descentralizada e autogestada por pessoas que não são necessariamente jornalistas e provavelmente nunca trabalharam juntos antes.

Nordeste, para uma reunião com a equipe que estava presente. O discurso era de avaliar os problemas, tentar melhorar, mas não paralisar, pois tinha a Copa das Confederações e a Copa do Mundo pela frente e a Mídia Ninja, tinha que estar mais unida que nunca.

Dois anos após agosto de 2013, a data ainda é lembrada como um marco para a Mídia Ninja. Durante meu campo na Casa Fora do Eixo São Paulo, que coincidia com a data do Programa Roda Viva, os midialivristas da Ninja, tinham o objetivo que não se concretizou, de realizar uma segunda versão do debate com os mesmos convidados e alguns outros novos, porém agora transmitido pela Pós TV.

Essa foi uma breve retrospectiva do surgimento do Fora do Eixo e da Mídia Ninja. Ambos os projetos, como é possível ser observado ao longo do texto, são perpassados constantemente pelas residências coletivas. As Casas são a materialização do estilo de vida e do modo de organização do Fora do Eixo.

4.3 AS CASAS COLETIVAS E O MODO DE ORGANIZAÇÃO



Figura 12: Porta de entrada da Casa Fora do Eixo São Paulo

Fonte: Diário de campo de Nathália Schneider.

Seja bem-vindo à Casa Fora do Eixo São Paulo! O grafite de um sapo, cujo nome Al Sapone faz referência ao mafioso e gangster ítalo-americano Al Capone, cumprimenta quem chega à Casa, já pedindo o seu voto. Esse não é o primeiro grafite observado por quem está

chegando ao local, entretanto, no emaranhado de desenhos, cores e pixos que ocupam as paredes externas da Casa, esse é o primeiro a ser encarado frente a frente pelo visitante. A crítica social com uma dose de ironia que o sapo mafioso carrega avisa o visitante que aquele espaço não é uma residência comum.

As Casas coletivas são o cerne do Fora do Eixo. Nas três entrevistas que realizei com as outras duas pesquisadoras, quando perguntávamos se existiria a Mídia Ninja sem a Casa Fora do Eixo, as três respostas foram não. A Casa é um elemento chave deste projeto, pois é neste espaço que outras formas de vidas são desenvolvidas e experimentadas. É na Casa que viver coletivamente se torna possível, não apenas pela materialidade da edificação ou dos objetos compartilhados, mas na convivência diária, pois é desta forma que o discurso é testado e construído pela prática, característica dos movimentos sociais em rede apresentada por Castells (2013). Contudo, uma Casa Fora do Eixo não é só erguida com sonhos e utopias. Ela também é um laboratório de outras formas de vida que têm contas a serem pagas, paredes a serem pintadas e narrativas a serem criadas. A Casa é como o Fora do Eixo: um caos organizado.

A disposição dos espaços e o clima do ambiente da Casa Fora do Eixo São Paulo de 2015 não são os mesmos da Casa que conheci em 2011 e nenhum morador deste ano permanece enquanto residente em 2015. Não somente porque saíram da Rede, de fato, muitos não integram mais o Fora do Eixo, mas também porque mudaram-se para outras Casas coletivas.

A Casa Fora do Eixo São Paulo é uma imensa e robusta Casa com arquitetura oriental localizada no bairro Cambuci, muito próxima do Liberdade, na capital de São Paulo. O primeiro pavimento é dedicado às áreas de trabalho, como a sala dos viventes, a sala dos moradores, depósito dos equipamentos, cozinha e um banheiro.

A primeira sala da Casa é a dos viventes. Em frente a mesa de trabalho para os computadores e *laptops*, que ocupa boa parte da sala dos viventes, uma porta de quatro folhas de vidro com quadrados separa esta da próxima sala que é a dos moradores. Ao atravessar a porta de vidro, tem uma parede que está de frente com quem entra na casa, que possui um lindo grafite ilustrando um indígena, contrastando com uma televisão ao lado, que é usada nas reuniões. Ainda de frente a esta parede, um sofá fica logo após a porta de vidro na sala dos moradores, onde eu sento às vezes para interagir ou ver o que eles estão olhando na televisão, geralmente são referências para alguma construção de um programa, vídeo, etc. Após o sofá, tem duas mesas de trabalho e as paredes coloridas mescladas com um tinta que pode ser riscada com giz, onde tem o calendário mensal com os eventos, atividades fixas e encaminhamentos de reuniões anotados. A Casa SP é extremamente grafitada, pixada, com diversas intervenções artísticas, que chega a trazer um aspecto sujo, mas que também carregam memórias – por exemplo a cozinha, toda escrita, com adesivos, etc. –, mas as salas de trabalhos são mantidas mais limpas e *cleans*, mesmo que com algumas intervenções específicas, existe uma

inteligência de utilizar as paredes para informação, como calendário, organograma, etc. (DIÁRIO DE CAMPO, 04 de agosto, 2015)

Já o segundo pavimento é exclusivo dos moradores e viventes, que estão residindo na Casa por um longo período. Neste espaço, estão seis quartos, que são divididos conforme a quantidade de residentes na Casa, mais dois banheiros e duas varandas, uma para a rua e outra para o pátio da Casa. O espaço na frente da Casa – entre o portão e a edificação – não é muito grande e é ocupado, em sua maioria, com vegetação. Já o pátio posterior a Casa, é bem maior que o espaço da frente e possui uma menor quantidade de vegetação e muito concreto. Neste, se encontra uma segunda edificação não integrada à Casa, que é a hospedagem solidária com camas ecologicamente construídas com bambus. Na parte final do pátio, existe uma terceira edificação que no primeiro pavimento é espaço do *pub*, onde são realizados os **Domingos na Casa**, eventos com shows de bandas e outras atrações e entrada acessível ou gratuita. O *pub* antes era a sala de produção da Mídia Fora do Eixo e da Mídia Ninja com as paredes repletas de colagens de fotografias e um imenso grafite de um ninja, nesta época, o espaço era desmontado todo final de semana para sediar Domingo na Casa. No segundo pavimento do *pub* está a lavanderia, mais um quarto e um banheiro e o terraço onde ficam as hortas.



Figura 13: Pátio posterior da Casa Fora do Eixo São Paulo.
Fonte: Diário de campo de Nathália Schneider.

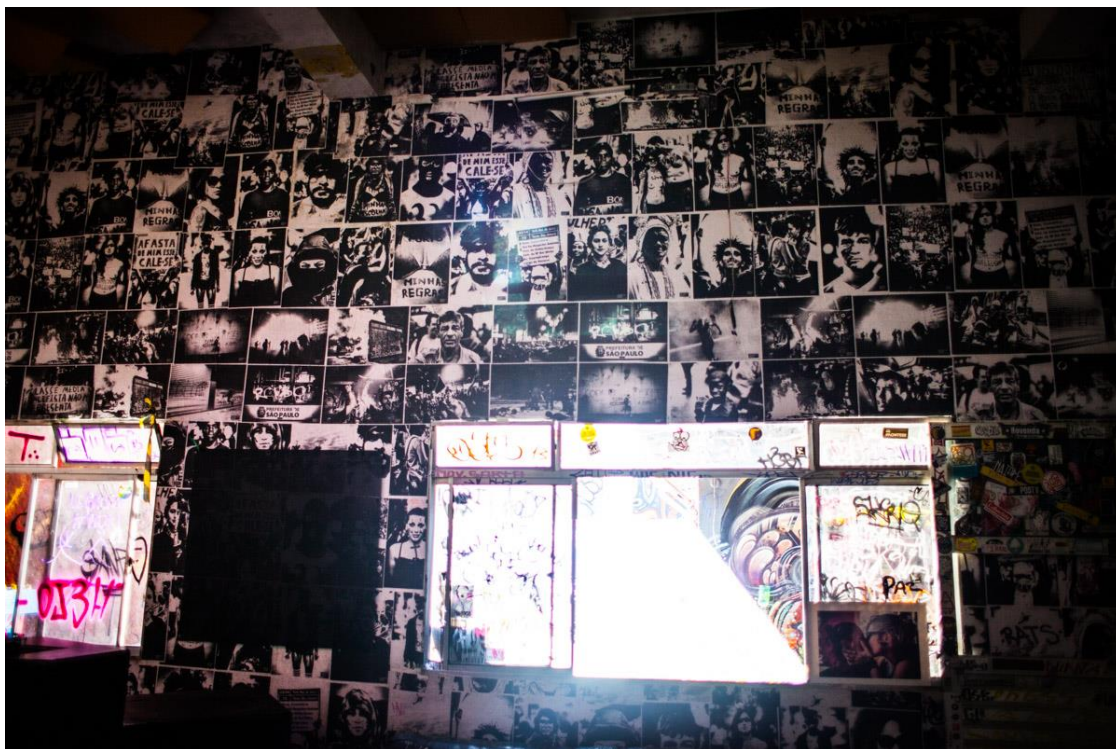


Figura 14: Colagem com fotografias da Mídia Ninja no espaço do *pub*.
Fonte: Diário de campo de Nathália Schneider.



Figura 15: Arte que representa um ninja, realizada pelo famoso grafiteiro Cranio, na parede paralela à colagem de fotografias no espaço do *pub*.
Fonte: Diário de campo de Nathália Schneider.

Através das fotografias da área do pátio e do *pub* da Casa Fora do Eixo São Paulo, é possível observar as paredes externas com seus incontáveis grafites, pixos, colagens, etc. Elas

estão completamente ocupadas como se fossem telas em branco, prontas para serem coloridas e tomarem vidas. Contudo, os muros não comunicam apenas por todas as mensagens que estão materializadas neles, mas principalmente comunicam em seu conjunto enquanto uma estética que subverte os padrões de belo e limpo. As paredes simbolizam a construção de outros modos de vida que o projeto da Casa coletiva é.

A residência é um laboratório diário da vida coletiva, na qual os aplicativos e tecnologias sociais desenvolvidas pelo Fora do Eixo são experimentadas e resignificadas na prática. O Banco, o Partido, a Universidade e a Mídia, ou seja, os simulacros são essenciais para a manutenção e sustentabilidade da vida coletiva, pois organizam a Casa. Entretanto, qual é a função de cada simulacro?

O Banco Fora do Eixo surgiu da necessidade de sustentabilidade financeira para os Coletivos. Este simulacro é formado por pessoas que se dedicam integralmente a pensar as formas de gerar recursos e principalmente ao que chama Louise de “administrar dívidas”, pois dinheiro nunca é algo que está sobrando nas Casas. O Banco é responsável por escrever projetos e editais, fazer as planilhas de entradas e saídas, pagar as contas, ou seja, gerir o Caixa Coletivo. Como já foi apresentado, o Caixa não é de ninguém especificamente, por mais que a Louise seja a responsável pelo controle do mesmo. Ele é de todos, ele é para sustentar a Casa e seus moradores, ou seja, para atividades como comprar alimentos, adquirir equipamentos, roupas, sapatos, pagar viagens, viabilizar eventos, etc.

O **Fora do Eixo Card** é uma moeda social gestada pelo Banco, baseada nos princípios da economia solidária, que visa o desenvolvimento de uma comunidade. O Card surgiu da necessidade de sistematização de trocas de serviços entre os Coletivos, colaboradores parceiros. Por exemplo, no Espaço Cubo, conforme Louise, um dentista prestava serviços por Cubo Card que eram utilizados pelo seu filho nos eventos do Coletivo para comprar bebida, comida, discos, camisetas, etc. O Fora do Eixo Card também pode existir na forma física (papel impresso) em alguns Coletivos, como a Ur\$ula de Santa Maria ou a Patativa de Fortaleza. O Card possui lastro na força de trabalho, que é, segundo Hardt e Negri (2014), a capacidade de produção imaterial de uma pessoa ou grupo.

O Partido Fora do Eixo é inspirado no Partido da Cultura (PCult), que tem como objetivo trabalhar políticas públicas para a cultura no Brasil. Entretanto, além de pensar o ambiente macro, este simulacro é do núcleo responsável pela articulação interna e externa do Fora do Eixo. Por exemplo, no IV Congresso Fora do Eixo, os integrantes do Partido eram quem contatava os convidados e também quem conversava com os Coletivos para solucionar dissidências internas. A proposta ampliada é construir um laboratório autônomo de

formulação de políticas de rede para o desenvolvimento de uma autogestão descentralizada dos movimentos sociais em rede da América Latina.

A Universidade Fora do Eixo é um sistema informal de educação que surgiu da necessidade de formação de novos agentes para a atuação nos Coletivos e na Rede. A Universidade é o simulacro que pesquisa e reflete sobre outras formas de aprendizagem, assim como uma sistematização das trocas e compartilhamentos de informação entre os Coletivos, o que gerou um acervo de metodologias que foi organizado metodicamente. Além da formação livre de gestores, agentes e ativistas, a Universidade também vem pautando desescolarização e questões acerca do ensino formal, devido o aumento de crianças na Rede. Este simulacro também é formado por um grupo de docentes convidados, os quais ajudam a pensar e a refletir sobre as práticas coletivas em determinadas situações. Um exemplo que já foi apresentando no texto é o caso do economista Paul Singer, que ajudou a compreender a importância da economia solidária para o desenvolvimento da Rede no I Congresso Fora do Eixo.

As Casas coletivas são enxergadas como campus permanente da Universidade Fora do Eixo, na qual um indivíduo pode estabelecer contato com a Rede e aprender as tecnologias sociais desenvolvidas pela mesma. Por exemplo, algum estudante de jornalismo que realiza uma vivência planejada para conhecer as práticas comunicacionais da Mídia Ninja. Assim como os campi permanentes, também existem os temporários, que seriam os festivais, eventos, encontros, congressos, etc. A proposta desses campi, é proporcionar ambientes favoráveis às trocas de conhecimentos de forma horizontal e democrática.

A Mídia Fora do Eixo, o último simulacro sobre qual vou discorrer, e também núcleo que eu integrava durante a minha vivência e colaboração com a Rede, pode ser considerado o prelúdio da Mídia Ninja, como já foi apresentado anteriormente. O simulacro da Mídia surgiu da demanda de divulgação dos eventos dos Coletivos, durante o período no qual a música era a principal frente de atuação da Rede, seguido da necessidade de produção de conteúdo institucional sobre o Fora do Eixo. Ela é responsável pela produção, difusão e distribuição de conteúdo, que devido à falta de recursos e equipamentos, transformou a sua precariedade em modelos criativos de comunicação. A Ninja é o principal projeto da Mídia Fora do Eixo.

A base das Casas coletivas são esses quatro simulacros, que também ajudam a gestar os projetos específicos ou compartilhados das residências, como a Mídia Ninja ou o Domingo na Casa. Na verdade, todo o modo de organização do Fora do Eixo enquanto Rede gira entorno desses quatro simulacros. As divisões em Regionais ainda acontecem, porém com menor força, devido à um enxugamento do Fora do Eixo em quantidade de Coletivos.

Diferente do que propõe Castells (2013) para os movimentos sociais em rede, o Fora do Eixo e a Mídia Ninja não são grupos com total ausência de liderança. Isso também não significa que existe um comando totalizador e vertical.

O que o Fora do Eixo procura desenvolver é uma multiplicação de lideranças, mantendo um grande e heterogêneo núcleo orgânico que é responsável por gestar a Rede, pois os integrantes deste estão – em sua maioria – dedicados integralmente ao movimento. Este núcleo, que é chamado de Ponto de Articulação Nacional, atualmente (outubro de 2015) é formado pelas Casas de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Essas três Casas funcionam em um sistema compartilhado de Caixa Coletivo e de equipe orgânica, ou seja, quando uma residência está necessitando de verba ou força de trabalho, as outras duas ajudam a solucionar o problema coletivamente e partilham os recursos materiais e imateriais. Portanto, o modo de organização do Fora do Eixo e da Mídia Ninja é descentralizado – como os nós da internet – e em rede, com um Coletivo ou Casa articulada com a outra e assim por diante.

Como já foi apresentado no texto, o Fora do Eixo está em constante reformulação, fazendo com que muitas práticas fossem modificadas ou abandonadas. Entre essas, as metas de aumentar o tamanho da Rede, pois mais do que a quantidade de integrantes ou Coletivos, hoje o foco é no envolvimento real desses com o projeto.

O Fora do Eixo, que vinha crescendo exponencialmente até 2013, diminuiu a velocidade de crescimento, resultando em um encolhimento da Rede, extremamente perceptível em 2015. Entretanto, apesar da redução em quantidade, não consegui observar uma redução da produção imaterial simbolicamente, pelo contrário, a minha análise indica que muitos dos Coletivos que não são mais atuantes eram ligados ao circuito cultural. Enquanto que os permaneceram possuem o foco no movimento social e no ativismo, que é o meu maior interesse nesta pesquisa: a vida coletiva enquanto ativismo. Para isso, é preciso tentar compreender quais elementos conectam estes sujeitos uns aos outros.

4.4 A MULTIDÃO E SUAS SINGULARIDADES: O QUE UNE ESTES NINJAS?



Figura 16: Montagem de retratos realizados com moradores da Casa Fora do Eixo São Paulo.
Fonte: Diário de campo Nathália Schneider.

Quem são as pessoas desta montagem? Poderia ser uma cinegrafista, uma atriz, um chef de cozinha e uma bailarina; ou poderia ser uma paulista, uma paranaense, um mineiro e outra paulista; ou poderia ser três mulheres e um homem; ou ainda poderia ser uma pessoa heterossexual e três bissexuais. São inúmeras as características que definem cada um dos ninjas e os tornam tão diferentes uns dos outros. A multidão é composta de singularidades. Este conceito apresentado por Negri (2006) foi observado no meu sujeito de estudo. Tanto o Fora do Eixo, quanto a Mídia Ninja, são repletos de singularidades. Ambos são redes heterogêneas, com inúmeras contradições e singularidades, que são refletidas e debatidas por esses jovens que constroem o processo no qual estão imersos. Mas, quem são esses jovens?

Altos e baixos, magros e gordos, brancos e negros, cabelos crespos, lisos, raspados ou coloridos. Diferentes cores, roupas, acessórios, tatuagens, sorrisos e olhares. A diversidade dos ninjas e dos integrantes do Fora do Eixo não está apenas estampada na aparência física, pois na primeira conversa já é possível ouvir uma curiosa e agradável mistura de sotaques. O espanhol do argentino que ainda não fala português fluentemente, a brasileira que carrega o sotaque portenho na língua natal, o paranaense que fala “trem” (gíria mineira) ou o gaúcho

que trocou o “bah” por “vish” (expressão nordestina). Sotaque nenhum permanece imune à mistura de culturas de uma Casa Fora do Eixo.

Entretanto, a diversidade não permanece apenas na aparência física, no sotaque ou na orientação sexual, ela é percebida principalmente na história de vida de cada ninja. Edvam, o jovem de 27 anos que largou a faculdade de direito no último semestre para circular por todo o Brasil com o Fora do Eixo para conhecer a Rede e que hoje vai ser pai pela primeira vez. Ísis, a bailarina e produtora cultural, que desenvolve um projeto de empoderamento negro e feminino através da arte e da *performance* intitulado de **Panterismo**.

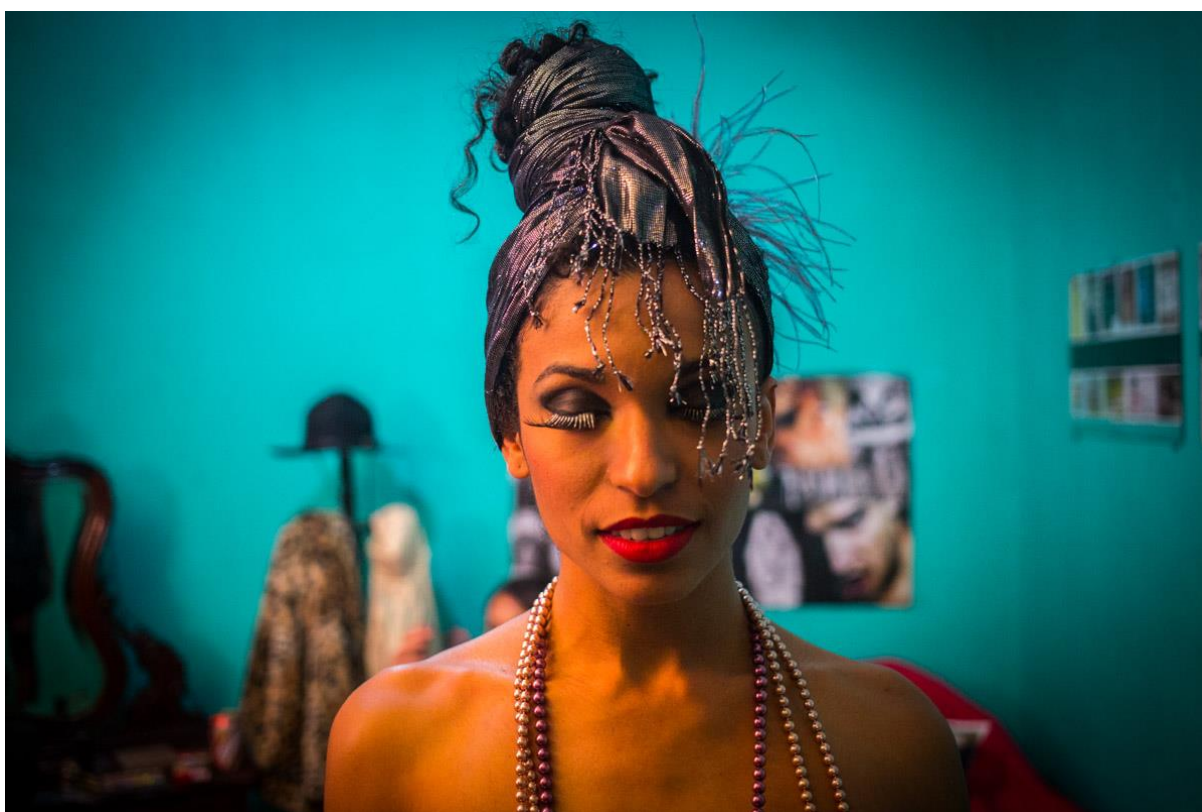


Figura 17: Retrato de Ísis antes da transmissão ao vivo pela Pós TV do programa Puro Lacyr.
Fonte: Diário de campo Nathália Schneider

Cada ninja é uma multidão de singularidades. Contudo o meu objetivo não vai ser aprofundar a história de vida ou detalhar as informações de cada um dos meus interlocutores, pois acredito ser uma exposição excessiva, considerando que já utilizo nomes reais e fotografias. O meu objetivo ao trazer essa narrativa, é exemplificar a heterogeneidade do Fora do Eixo e da Mídia Ninja, para apontar o que une tantas singularidades: a crença do projeto de um novo mundo possível compartilhado.

Conforme Hardt e Negri (2006), a multidão está engajada na invenção de outros modos de se viver e a vida coletiva, na minha análise, é um desses outros formatos. Todos os

moradores das Casas acreditam e investem sua força de trabalho imaterial cotidianamente nesse projeto. O que os une é a crença compartilhada em um outro mundo possível mais humano, mais democrático e com mais amor. O caminho que eles encontraram para construir esse mundo foi na prática coletiva.

4.5 OS AFETOS DA PRÁTICA COLETIVA: QUANDO VIDA E TRABALHO SÃO APENAS UM



Figura 18: Produção audiovisual sobre a janta mexicana produzida pela equipe da Residência Cultural na Casa Fora do Eixo São Paulo.

Fonte: Diário de campo Nathália Schneider.

No dia oito de agosto, Tati e Matias, os encarregados pelo jantar da Casa naquela noite, decidiram que o cardápio seria diferente do que estava proposto no cronograma. Os gestores da Residência Cultural costumam estabelecer cardápios para cada dia e refeição baseados nos mantimentos disponíveis na despensa. Sistematizar e organizar o processo para o maior rendimento possível é uma prática muito utilizada pelo Fora do Eixo para todas as tarefas. Por exemplo, na cozinha é realizado o exercício de evitar o desperdício e reduzir o custo da alimentação.

Entretanto, os cronogramas não são seguidos de forma rígida, pois além dos imprevistos que podem acontecer, surpresas agradáveis também são bem-vindas. Naquela

noite, Tati e Matias, preparam tacos para a refeição e nachos para serem servidos com dois molhos típicos mexicanos de aperitivo. A proposta de um novo cardápio transformou um simples jantar em uma noite mexicana. Uma bancada foi colocada no meio da cozinha para serem montados os pratos individualmente como nos restaurantes, e no quadro, no qual está o cronograma da semana, o menu foi desenhado.



Figura 19: Tati e Matias, os chefs da noite mexicana
Fonte: Diário de campo Nathália Schneider

Contudo, uma intervenção na cozinha não é apenas um jantar. Um vídeo⁶² foi elaborado pela equipe de mídia e divulgado na página do *Facebook* da Casa Fora do Eixo São Paulo. Este é um dos aspectos mais estudados por pesquisadores sobre o Fora do Eixo e da Mídia Ninja: a midiatização. Mas, como já foi apresentado, o objetivo desta pesquisa não é abordar ambos os movimentos através dessa ótica. O que pretendo apresentar com este exemplo é a reflexão abordada por Malini e Antoun (2014) do potencial das narrativas e histórias contadas em manter unidas as pessoas em uma organização e objetivo. Ao assistir novamente o vídeo produzido naquela noite, lembrei-me do quanto divertido foi e como é legal viver numa Casa coletiva. Em uma rede descentralizada territorialmente como é o Fora

⁶² Disponível em: <<https://www.facebook.com/casaforadoeixo/videos/970798596276692/>>. Acesso em: 27 nov. 2015.

do Eixo, essas narrativas ajudam a unir as pessoas que estão distantes geograficamente, pois, ao analisar os comentários das postagens mais relacionadas ao cotidiano da Casa, ou como eles chamam de **vida Fora do Eixo**, é notável que, em sua maioria, são escritas por integrantes da Rede e parceiros que já passaram pela residência.

Cozinha Mexicana!

More Videos by Casa Fora do Eixo São Paulo

Previous · Next



Casa Fora do Eixo São Paulo

Hoje é noite de culinária mexicana na Casa Fora do Eixo São Paulo!

Vai um burrito aí?? — with Marlene Bergamo, Luiz Fabiano Lalli Massani, Flavia Gianini, Louise Akemi, Tati Pansanato, Guilherme Cordeiro Di Curzio, Bianca Rodrigues Lima, Lucas Guarani Kaiwoá Grilli Mala, Pedro Gasparini Vicentini, Gabriela Garcia, Hadd Dalton and Isis Carolina Vergílio at Casa Fora do Eixo São Paulo.

Unlike · Comment · Share · August 5



You, Josi Lahorgue, Christian Braga, Gabriela Garcia and 51 others like this.

Top Comments -

Shared with: Public

1,290 Views

Embed Video

Embed Post

Report video



Figura 20 e Figura 21: *printscreens* da postagem do vídeo da noite mexicana na página da Casa Fora do Eixo São Paulo.

Fonte: página pessoal do *Facebook* de Nathália Schneider.

Neste exemplo da noite mexicana, também é possível observar a categoria trabalhada por Negri (2003) de quando o trabalho ocupa toda a vida. Esses dois elementos que parecem tão divididos no mundo moderno, estão completamente embaralhados no Fora do Eixo e na Mídia Ninja. O expediente não termina às sete da noite, e os finais de semana não são de folga. Uma segunda-feira pode ser mais calma que um domingo e, às vezes, reuniões acontecem na madrugada. Existe uma rotina para a Residência Cultural, porém ela está sujeita a **não grade**⁶³ que uma vida Fora do Eixo é. Este é um dos potenciais de se viver junto, pois se uma reunião se torna necessária é só chamar pelo *chat* do *Telegram* que dentro de meia hora acontece a reunião na sala dos moradores. Mas, para se viver junto é preciso desenvolver uma **inteligência emocional**⁶⁴ e compreender que o bem estar do grupo é essencial, pois quando trabalho e vida são apenas um, os afetos também estão embaralhados.

Além de companheiros de ativismo, os moradores compartilham uma vida juntos:

⁶³ A não grade é um modo de organização que possui uma proposta geral, mas que vai ser estabelecida conforme o andamento das situações. Esse modelo é muito utilizado em congressos ou imersões.

⁶⁴ A inteligência emocional, termo utilizado pelos ninjas, é saber lidar com os conflitos, contradições e todos os elementos que passam uma vida coletiv, como discussões, brigas, namoros, etc.

medos, amores, amizades, brigas e todos os elementos que perpassam as construções de relações. Quando toda a Casa se mobiliza para evitar que um aniversariante passe pela cozinha e perceba que estão assando um bolo para comemorar seu dia, é o bem estar e o carinho por cada um deles que está sendo realizado na prática coletiva. Ao mesmo tempo em que uma festa surpresa é organizada, a produção de um programa ao vivo acontece. Numa Casa Fora do Eixo é tudo junto e misturado: trabalho, vida e afetos.



Figura 22: Isis abraçada na irmã após se emocionar com o bolo surpresa no dia do seu aniversário, que coincidia com a estreia do programa Puro Lacry.

Fonte: Diário de campo Nathália Schneider.

Durante meu campo, eu acompanhei a produção de um Domingo na Casa, que foi especial cultura de refúgio. Como no bairro Cambuci, onde está localizada a Casa coletiva de São Paulo, está se formando comunidades de refugiados haitianos e senegaleses, os ninjas começaram a construir um diálogo com eles. A proposta era produzir um Domingo na Casa, no qual eles pudessem mostrar a sua arte, música e culinária para integrar as comunidades que compartilham o mesmo bairro. A exibição de um documentário e um debate sobre os refugiados também entraram na programação.

Desta forma, reuniões aconteciam na madrugada quando necessário para fazer o *check list* da produção da festa que tomou conta de toda a equipe da Casa. Durante a semana e

principalmente no sábado era feito tudo que já era possível para deixar organizado para o domingo. As tarefas da produção de um Domingo na Casa envolvem praticamente tudo que uma produção de evento exige e um pouco mais: o contato com os músicos; panfletagem; divulgação na internet; a transformação da hospedagem solidária em um camarim para os músicos; a montagem de um espaço de exibição no *pub*, do palco e do som no pátio e do bar; produção das refeições para toda a equipe envolvida e para os artistas; a elaboração de cartazes em português e francês com as informações; a limpeza da Casa; etc. A Casa coletiva é completamente transformada para um Domingo na Casa e é ocupada por dezenas de pessoas do entorno. Em sua maioria, os eventos são gratuitos, porém nesse dia, um valor que seria revertido para os músicos foi cobrado. Quando o evento acaba, a Casa esvazia e permanecem os moradores para toda a desprodução.

Ontem eu participei da primeira produção do Domingo na Casa. Desmontar a casa para uma festa é um grande desapego, pois primeiro limpamos tudo, para depois sujar tudo e assim limpar de novo. A produção do Domingo na Casa começou na sexta com limpeza dos espaços e no sábado montagem de estrutura, que por mais simples que seja, é uma trabalhadeira, mas aos poucos vou pegando o jeito. E no domingo é só colocar instrumentos no palco, separar troco, cozinhar e outras demandas mais tranquilas. Enquanto que na segunda-feira, hoje, é isso: limpar tudo de novo e reorganizar a Casa no seu fluxo de trabalho. Eu fico pensando no tempo em que era Domingo na Casa todo domingo – hoje é só de 15 em 15 dias –, a função que deveria ser. E me lembro que junto com o Domingo na Casa, tinha a reunião geral do Fora do Eixo, e mais mil coisas acontecendo. Naquela época, a Casa de São Paulo não parava nunca enquanto que hoje está mais tranquila. Acredito que isso venha de um amadurecimento enquanto rede, de que parar e respirar também é importante. (DIÁRIO DE CAMPO, 03 de agosto, 2015)



Figura 23: (em sentido horário) o debate realizado no *pub*; os músicos na cozinha da Casa São Paulo; o bar montado com indicação em português e francês; o público dançando no pátio da Casa

Fonte: Diário de campo Nathália Schneider.

Entretanto, o que pode parecer muito cansativo não era encarado dessa forma pelos ninjas, pois ao final do domingo, mesmo exaustos, todos estavam muito alegres. Muitos haitianos e senegaleses que nem conheciam o Fora do Eixo ou a Mídia Ninja haviam comparecido no evento e tudo havia ocorrido conforme planejado. A avaliação final do Domingo na Casa foi muito positiva. Terminar o dia orgulhoso do evento valia a pena o cansaço e a não existência de folga em um final de semana.

Era recorrente ouvir de um dos interlocutores, o menosprezo por uma vida na qual se detesta o que se faz e que, segundo eles, o tempo fora do serviço é usado para se esquecer do mesmo. Os moradores que já foram assalariados e de carteira assinada, comentavam com ainda maior ênfase o quanto trabalhar em algo que não acreditam ou em um sistema era opressor, os fazia mal. A vida misturada ao trabalho é uma das características mais marcantes do Fora do Eixo e da Mídia Ninja e uma das críticas também. Por exemplo, a ausência de um salário para os ninjas já foi chamada de escravidão pós-moderna nos ataques contra à Rede em agosto de 2013.

Ocupar a vida toda com o trabalho, para os ninjas, é ocupar a vida toda com o ativismo. Se uma manifestação acontece na quarta-feira de manhã e se for de acordo que é importante uma cobertura, trabalho nenhum impede um ninja de realizá-la. Como aconteceu com o Cris, fotógrafo morador da Casa de São Paulo, que ao ser informado da ocupação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) próximo ao Rio de Janeiro, foi para o local acompanhar a cobertura. Um dos argumentos para essa escolha pela vida coletiva é que os ninjas não querem ser ativistas ou militantes de término de expediente ou final de semana. O **ativismo 2.0**, como eles chamam, é a abordagem final deste capítulo.

4.6 MAIS AMOR, POR FAVOR: POR UM ATIVISMO SEM DOR E SEM RANCOR

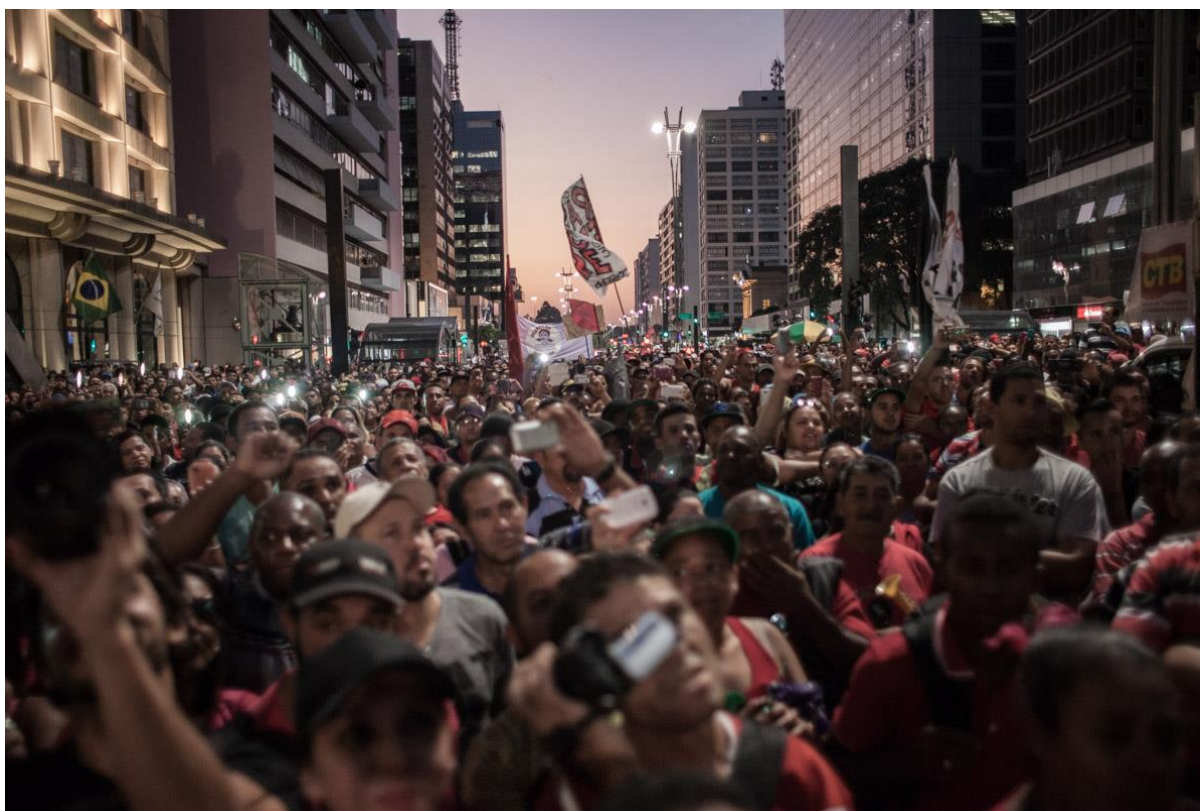


Figura 24: Protesto do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) na Avenida Paulista em São Paulo (SP).

Fonte: Diário de campo Nathália Schneider.

Quando um ninja vai às ruas para cobrir o protesto, ele está colocando em prática seu ativismo. Quando ele retorna à sua casa, que é uma residência coletiva, ele continua exercendo seu ativismo. O seu modo de viver faz parte do seu ativismo.

Malini e Antoun (2013) apresentam uma diferenciação para os conceitos de militante e ativista. Enquanto que o primeiro está relacionado a uma concepção sartriana, tornando o militante alguém que sacrifica a própria vida pelos interesses da revolução, o ativista recusaria

a militância para ter uma vida ativa, pública e secreta ao mesmo tempo através da internet. Desta forma, ele conseguiria unir a realização pessoal e a prática comunitária, longe de ser um sacrifício como é para o militante. Não abordei minha pesquisa através dessa perspectiva, utilizando-os – até mesmo– como sinônimos, pois para os ninjas não havia uma diferença entre os termos.

A questão não gira em torno de militante ou de ativista, mas sim, da forma que qualquer um dos dois é exercida. Através do campo, percebi que para os ninjas o ativismo ocupa toda a sua vida como seria na definição de militância, pois eles afirmam não querer ser ativistas de final de expediente. Entretanto, não é um sacrifício. Ao contrário, nas palavras de um dos meus interlocutores: *é um tesão pelo rolê*. A realização pessoal deles está diretamente relacionada com os projetos nos quais estão envolvidos. Por exemplo, para o Rafael acompanhar e ser um dos protagonistas do crescimento da Mídia Ninja é uma realização pessoal gigantesca. Por isso, optei por utilizar ambos enquanto sinônimos, pois a perspectiva desenvolvida pelos autores para as duas categorias não se aplicaram ao meu sujeito de estudo.

A militância ou ativismo do Fora do Eixo e da Mídia Ninja ocupa toda a vida dos seus integrantes, não é um sacrifício e é uma realização individual e coletiva. O formato ideal, que eles chamam de ativismo 2.0 é calcado no amor. Não é rancoroso, como muitos movimentos sociais que não dialogam entre si e que disputam protagonismo. Ao contrário, é filho da cultura do compartilhamento, na qual a construção é realizada por todos que querem se envolver. A lógica é do código aberto da cultura *hacker* e as decisões são coletivas como as nas comunidades virtuais. As diferenças são deixadas de lado quando a causa é mais importante, como no Festival Redução Não É Solução de São Paulo, quando grupos com dissidências entre si trabalharam juntos. E, principalmente, é um ativismo proativo e não reativo, pois dialogar é essencial.

O Fora do Eixo e a Mídia Ninja defendem esse modelo - talvez utópico - de uma outra forma de ativismo. Com erros e acertos, eles tentam colocar na prática o discurso, mas – antes de qualquer coisa – não deixam que as contradições paralisem o processo. Elas são intrínsecas dos movimentos sociais em rede, pois como afirma Miller (2013), fazem parte da cultura. A construção é coletiva e compartilhada, pois estes grupos estão gestando um novo mundo possível.

Quando uma moradora opta por ter e criar a sua filha Odara em uma Casa Fora do Eixo, compartilhando de uma vida coletiva, ao mesmo tempo que mantém um relacionamento aberto com seu companheiro, outros modos de vida emergem. A gestação da Gabi não é individual, pois ela é compartilhada com os moradores que também acreditam e participam

desse processo. Novas gerações irão surgir juntos com os outros modos de vida, pois a vida e a gestação são coletivas.



Figura 25: Gabriela, moradora da Casa Fora do Eixo São Paulo.
Fonte: Diário de campo Nathália Schneider.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Expor as considerações finais de uma inspiração etnográfica, que já se apresenta enquanto uma das possíveis interpretações do campo, podendo parecer – muitas vezes – uma simplificação rude da realidade, conforme Fonseca (1999), é uma tarefa necessária e complexa. Escrever essas últimas páginas pode ser mais difícil do que escrever todos os outros capítulos, pois, exige o processo de parar, olhar para pesquisa desde o projeto inicial e ponderar não apenas se os objetivos foram atingidos, mas sobre todo o caminho percorrido.

Este trabalho começou através do meu interesse e afinidade com o tema, pois – na época de elaboração do projeto – ainda era uma militante não tão ativa do Fora do Eixo e da Mídia Ninja. A monografia surgiu do desejo de escrever sobre um assunto no qual acreditava. Através das leituras para o referencial teórico e metodológico consegui compreender melhor meus sujeitos de estudos e, aos poucos, afastar-me da Nathália militante para a pesquisadora. Entretanto, tentar construir uma narrativa impessoal e distante também não era meu objetivo, por isso utilizei do conceito proposto por Marcus (1998) de etnógrafo ativista e também de toda bagagem da antropologia, que oferece um local para o subjetivo na pesquisa.

O que eu pretendia com esta monografia era compreender o modo de organização e o estilo de vida da Mídia Ninja e elaborar uma narrativa na qual eu conseguisse unir a experiência prática do campo ao teórico, ou seja, dialogar o sujeito de pesquisa com os meus referenciais teóricos. Para isso, escolhi a inspiração etnográfica como método, enquanto que para a teoria utilizei pensadores, principalmente, da área da comunicação social. Esse é um dos pontos que analiso como mais crítico do meu trabalho: um referencial teórico que não dialoga diretamente com a base metodológica. Contudo, mesmo percebendo este problema, acredito que as escolhas feitas conseguiram explicar e refletir sobre o tema de pesquisa.

Para compreender como surgiu a Mídia Ninja e o Fora do Eixo, utilizei a abordagem do contexto da América Latina sob gestão de governos progressistas (MORAES, 2011), com um recorte do Brasil. Através dessa contextualização, é possível mostrar o quanto o cenário era fértil para o surgimento de grupos e coletivos articulados em rede no mundo híbrido, ou seja, *online* e *off-line*. Desta forma, são apresentados os movimentos sociais em rede, categoria trabalhada por Castells (2013), na qual o Fora do Eixo e a Mídia Ninja se enquadram. As características apresentadas pelo autor acerca dos grupos que organizaram as manifestações globais também são encontradas no meu sujeito de pesquisa, como a descentralização das descrições com a ausência de uma hierarquia rígida e o sistema de

comunicação multimodal.

Entretanto, para compreender as características desses movimentos sociais em rede é preciso compreender a cultura da internet, principalmente a cultura *hacker* e as práticas das comunidades virtuais, categorias também desenvolvidas por Castells (2003). Com a compreensão dos pilares nos quais a internet foi desenvolvida, os conceitos trabalhados pelos filósofos Hardt e Negri (2013) ganham mais clareza. Para esses, o projeto da multidão envolve a retomada da gestão do comum através do trabalho imaterial, fenômeno que também foi possível observar no Fora do Eixo e na Mídia Ninja e que tem semelhanças com a ética *hacker*. Os autores pontuam também que a multidão é um projeto de amor e que visa construir outras formas de vidas, assim como os grupos pesquisados neste trabalho.

A vida coletiva é uma forma de militância, que ocupa toda a história das pessoas envolvidas, mas isso não a torna um sacrifício. Outras formas de ativismo também estão sendo construídas junto com os outros estilos de vida, pois ambos estão relacionados intrinsecamente. É importante ressaltar, que eu não apresento a categoria de ineditismo para esses movimentos, pois eles surgem de um processo laboratorial de compartilhamento de experiências e de construção coletiva. Ou seja, eles vão aprendendo juntos com seus erros e acertos e com demais também. Assim como Castells (1999) pontua que a sociedade em rede não é um fenômeno novo, muitas dessas práticas dos grupos também não são inéditas. Contudo, estão potencializadas pela internet e pelas relações em redes. A gestão do comum ganha uma nova proporção se observada com a internet.

O modo de organização e o estilo de vida do Fora do Eixo e da Mídia Ninja estão em constante mudança, pois são grupos extremamente reflexivos. Acredito que a proposta de uma vida coletiva é um longo processo de experiências absorvidas de outros grupos. Ou seja, um movimento que inspira o outro movimento e assim por diante, até culminar uma prática mais radicalizada das experiências anteriores. A Casa Fora do Eixo é uma das tentativas de outros mundos possíveis, mas não é única ou está sozinha. Ela é uma das experiências que ficou mais conhecida e vem sendo constantemente estudada, pelo processo de midiatização é construído por seus integrantes. Portanto, espero ter trazido mais uma interpretação possível para os estudos dos movimentos sociais em rede e do projeto multidão. Da mesma forma que o estado da arte me ajudou a compreender o que estava sendo estudado sobre o tema, mais uma monografia vai agregar para futuras pesquisas, pois como defende Savazoni (2013), a responsabilidade da produção intelectual é coletiva.

A transformação social é o desejo da multidão através do amor e da construção de outros modos de vida. O Fora do Eixo e a Mídia Ninja, ainda são fenômenos que engatinham

junto aos movimentos sociais em rede, tenho a clareza que meu objeto de pesquisa é vivo e dotado de consciência, por isso tanto me ensinou e me encantou. Espero que em próximas pesquisas, eu seja ainda mais surpreendida pelos meus interlocutores.

Entendo que apresentar uma conclusão definitiva desta minha pesquisa é impossível, pois, ao voltar ao campo para outros trabalhos, posso encontrar uma nova reconfiguração do modo e organização e uma ressignificação da vida coletiva. No entanto, para encerrar esta monografia, posso afirmar com base na minha análise, que o Fora do Eixo e a Mídia Ninja são projetos de um outro mundo possível, porém, para responder que mundo é este que eles tanto falam, precisaria de mais tempo no campo para descobrir. Nesse sentido, acredito ter contribuído para com os estudos sobre esses dois movimentos sociais em rede. Esse é o início de muitos olhares possíveis.

Compreendo também, que sem um distanciamento histórico, torna-se difícil apresentar o legado das manifestações globais, como as Jornadas de Junho, e dos movimentos sociais em rede, como o Fora do Eixo e a Mídia Ninja. Entretanto, Castells (2013) apresenta que este legado pode ser a construção de uma consciência coletiva, que traz a possibilidade de reaprender a conviver enquanto sociedade. Afeto, amor, medo, esperança e trabalho se misturam constantemente na vida coletiva, quando um se preocupa com o bem estar do outro, uma rede de convívio e afeto mútuo é criada. Logo, um outro mundo é possível. Nas redes e nas ruas.



Figura 26: Gabriela e Alessandra se divertindo antes do Domingo na Casa especial Cultura de Refúgio

Fonte: Diário de campo Nathália Schneider.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Thiago D'angelo Ribeiro. EVANGELISTA, Amanda Falcão. Tecnologias móveis, mídias independentes e coberturas de mobilizações sociais urbanas: as influências do “midialivrisimo” na sociedade midiaticizada. In: COLÓQUIO SEMIÓTICA DAS MÍDIAS, Japaratinga, 2013.

ALVES, Giovanni. Ocupar Wall Street... e depois? In: HARVEY, D. et al. **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

ANTOUN, Henrique. As lutas de libertação renascem impulsionadas pelo combustível da verdade. **Revista Fórum**. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Renato Rovai e Marco Biruel. Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/digital/101/entrevista-anonymous/>> Acesso em: 10 dez. 2014.

ARTIGO 19. **Protestos Brasil 2013**. Disponível em: < <http://www.artigo19.org/protestos/>>. Acesso em: 30 out. 2015.

BARROS, Carla Fernanda Pereira. **Trocas, Hierarquia e Mediação: as dimensões culturais do consumo em um grupo de empregadas domésticas**. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.coppead.ufrj.br/upload/publicacoes/Carla_Barros.pdf>. Acesso em: 14 out. 2015.

BENTES, Ivana. Prefácio. In: MALINI, Fábio. ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

_____. Redes colaborativas e pensamento P2P: a dobra brasileira. **P2P & inovação**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2014.

_____. Respeitosamente vândala. **Revista Cult**. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Nunomura. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/03/respeitosamente-vandala/>>. Acesso em: 18 out. 2015.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. A midiaticização do ativismo nas coberturas do G1 e do Mídia Ninja. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 11, n. 30, p. 83-105, 2014.

BRAGA, Ruy. Sob a sombra do precariado. In: MARICATO, E. et al. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013.

BRITO, Felipe. OLIVEIRA, Pedro Rocha de. Territórios transversais. In: MARICATO, E. et al. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15, São Paulo: Editora UNESP, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COSTA, Eliane. **Jangada Digital: Gilberto Gil e as políticas públicas para as culturas das redes**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

DAMATTA, Roberto. Ofício do etnólogo, ou como ter um anthropological blues. **Boletim do Museu Nacional**. Rio de Janeiro, n. 27, p. 2-12, 1978.

FRAGOSO, S. RECUERO, R. AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**. São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005.

FONSECA, Claudia. **O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia “em casa”**. Palestra proferida na mesa: ética e pesquisa etnográfica, durante o Seminário do NACi (Núcleo de Antropologia e Cidadania da UFRGS): experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo. Porto Alegre, novembro de 2007. Disponível em: <<http://claudialwfonseca.webnode.com.br/publicações/antropologia-metodo-etica/>>. Acesso: 24 nov. 2015.

_____. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. In: XXI Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, 1998.

_____. Que ética? Que ciência? Que sociedade? In: FLEISCHER, Soraya. SCHUCH, Patrice. (Orgs.). **Ética e regulamentação na pesquisa antropológica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem etnográfica. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, n. 2, p. 161-185, 1995.

GROHMANN, Rafael. SOUZA, Livia Silva de. A midiaticização das Jornadas de Junho: o consumo na rede. **Ciberlegenda**. Niterói, n. 31, p. 134-143, 2014.

HARDT, Michael. NEGRI, Antonio. **Commonwealth**. Cambridge, Massachusetts: The

Belknap Press Of Harvard University Press, 2009

_____. **Multidão: guerra e democracia na era do império.** Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. O que é a multidão? Questões para Michael Hardt e Antonio Negri. Entrevista concedida a Nicholas Brown e Imre Szeman. **Novos Estudos.** São Paulo, n. 75, p. 93-108, 2006.

HOWE, Jeff. **O poder das multidões: Por que a força da coletividade está remodelando o futuro dos negócios.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

International Telecommunication Union. **The State of Broadband 2015: broadband as a foundation for sustainable development.** Genebra, 2015. Disponível em: <<http://www.broadbandcommission.org/documents/reports/bb-annualreport2015.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

JUNHO, o mês que abalou o Brasil. Direção: João Wainer. Produção: TV Folha. São Paulo: O2, 2013.

KLEIN, Naomi. **Sem Logo: a tirania das marcas em um planeta vendido.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-rede.** Salvador: EDUFBA, 2015.

LÉVY, Pierre. Neutralidade da internet: 'Brasil está na vanguarda', diz Pierre Lévy. **Revista IHU On-Line.** São Leopoldo, 2014. Entrevista concedida a Rennan Setti. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/529309-neutralidade-da-internet-brasil-esta-na-vanguarda-diz-pierre-levy>> Acesso: 10 jun. 2014.

MALINI, Fábio. ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais.** Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARICATO, E. et al. **Cidade Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram a ruas do Brasil.** São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARCUS, George E. **Ethnography through thick and thin.** New Jersey: Princeton University Press, 1998.

MARTINEZ, Monica. PERSICHETTI, Simonetta. Mídia Ninja: a narrativa fotojornalística brasileira na era digital. **Líbero.** São Paulo, v. 18, n. 35, p. 55-64, 2015.

MARTINS, Antonio. Cultura: e se o pós-capitalismo estiver começando? **Outras Palavras,** São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/posts/cultura-e-se-o-pos-capitalismo-estiver-comecando>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MORAES, Dênis de. **As vozes abertas da América Latina: estado, políticas públicas e democratização da comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2011.

MORETZSOHN, Sylvia. **A militância e as responsabilidades do jornalismo**. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed756_a_militancia_e_as_responsabilidades_do_jornalismo> Acesso em: 15 jun. 2013.

NEGRI, Antonio. **Cinco lições sobre o Império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Para uma definição ontológica da Multidão. **Revista Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 15-26, 2004. Disponível em: <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120823Para%20uma%20definição%20ontológica%20da%20multidão%20-%20Antonio%20Negri.pdf> Acesso em: 14 set. 2015.

O'REILLY, Tim. **O que é Web 2.0: padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software**. Disponível em: <<http://www.flaudizio.com.br/files/o-que-e-web-20.pdf>> Acesso em: 2 jun. 2013.

PARENTE, Renata Escarião. Do midialivrisimo de massa ao midialivrisimo ciberativista: uma reflexão sobre as perspectivas de comunicação alternativa no Brasil. In: XXIII ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 2014, Belém. **Anais eletrônicos**. UFPA, 2014. Disponível em: <http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT02_COMUNICACAO_E_CIDADANIA/domidialivrisimodemassaaomidialivrisimociberativista_rebataescariaoparente_compos2014_2148.pdf>. Acesso em: 19 out. 2014.

PIRES, Flávia Ferreira. Roteiro sentimental para o trabalho de campo. **Cadernos de campo**. São Paulo, n. 20, p. 143-148, 2011

SAMAIN, Etienne. Balinese character (re)visitado. In: Alves, André. **Os argonautas do mangue**. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

STRATHERN, Marilyn. Cortando a Rede. **Ponto Urbe**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/1970>>. Acesso em: 18 out. 2015.

SAVAZONI, Rodrigo. **A onda rosa-choque: reflexões sobre redes, cultura e política contemporânea**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

SAVAZONI, Rodrigo. **Os novos bárbaros: a aventura política do fora do eixo**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In: MARICATO, E. et al. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

SECCO, Lincoln. As Jornadas de Junho. In: MARICATO, E. et al. **Cidades rebeldes: passe**

livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013.

SILVA, Lindevania de Jesus Martins. Entre o público e o privado: questões sobre autoria a partir da internet. In: SEGATA, Jean. MÁXIMO, Maria Elisa. BALDESSAR, Maria José. (Orgs.). **Olhares sobre a cibercultura.** Florianópolis: CCE/UFSC, 2012.

THE Square. Direção: Jehane Noujaim. Produção: Karim Amer. Egito, 2013. Son, Color, Formato: 16 mm

TURINO, Célio. **Ponto de Cultura: o Brasil de baixo para cima.** São Paulo: Anita Garibaldi, 2010.

VALLADARES, Lúcia. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** São Paulo, v. 22, n. 63, p 153-155, 2007.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VIANA, Silvia. Será que formulamos mal a pergunta? In: MARICATO, E. et al. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** São Paulo: Boitempo :Carta Maior, 2013.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.